

**Universidade do Minho**  
Instituto de Educação

Tiago Manuel Pereira Cardoso

**A Banda Desenhada histórica como recurso  
e fonte historiográfica para o ensino  
e aprendizagem da História: um estudo  
com alunos do 1.º e 2.º ciclo do E.B.**

Tiago Manuel Pereira Cardoso **A Banda Desenhada histórica como recurso e fonte historiográfica para o ensino  
e aprendizagem da História: um estudo com alunos do 1.º e 2.º ciclo do E.B.**



**Universidade do Minho**  
Instituto de Educação

Tiago Manuel Pereira Cardoso

**A Banda Desenhada histórica como recurso  
e fonte historiográfica para o ensino  
e aprendizagem da História: um estudo  
com alunos do 1.º e 2.º ciclo do E.B.**

Dissertação de Mestrado  
Mestrado em Ensino do 1.º e 2.º Ciclo do Ensino Básico

Trabalho realizado sob a orientação da  
**Doutora Maria Glória Parra Santos Solé**

outubro de 2016

## **AGRADECIMENTOS**

Termino assim, mais uma etapa da minha vida, onde várias pessoas contribuíram para o seu sucesso. Em primeiro lugar agradeço à Doutora Maria Glória Parra Santos Solé pela sua enorme generosidade, carinho, paciência, profissionalismo e colaboração no decorrer desta aventura. Por muito que eu escreva, todas as palavras proferidas não serão suficientes para agradecer todo o apoio que demonstrou em todo o projeto.

Às professoras cooperantes, Fátima Araújo e Carla Barbosa, pela amizade, generosidade, sabedoria, partilha e disponibilidade que sempre demonstraram ao longo do estágio. Ambas contribuíram para o meu enriquecimento enquanto ser humano e futuro colega de profissão. Não esquecendo o meu sincero agradecimento às professoras Rosa Pereira e Inês Batista pela disponibilidade e carinho que tiveram durante as observações e implementações das atividades nas suas turmas de 2.º Ciclo do Ensino Básico.

Aos alunos que integraram este projeto implementado no âmbito do estágio, a eles um grande obrigado pela colaboração, empenho e entusiasmo que manifestaram ao longo do estágio, pois sem isso, não seria possível a sua concretização.

À minha parceira de estágio, Ana Pereira, por toda a colaboração e apoio prestado ao longo deste ano. Foi um gosto enorme ter partilhado esta aventura com ela, vou sempre lembrar dos bons momentos vividos e aprendizagens.

Aos meus amigos, em especial à Anabela Costa, Carlos Cunha, Maria Laura Oliveira e Nanci Botelho, por todos os momentos que partilhamos no decorrer de todo mestrado. Não esquecendo as minhas palavras de agradecimento à Sara Gonçalves, Marisa Oliveira e Carlos Figueiredo que me ajudaram e me apoiaram imenso, ao longo de todo o meu percurso académico.

Aos meus familiares que sempre estiveram do meu lado e me apoiaram, para que conseguisse terminar os meus estudos. Por fim, às duas pessoas que fizeram com que conseguisse alcançar os meus sonhos, tornando-se assim, os principais responsáveis, os meus pais. Obrigado pela paciência, carinho, palavras e por acreditarem que eu seria capaz de chegar até aqui, apesar de todos os sacrifícios.

Obrigado por tudo!



## RESUMO

O estudo que a seguir se apresenta resulta de um projeto investigativo de intervenção pedagógica supervisionada, desenvolvido no âmbito do Mestrado em Ensino do 1.º e 2.º Ciclo do Ensino Básico, da Universidade do Minho, implementado no presente ano. A investigação foi desenvolvida numa turma do 4.º ano de escolaridade, com 26 alunos e numa turma de 6.º ano de escolaridade, com 24 alunos, em duas escolas urbanas do distrito de Braga.

Pretendeu-se com este projeto desenvolver um conjunto de atividades ligadas à exploração de BD e posterior construção de uma BD pelos alunos, que procurou promover nos alunos a leitura e interpretação deste género literário, a produção de inferências e deduções, a procura da objetividade e evidência histórica, cruzando a informação recolhida com outras fontes históricas e historiográficas.

Este projeto visou desenvolver aprendizagens significativas, recorrendo ao modelo construtivista, operacionalizado na aula-oficina. Neste sentido, procurou-se responder às seguintes questões de investigação:

- 1) *Que conhecimento histórico os alunos extraem de uma Banda Desenhada?*
- 2) *Que conhecimento histórico os alunos aplicam na construção de uma Banda Desenhada?*

A concretização deste projeto incidiu sobre a utilização da Banda Desenhada histórica como recurso pedagógico e fonte historiográfica, para o ensino e aprendizagem da História, no 1.º Ciclo, sobre a temática “Expansão marítima portuguesa” e no 2.º Ciclo, sobre o “O 25 de Abril de 1974 e o regime democrático”. Para a abordagem destes temas, no 1.º Ciclo deu-se destaque para a problemática da chegada dos portugueses ao Brasil “Descoberta/Achamento”, onde foram selecionadas excertos de dois álbuns de BD, o primeiro de autores portugueses e o segundo de autores brasileiros. No 2.º ciclo exploraram excertos de duas BDs sobre a temática do 25 de Abril. Foram realizadas várias tarefas e aplicados vários instrumentos de recolha de dados: tarefas de papel e lápis (Ficha de levantamento de ideias, interpretação das BDs, construção de uma BD pelos alunos e ficha de metacognição).

A partir da análise indutiva dos dados recolhidos, pode-se afirmar que este estudo demonstrou a relevância da utilização de BD em sala de aula para aprendizagem de História, contribuindo para o desenvolvimento da compreensão histórica nos alunos, e de outras competências específicas, como a leitura e interpretação de fontes diversas e com mensagens divergentes, bem como competências transversais, ao nível da comunicação (área do Português e da Expressões).

Palavras-Chave: Banda Desenhada; Recurso pedagógico; Ensino da História.



## **ABSTRACT**

The study then presents results of an investigative project supervised pedagogical intervention, developed under the Master in Education 1st and 2nd cycle of basic education, the University of Minho, implemented this year. The research was developed in a class of 4th grade, with 26 students and a group of 6th grade, with 24 students in two urban schools of Braga.

It was intended with this project to develop a set of activities related to the exploration of comic books and later construction of a comics by students, wich sought to promote students reading and interpretation of this literary genre, the production of inferences and deductions, the search for objectivity and historical evidence, crossing the information gathered with other historical and historiographical sources.

This project aimed to develop meaningful learning, using the constructivist model, operationalized in class workshop. In this sense, we tried to answer the following research questions:

- 1) *What historical knowledge students draw a comic strip?*
- 2) *What historical knowledge students apply in building a Comic?*

The realization of this project focused on the use of historical comics as an educational resource and historiographical source for teaching and learning of history in the 1st cycle on the theme "Portuguese maritime expansion" and 2nd Cycle, about the " April 25th 1974 and the democratic regimen." To address of these themes in the 1st cycle was given featured the issue of arrival of the Portuguese in Brazil "Discovery / Finding" where two albums Comics excerpts were selected, the first one Portuguese authors and the second by Brazilian authors. In the 2nd cycle explored excerpts from two comic books on the theme of the 25th April. They were performed various tasks and implemented multiple data collection tools: paper and pencil tasks (sheet lifting ideas, interpretation of Comics, building Comics by students and metacognition sheet).

From the inductive analysis of the data collected, it can be affirmed that this study demonstrated the relevance of the use of comic books in the classroom for learning history, contributing to the development of historical understanding in students, and other specific skills, such as reading and interpretation of various and divergent messages sources as well as soft skills, the communication level (the Portuguese and expressions area).

Keywords: Comics books; Pedagogical Resource; History of Education.



## ÍNDICE

Agradecimentos.....	iii
Resumo.....	v
Abstract.....	vii
Índice de Figuras.....	xi
Índice de Quadros.....	xi
Índice de Gráficos.....	xii
Listagem de Anexos.....	xiii
Lista de Abreviaturas, Siglas e Acrónimos.....	xiii
Introdução.....	15
Capítulo I – Contexto de intervenção e de investigação.....	19
1.1 Caracterização do contexto de intervenção.....	21
1.1.1 Caracterização das instituições.....	21
1.1.2 Caracterização das turmas.....	23
1.1.2.1 Turma do 1.º Ciclo do Ensino Básico.....	23
1.1.2.2 Turma do 2.º Ciclo do Ensino Básico.....	26
1.2 Problemas que suscitou a intervenção pedagógica.....	27
Capítulo II - Enquadramento teórico.....	31
2.1 Banda desenhada: Conceito, origem e estrutura.....	33
2.2 Banda desenhada: Visão dos investigadores.....	37
2.3 A BD no ensino da História.....	44
Capítulo III - Metodologia de Investigação.....	49
3.1 Investigação- Ação.....	51
3.2 Construtivismo: Modelo Aula Oficina.....	53
3.3 Questões de Investigação e Objetivos a atingir.....	55
3.4 Técnicas e instrumentos de recolha de dados.....	56
3.5 Plano Geral de intervenção.....	56
3.5.1 Plano de intervenção no 1.º Ciclo do Ensino Básico.....	57
3.5.2 Plano de intervenção no 2.º Ciclo do Ensino Básico.....	59
Capítulo IV - Implementação das Atividades.....	61

4.1	Implementação do Projeto de Intervenção no 1.º Ciclo.....	63
4.2	Implementação do Projeto de Intervenção no 2.º Ciclo.....	72
Capítulo V - Análise de dados.....		79
5.1	Análise de dados dos alunos do 1.º Ciclo.....	81
5.1.1	Conclusões do Projeto de intervenção no 1.º Ciclo .....	103
5.2	Análise de dados dos alunos do 2.º Ciclo.....	106
5.2.1	Conclusões do Projeto de intervenção no 2.º Ciclo .....	126
Capítulo VI - Conclusões finais, limitações e recomendações .....		129
6.1	Conclusões finais .....	131
6.2	Limitações e recomendações .....	137
Referências bibliográficas .....		139
Documentos legais .....		142
Anexos .....		143

## ÍNDICE DE FIGURAS

- Figura nº 1** – Processo de Investigação- Ação;
- Figura nº 2** – BD do aluno A4 do 1.º Ciclo;
- Figura nº 3** – BD do aluno A1 do 1.º Ciclo;
- Figura nº 4** – BD do aluno A11 (part.2) do 1.º Ciclo;
- Figura nº 5** – BD do aluno A16 do 1.º Ciclo;
- Figura nº 6** – BD do aluno A26 do 1.º Ciclo;
- Figura nº 7** – BD do aluno A13 do 1.º Ciclo;
- Figura nº 8** – BD do aluno A22 do 1.º Ciclo;
- Figura nº 9** – BD do aluno A5 do 1.º Ciclo;
- Figura nº 10** – Representação do aluno A15 do 2.º Ciclo;
- Figura nº 11** – Representação do aluno A16 do 2.º Ciclo;
- Figura nº 12** – Representação do aluno A20 do 2.º Ciclo;
- Figura nº 13** – Representação do aluno A21 do 2.º Ciclo;
- Figura nº 14** – BD do aluno A6 do 2.º Ciclo;
- Figura nº 15** – BD do aluno A26 do 2.º Ciclo;
- Figura nº 16** – BD do aluno A8 do 2.º Ciclo;
- Figura nº 17** – BD do aluno A22 do 2.º Ciclo;
- Figura nº 18** – BD do aluno A16 do 2.º Ciclo;
- Figura nº 19** – BD do aluno A12 do 2.º Ciclo.

## ÍNDICE DE QUADROS

- Quadro nº 1** – Plano geral de intervenção do Projeto;
- Quadro nº 2** – Plano geral de intervenção do Projeto no 1.º Ciclo do Ensino Básico;
- Quadro nº 3** – Plano geral de intervenção do Projeto no 2.º Ciclo do Ensino Básico;
- Quadro nº 4** – Desenho das implementações do Projeto no 1.º Ciclo do Ensino Básico;
- Quadro nº 5** – Desenho das implementações do Projeto no 2.º Ciclo do Ensino Básico;
- Quadro nº 6** – Sistema de categorização (categorias e descritores) das respostas dos alunos sobre a definição do conceito de Banda Desenhada na ficha de levantamento de ideias prévias do 1.º Ciclo;

**Quadro nº 7** – Sistema de categorização (categorias e descritores) das respostas dos alunos sobre a descrição dos habitantes da Terra de Vera Cruz;

**Quadro nº 8** – Sistema de categorização (categorias e descritores) das respostas dos alunos sobre a reação dos habitantes da Terra de Vera Cruz à chegada dos portugueses ao seu território;

**Quadro nº 9** – Sistema de categorização (categorias e descritores) das respostas dos alunos sobre as semelhanças e diferenças das BDs;

**Quadro nº 10** – Sistema de categorização (categorias e descritores) dos elementos verbais e pictóricos das BDs dos alunos do 1.º Ciclo;

**Quadro nº 11** – Sistema de categorização (categorias e descritores) das respostas dos alunos do 2.º Ciclo sobre o 25 de Abril;

**Quadro nº 12** – Sistema de categorização (categorias e descritores) das respostas dos alunos sobre a definição do conceito de Banda Desenhada na ficha de levantamento de ideias prévias do 2.º Ciclo;

**Quadro nº 13** – Sistema de categorização (categorias e descritores) das respostas dos alunos do 2.º Ciclo à questão 1.5 da Ficha de Interpretação;

**Quadro nº 14** – Sistema de categorização (categorias e descritores) das respostas dos alunos do 2.º Ciclo à questão 1.6 da Ficha de Interpretação;

**Quadro nº 15** – Sistema de categorização (categorias e descritores) dos elementos verbais e pictóricos das BDs dos alunos do 2.º Ciclo.

## **ÍNDICE DE GRÁFICOS**

**Gráfico nº 1** – Conhecimento das Bandas Desenhadas pelos alunos do 1.º Ciclo;

**Gráfico nº 2** – Identificação dos elementos constitutivos de uma BD pelos alunos do 1.º Ciclo;

**Gráfico nº 3** – Conhecimento substantivos referente à descoberta das ilhas de Porto Santo, Madeira e Arquipélago dos Açores;

**Gráfico nº 4** – Identificação das personagens presentes na BD pelos alunos do 1.º Ciclo;

**Gráfico nº 5** – Designações atribuídas ao povo do Brasil pelos alunos do 1.º Ciclo;

**Gráfico nº 6** – Identificação das personalidades que se destacaram no 25 de Abril de 1974 segundo os alunos do 2.º Ciclo;

**Gráfico nº 7** – Identificação dos elementos constitutivos de uma BD pelos alunos do 2.º Ciclo;

**Gráfico nº 8** – Identificação das personagens patente nos excertos das BDs pelos alunos do 2.º Ciclo.

## **LISTAGEM DE ANEXOS**

**Anexo I** – Ficha de Levantamento de Ideias sobre BD aplicada no 1.º Ciclo;

**Anexo II** – Ficha de Trabalho “Expansão Ultramarina Portuguesa”;

**Anexo III** – Excerto da BD “A Grande Aventura”;

**Anexo IV** – Ficha de Interpretação da BD aplicada no 1.º Ciclo;

**Anexo V** – Fontes históricas aplicadas no 1.º Ciclo;

**Anexo VI** – Excerto da BD “O Achamento do Brasil – A Carta de Pero Vaz de Caminha a El-Rei D Manuel”;

**Anexo VII** – Ficha de Comparação das BDs aplicada no 1.º Ciclo;

**Anexo VIII** – Ficha de levantamento das ideias/ conhecimentos sobre o 25 de Abril aplicada no 2.º Ciclo;

**Anexo IX** – Ficha de levantamento de ideias sobre BD aplicada no 2.º Ciclo;

**Anexo X** – Fontes historiográficas aplicadas no 2.º Ciclo;

**Anexo XI** – Pranchas de Victor Mesquita sobre o 25 de Abril;

**Anexo XII** – Excertos da BD “Portugal 8 Séculos em Banda Desenhada”;

**Anexo XIII** – Ficha de Interpretação da BD aplicada 2.º Ciclo;

**Anexo XIV** – Ficha de Metacognição.

## **LISTA DE ABREVIATURAS, SIGLAS E ACRÓNIMOS**

**AECs** – Atividades Extra- Curriculares;

**BD** – Banda Desenhada;

**BDs** – Bandas Desenhadas;

**ME** – Ministério da Educação;

**(n=)** – Número de ocorrências de uma resposta;

**(N=)** - Número total de alunos da turma;

**PEA** – Projeto Educativo do Agrupamento;

**PES** – Prática de Ensino Supervisionada;

**PIP** – Projeto de Intervenção Pedagógica;

**PT** – Plano de Turma.



## **INTRODUÇÃO**

O presente relatório de estágio foi desenvolvido no âmbito da unidade curricular de Prática de Ensino Supervisionada (PES), inserida no segundo ano de estudos, do mestrado em ensino do 1.º e 2.º Ciclo do Ensino Básico, pelo Instituto de Educação da Universidade do Minho, sob a supervisão da Doutora Maria Glória Parra Santos Solé.

O projeto de investigação apresentado foi implementado em dois contextos escolares urbanos do distrito de Braga, nomeadamente numa turma de 4.º ano de escolaridade do 1.º Ciclo do Ensino Básico, constituída por 26 alunos e numa turma de 6.º ano de escolaridade do 2.º Ciclo do Ensino Básico, constituída por 24 alunos.

O presente projeto apresenta como temática “A Banda Desenhada Histórica como recurso e fonte historiográfica para o ensino e aprendizagem da História: um estudo com alunos do 1.º e 2.º Ciclo do Ensino Básico”, tendo como finalidade implementar, nas aulas de Estudo do Meio do 1.º Ciclo, na vertente no ensino da História e nas aulas de 2.º Ciclo, de História e Geografia de Portugal, a utilização da Banda Desenhada como recurso didático e fonte historiográfica a serem explorados com as crianças de ambos os ciclos de Ensino.

Perante este tema, pretendeu-se desenvolver nos dois contextos educativos, um conjunto de atividades ligadas à exploração de Banda Desenhada e posterior construção de uma BD pelos alunos, com o objetivo de levar os alunos a procederem à leitura e interpretação deste género literário, produção de inferências e deduções, procura da objetividade e evidência histórica, cruzando a informação extraída das BDs com outras fontes históricas e historiográficas.

Posteriormente, o projeto passou por uma fase avaliativa, a partir da análise dos dados recolhidos e instrumentos aplicados ao longo do estudo, de modo a averiguar a relevância e pertinência da utilização de Banda Desenhada em contexto sala de aula, no processo de aprendizagem da área disciplinar de História. Assim sendo, com este projeto pretendeu-se favorecer um maior desenvolvimento da compreensão histórica por parte dos alunos, e de outras competências específicas, como por exemplo, a leitura e interpretação de fontes diversas.

Seguidamente apresenta-se a estrutura do presente relatório, que se encontra estruturado em seis capítulos:

O capítulo I “Contexto de Intervenção e de Investigação”, apresenta os contextos de intervenção e investigação onde foi aplicado o respetivo projeto de investigação-ação. Neste capítulo, será apresentada a caracterização dos dois contextos educativos cooperantes, nomeadamente, o do 1.º Ciclo e o do 2.º Ciclo do Ensino Básico, tendo em conta às suas infraestruturas, recursos e práticas desenvolvidas. Posteriormente, será apresentada a caracterização das respetivas turmas, conforme os documentos oficiais disponibilizados pelos contextos e/ou professores cooperante, bem como, os instrumentos de recolha de informação utilizados, neste caso os registos diários e as gravações, que foram previamente solicitadas/autorizadas pelos professores cooperantes e encarregados de educação.

No capítulo II “Enquadramento Teórico”, diz respeito à revisão da literatura da temática em estudo, sobre o conceito de BD e o estado de arte relacionada com o tema, fazendo a apresentação da visão de alguns investigadores e dos estudos que se desenvolveram sobre a BD, como género literário aplicado no ensino da História, bem como, da pertinência de utilização de bandas desenhadas históricas como um recurso didático, que visa desenvolver a construção do conhecimento histórico por parte dos alunos.

O capítulo III “Metodologia de Investigação”, apresenta a metodologia desenvolvida no presente projeto, aplicando-se uma abordagem com contornos de investigação-ação, tendo sido, operacionalizado com base no modelo construtivista de Aula-Oficina, da autora Isabel Barca. Apresentam-se ainda, as questões de investigação, os objetivos do presente estudo, os instrumentos de recolha utilizados no decorrer das diversas sessões de recolha de dados e o desenho do projeto de investigação, com as etapas da sua implementação.

O capítulo IV “Implementação das atividades”, apresenta de forma detalhada as diversas atividades realizadas ao longo do projeto nos dois ciclos de ensino, com o intuito de demonstrar como é que o projeto foi desenvolvido, as várias etapas e procedimentos, bem como, a aplicação dos vários instrumentos utilizados ao longo do projeto.

O capítulo V “Análise de dados”, visa demonstrar os dados obtidos ao longo das sessões implementadas, no 4.º e 6.º ano de escolaridade, através dos vários instrumentos de recolha de dados, de modo a poder proceder à sua análise e discussão.

Por fim, no capítulo VI “Conclusões Finais, Limitações e Recomendações”, são expostas as conclusões finais obtidas com a aplicação do presente projeto de intervenção, tendo por base os dados referenciados no capítulo anterior, de modo, a dar resposta às questões de investigação elaboradas.



## **CAPITULO I – CONTEXTO DE INTERVENÇÃO E DE INVESTIGAÇÃO**

O presente capítulo pretende apresentar os contextos educativos, onde foi implementado o respetivo projeto de investigação-ação. Para isso foram utilizados documentos oficiais, disponibilizados pelas instituições e pelos professores cooperantes, de modo a caracterizar de forma sustentada os estabelecimentos de ensino e as respetivas turmas. Também os instrumentos de observação (diários de bordo, registos fotográficos) usados numa fase inicial da prática supervisionada demonstraram ser essenciais e pertinentes, para auxiliar a seguinte apresentação, conforme a documentação oficial.



## **1.1 Caracterização do contexto de intervenção**

### 1.1.1 Caracterização das instituições

No 1.º Ciclo do Ensino Básico a Prática de Ensino Supervisionada realizou-se na EB Conde de S. Cosme situada no centro da cidade de Vila Nova de Famalicão. Na sua localização geográfica, encontram-se vários serviços, que servem os habitantes, como o Hospital, Bancos, Restauração, Registo civil, entre outros. De referenciar que muitos dos alunos que frequentam este estabelecimento de ensino são provenientes das várias freguesias do concelho, em que a sua ingressão se deve aos seus encarregados de educação trabalharem no centro da cidade.

A escola mencionada dispõe de um edifício tradicional, inaugurada a 28 de abril de 1948. Esta possui oito salas de aula, para os diferentes anos escolares do 1.º Ciclo, distribuídas por duas entradas, seis casas de banho no exterior para os alunos e duas casas de banho para os docentes, campo de terra para as crianças realizarem as suas brincadeiras e para a concretização das atividades Extracurriculares (aulas de Expressão Físico-Motora). É de salientar o facto de a escola possuir espaços cobertos para que os alunos possam estar protegidos no recreio em tempo de chuva.

Ao lado da escola, existe um edifício que auxilia a comunidade escolar, onde se situa a sala dos professores, sala da direção e a cantina escolar, onde algumas crianças da escola realizam as suas refeições, que estão entregues a uma empresa que fornece a alimentação, cuja responsabilidade é da autarquia, segundo o que contempla o Plano Educativo do Agrupamento (PEA).

Em termos de equipamentos e recursos logísticos, a escola dispõe em todas as salas de aulas computadores com acesso à internet, mas só algumas possuem quadros interativos.

Ao nível do material educativo, todas as salas encontram-se equipadas com vários materiais que permitem auxiliar e enriquecer as atividades educativas dos docentes.

No que diz respeito aos recursos humanos existentes neste contexto, esta escola possui, uma diretora, oito docentes titulares para as oito turmas existentes, quatro docentes que lecionam as AECs (as aulas de Expressão Físico Motora, Música, Inglês), dois docentes que estão a coadjuvar as turmas, em horários devidamente estipulados e por fim, quatro assistentes operacionais, que constituem o pessoal não-docente.

No 2.º Ciclo o estágio concretizou-se na EB2/3 Júlio Brandão localizada na Rua Padre António José Carvalho Guimarães, na União de Freguesias de Vila Nova de Famalicão e Calendário, na cidade de Vila Nova de Famalicão.

Ao nível histórico, o contexto educativo inicialmente tinha como designação, Escola Preparatória de Júlio Brandão, de acordo com a portaria n.º 23600, de 09/09/1968, cujas instalações

se situavam na atual Escola Secundária D. Sancho I. “Em 18 de Dezembro de 1986, foi dado início à construção das instalações definitivas da atual Escola, na Rua Padre António José Carvalho Guimarães, tendo entrado em funcionamento no ano letivo de 1987/88, com a frequência de cerca de 1500 alunos.” (PEA, p.7)

Esta escola, no ano letivo 2003/2004 passou a Agrupamento, sendo composta por quatro estabelecimentos de jardim-de-infância, seis contextos de 1.º Ciclo e um contexto de 2.º e 3.º Ciclo do Ensino Básico. Por fim, devido ao “despacho do Senhor Secretário de Estado do Ensino e da Administração Escolar datado de 28 de junho de 2012, foi feita a fusão do Agrupamento de Escolas Júlio Brandão com a Escola Secundária/3 Camilo Castelo Branco, constituindo-se uma única unidade de gestão designada de Agrupamento de Escolas Camilo Castelo Branco, tendo como sede a Escola Secundária.” (PEA, p.8)

Com base no Projeto Educativo do Agrupamento 2013-2017 (PEA) a escola contabiliza um total de 2280 alunos, distribuídos pelas 45 turmas, em que 20 turmas são do 2.º Ciclo e 25 turmas do 3.º Ciclo.

Em relação às instalações a escola dispõe de quatro blocos com dois pisos, onde podemos encontrar no Bloco 1, a telefonista, a sala dos professores, a direção da escola, os gabinetes de atendimento aos Encarregados de Educação, a biblioteca escolar, as salas de Educação Musical e uma sala de estudo; no Bloco 2, encontramos salas direcionadas para a prática da área disciplinar de Educação Visual e Tecnológica; no Bloco 3, encontram-se as salas de Laboratório (direcionadas ao ensino das Ciências), por fim no Bloco 4, localiza-se a cantina, a unidade de apoio especializado para a educação de alunos com NEE – Necessidades Educativas Especiais (multideficiência e surdo cegueira congénita) e os laboratórios direcionados para o 3.º Ciclo.

Todos os blocos mencionados anteriormente possuem casas de banhos, salas de aulas tradicionais (para além daquelas referenciadas anteriormente) e salas de informática para a realização de trabalhos de grupo. Ainda no campo das infraestruturas, podemos encontrar ainda a Casa do Aluno, que está ao serviço dos alunos com Necessidades Educativas Especiais do Agrupamento, quatro campos e dois pavilhões desportivos para a área disciplinar de Educação Física, uma sala de jogos (ténis de mesa, matraquilhos, jogos de tabuleiros) e por último, o bar e papelaria/reprografia.

Em termos de equipamentos/recursos, a escola dispõe em todas as salas dois quadros brancos (exceto quando possuem quadros interativos, pois nesse caso, apenas possuem um quadro branco), computador com ligação à internet, colunas incorporadas e um projetor. Todos os computadores possuem ligação ao sistema informático E-schooling, tendo a função dos antigos livros

de ponto, permitindo assim, a que cada docente possa marcar as faltas, as fichas de avaliação, entre outras funções.

## **1.1.2 Caracterização das turmas**

### 1.1.2.1 Turma do 1.º Ciclo do Ensino Básico

Na Prática Educativa Supervisionada tive a possibilidade de estagiar numa das turmas de 4º ano de escolaridade, constituída por 26 alunos, sendo que, 16 eram rapazes e 10 eram raparigas, com idade entre os 9 e os 10 anos. Ao nível socioeconómico e cultural a turma pertencia a famílias com um nível socioeconómico médio/alto.

No que diz respeito aos Encarregados de Educação, estes mostravam-se muito participativos no quotidiano escolar dos seus filhos, conforme é referido no Plano de turma (2014/2015), onde indicava que estes estabeleciam contacto com a docente, de modo a obterem informações sobre o percurso escolar do aluno. Durante o estágio, foi possível averiguar a preocupação dos pais com os seus filhos, uma vez que estes no início e/ou no final das aulas, estes abordavam a professor titular sobre diversos assuntos, no âmbito do percurso escolar dos alunos.

No que diz respeito ao comportamento e participação, a turma era bastante empenhada e participativa, onde os alunos demonstravam interesse e empenho em todas as atividades propostas pela professora titular. No entanto, alguns alunos apresentavam níveis de competitividade pouco salutar, e pouca partilha entre eles. De referir que cada aluno tinha ao seu dispor uma caixa individual, que colocava à sua frente com variados materiais, como por exemplo, cola, lápis, borrachas, lápis de cor, marcadores. O material referido anteriormente, ficava guardado no final de cada dia, nos armários que a sala disponha junto dos manuais e cadernos escolares das crianças. O grupo de turma estava frequentemente habituado a trabalhar individualmente, mas quando eram presenciados com atividades cujos mesmos tinham que trabalhar em grupo, estes apresentavam algumas dificuldades em realizar as tarefas propostas.

Em contrapartida, o aproveitamento escolar era bastante satisfatório, pois segundo o Plano de Turma (2014/2015), os alunos tiveram menções às várias áreas curriculares de 4 a 5 valores, em que alguns mantiveram esses valores nos três períodos escolares, outros foram obtendo de forma crescente.

Relativamente aos critérios de avaliação, o contexto educativo rege-se pelos documentos oficiais do Agrupamento, de acordo com o documento dos “Critérios de Avaliação” no 1.º Ciclo, onde a

avaliação do aluno está compreendida em 75% para os conteúdos e aprendizagens adquiridas e 25% para as atitudes e valores, sendo que esta última pode ou não ser aplicável.

Nesta turma era notória a utilização das três tipologias de avaliação: diagnóstica, formativa e sumativa, sendo que a primeira é utilizada no início do ano, pois permite verificar a que nível é que os alunos se encontram e que estratégias deverão ser adotadas ao longo do ano, a formativa é utilizada no decorrer dos períodos e a sumativa pode ser de caráter interno ou externo. De referir que os instrumentos utilizados para o processo da avaliação são as fichas diagnósticas, as fichas de avaliação, os portefólios e as fichas de autoavaliação que cada aluno realiza no final de cada período. As atividades em sala de aula estavam muito direcionadas para o uso do manual escolar, sendo este um recurso indispensável nas implementações das várias áreas curriculares.

Por outro lado, o grupo beneficiava de abertura e gentileza da docente, ao ponto de esta permitir a participação da turma nas várias atividades propostas, quer pelo Agrupamento quer por entidades exteriores ao contexto escolar, como por exemplo, em ações educativas que o município organizava para as várias escolas do concelho. Estas atividades podiam ser realizadas dentro ou fora do contexto escolar conforme a sua tipologia.

As dinâmicas utilizadas na turma eram muito diversificadas, o que ajudava a fomentar o espírito de participação e de empenho dos alunos. Uma delas era a “Medalha da turma” em que esta dinâmica era usada diariamente, tratando-se em atribuir ao aluno com um comportamento adequado e uma boa participação uma medalha, em que este podia levar para casa, devolvendo-a no dia seguinte. De referir que todos os dias a medalha era entregue a um aluno diferente da turma.

A entrega de berlindes e de autocolantes era outra estratégia utilizada, de modo a dar um estímulo positivo/feedback ao aluno, perante uma tarefa proposta. Outra prática utilizada era o apadrinhamento, onde os alunos do 4.º ano de escolaridade apadrinhavam os novos alunos da escola, de modo a que estes se sentissem mais protegidos e apoiados nesta nova fase, com vista à criação de laços com crianças de idades diferentes.

O chefe e o subchefe era uma prática, com o intuito de inculcar um sentido de responsabilidade, a seis alunos de duas em duas semanas, sendo que estes tinham a tarefa de auxiliar o docente na distribuição dos materiais a serem utilizados numa determinada tarefa.

A disposição da sala de aula encontrava-se organizada em “L” de ambos os lados da sala, tendo uma “ilha” no centro das duas fileiras de mesas. Esta ordenação facilitava muito o contacto rápido da docente com todos os alunos, pois facilitava a deslocação na sala e permitia aos alunos

visualizarem todos os colegas e o que estava a ser projetado/realizado no quadro. A sala em si não era muito espaçosa, mas apresentava uma boa iluminação, devido às três janelas grandes que possuía.

Esta sala apresentava também quatro armários, para guardar os materiais dos alunos e das áreas disciplinares, um quadro branco, um quadro interativo, um computador, uma aparelhagem, colunas, projetor e quadros de cortiça para expor os trabalhos realizados pelos alunos, bem como, os posters fornecidos pelas editoras.

O relacionamento entre a professora titular e os alunos era bastante positivo, sendo que era notória a grande cumplicidade entre eles, pois o facto de já se conhecerem desde 1.º ano de escolaridade permitia a abertura da partilha de assuntos mais pessoais entre eles. A postura da professora era de liderança, de modo a que, os alunos não ultrapassassem os limites ao nível de comportamento, pois como tenho vindo a referir, a turma pautava-se por ser excessivamente participativa, tentando cobrir ou interromper as colaborações dos seus colegas, ao qual a docente tinha de incorporar uma postura firme, de modo a que as atividades decorressem na normalidade, assim como, todos os alunos pudessem participar de igual forma.

Por fim, como já fui referenciando ao longo desta descrição, a turma possuía um Plano de Turma, que foi gentilmente fornecido pela professora titular, onde pude averiguar no presente documento todo o percurso escolar da turma ao longo do ano letivo. O documento em questão era bastante extenso, pois integrava um enquadramento e os objetivos do plano, constituição da turma com as fotografias dos alunos, horários dos professores da turma, caracterização da turma e sua descrição consoante a observação efetuada pela docente, percurso escolar e necessidades de saúde. Outro aspeto a salientar, deste documento, eram os interesses e gostos dos alunos, onde se verificou que todos gostam de ver filmes e desenhos animados na televisão, 84% da turma utilizava o computador para jogar e 80% dos alunos gostam de brincar nos seus tempos livres.

No âmbito das preferências das áreas disciplinares, 44% indicaram maior preferência para o Português, posteriormente, para a Matemática e por fim, 12% referiram que gostavam das atividades ligadas às Expressões. Outros pontos referenciados no presente documento, eram as estratégias, os objetivos gerais e objetivos transversais a serem alcançados ao longo do ano letivo, bem como as atividades a desenvolver dentro/fora da sala de aula e as ofertas complementares.

Este plano de turma disponibilizado pela professora titular diz respeito ao ano letivo anterior (2014/2015), sendo que o do presente ano encontrava-se em construção. É de referir que, no que diz respeito ao Projeto Educativo da Escola, segundo a professora este não existe, por se tratar de uma instituição regida pelo Projeto Educativo do Agrupamento.

### 1.1.2.2 Turma do 2.º Ciclo do Ensino Básico

Terminada a Prática Educativa Supervisionada no 1.º Ciclo do Ensino Básico, tive a possibilidade de realizar a prática/estágio no 2.º Ciclo do Ensino Básico, numa turma do 6.º ano de escolaridade, constituída por 24 alunos, sendo 13 raparigas e 11 rapazes.

A turma em questão não continha referenciado nenhum aluno com Necessidades Educativas Especiais, porém existia um conjunto de alunos com dificuldades de aprendizagem em algumas disciplinas, tendo um plano de acompanhamento pedagógico, nomeadamente nas disciplinas de Português, Matemática e Inglês.

Ao nível do comportamento global da turma, a menção era satisfatória, com base no Plano de Turma (2015/2016), tratando-se de uma turma que continha alunos com grande vontade em participar e expressar o seu ponto de vista, mesmo quando não era solicitado pelo docente, mas por outro lado, continha também alunos onde as suas participações eram quase nulas, sendo nesses casos necessário, na maioria das vezes, a solicitação pelo docente para as suas participações, para que assim este pudesse perceber se restavam dúvidas ou dificuldades, perante um determinado assunto.

No que diz respeito ao aproveitamento escolar, todos os alunos transitaram para o 3.º Ciclo de escolaridade, porém alguns alunos foram sinalizados, para que no próximo ano letivo tenham apoio a um conjunto de disciplinas, para colmatar as suas dificuldades.

Por outro lado, existem alunos com resultados excelentes, sendo referenciados para os quadros de “Valor e Excelência”. Segundo o regulamento, os alunos com média igual ou superior a 4,5 valores (no 2.º Ciclo do Ensino Básico), são destacados para receber o “Diploma de Excelência”, ao qual nesta turma foram destacados seis alunos. No que diz respeito aos “Quadros de Valor”, são reconhecidos os alunos que se destacam em atividades no “âmbito extracurricular, social, desportivo, cultural ou científico com impacto a nível local, nacional ou internacional<sup>1</sup>”, sendo que na turma só um aluno foi destacado para este reconhecimento.

Relativamente aos critérios de avaliação, a escola rege-se pelos documentos oficiais do Agrupamento, ao qual segundo o documento dos “Critérios de Avaliação” no 2.º Ciclo, os critérios são iguais aos do 1.º Ciclo. Contudo, a avaliação é um processo contínuo, portanto para isso existem regras particularizadas, por isso para o 1.º Período a avaliação tem um peso de 100%; para o 2.º Período a classificação final do aluno consiste, em 40% da nota atribuída no 1º Período e 60% da

---

<sup>1</sup> Fonte: [www.aeccb.pt/quadros-de-valor/](http://www.aeccb.pt/quadros-de-valor/)

atribuição da avaliação do 2.º Período, sendo que no 3.º Período a classificação final do aluno consiste, em 60% da atribuição obtida no 2.º Período e 40% da classificação obtida no último período. Tal como já foi referenciado no 1.º Ciclo, neste ciclo de escolaridade, são também utilizadas as três tipologias de avaliação, são elas, a diagnóstica, a formativa e a sumativa.

No que diz respeito à disposição das salas, onde tive a oportunidade de realizar as minhas intervenções/implementações, estas encontravam-se organizadas de forma tradicional, em três filas. A meu ver, esta ordenação facilitava o contacto da docente com os alunos mais próximos da zona do quadro, sendo que os alunos que se encontravam mais para o interior da sala, ficavam mais afastados, podendo em alguns casos “desligarem-se” do que estava a ser trabalhado no momento.

Na escola referida anteriormente, as salas eram espaçosas e possuíam boa captação da luz natural. É de salientar que as salas destacadas para a leção da disciplina de “História e Geografia de Portugal”, possuíam quadros brancos, computador com colunas incorporadas, projetor e tela de projeção.

No decorrer das observações, foi-me possível verificar que os alunos possuíam um relacionamento saudável com a professora titular da disciplina de “História e Geografia de Portugal”, demonstrando uma grande admiração e respeito pela mesma.

Ao nível das práticas pedagógicas, a docente apresentava uma abordagem construtivista, aplicando um conjunto de estratégias diversificadas e motivadoras, de modo a estimular/motivar o gosto dos alunos pela aprendizagem da História, como por exemplo, os trabalhos a pares/grupos, a pesquisa em fontes historiográficas.

## **1.2 Problemas que suscitou a intervenção pedagógica**

No início do segundo ano deste Mestrado foi-nos solicitado a apresentação de um projeto de intervenção pedagógico supervisionado, de modo a este ser realizado no decorrer do presente ano, nos contextos educativos cooperantes, nomeadamente no 1.º e 2.º Ciclo do Ensino Básico.

Com base no regulamento da PES, este projeto deveria seguir um conjunto de critérios, com o intuito da sua realização ser pertinente e articulado entre os dois ciclos de ensino. Contudo, no começo desta etapa surgiram algumas dificuldades na escolha da temática em estudo, uma vez que esta deveria contemplar os dois ciclos de escolaridade.

Por conseguinte, com a ida para o contexto do 1.º Ciclo, no período de observação da PES, fomos constatando alguns hábitos que os alunos apresentavam nas suas rotinas, nomeadamente, momentos de leitura de álbuns de Banda Desenhada.

Tendo em conta a situação referida anteriormente, observamos que alguns dos alunos, nos intervalos das aulas, ocupavam parte deste, mostrando aos colegas os álbuns de BD que estavam a ler, o que fez com que viesse a despertar a curiosidade dos outros alunos para este tipo de texto. Perante esta situação pensei que seria interessante, partir da motivação dos discentes e apostar na abordagem da BD como recurso pedagógico para a concretização deste projeto, com principal enfoque na área disciplinar de Estudo do Meio (1.º Ciclo) e História e Geografia de Portugal (2.º Ciclo).

Porém, apesar da literatura em Banda Desenhada estar geralmente mais direcionada para a área curricular do Português, isto porque, a BD é um dos tópicos programáticos a ser estudado no 4.º ano de escolaridade, do 1.º Ciclo do Ensino Básico, pois segundo o programa de Português (MEC, 2015) os alunos devem “interpretar textos literários de diferentes géneros e graus de complexidade, com vista à construção de um conhecimento sobre a literatura e a cultura portuguesas, valorizando-as enquanto património de uma comunidade” (p.5).

Por outro lado, sendo o Estudo do Meio considerada uma área integradora que engloba a História, a Geografia e as Ciências da Natureza, que são as áreas, em que na generalidade, os alunos têm maior afinidade, foi-nos possível averiguar que os alunos apresentavam um grande gosto por esta área curricular.

Após efetuar consultas/pesquisas constata-se que atualmente, a partir das diretrizes do Ministério de Educação, os docentes têm dado maior ênfase ao ensino do Português e da Matemática, deixando um pouco de lado a área curricular de Estudo do Meio. Contudo, o Estudo do Meio é uma área que permite ser trabalhada de forma interdisciplinar, com as restantes áreas, pois segundo o programa do 1.º Ciclo “o Estudo do Meio está na intersecção de todas as outras áreas do programa, podendo ser motivo e motor para a aprendizagem nessas áreas” (ME, 1994, p.101).

Por isso, baseado no contexto educativo e também com o que a literatura nos apresenta, surgiu o tema “A Banda Desenhada histórica como recurso e fonte historiográfica para o ensino e aprendizagem da História: um estudo com alunos do 1.º e 2.º Ciclo do E.B.”, para o qual pretendia desenvolver um conjunto de atividades enriquecedoras, desenvolvidas conforme os objetivos pretendidos para o 1.º e 2.º Ciclo do Ensino Básico, que permitissem aos alunos desenvolver o seu

conhecimento histórico, a partir da exploração deste recurso pedagógico - Bandas Desenhadas Históricas, no ensino da História.

Por outro lado, atendendo que cada ano de escolaridade apresenta objetivos e metas diversificadas, este projeto foi desenvolvido a partir de uma filosofia construtivista, operacionalizado na aula-oficina, tendo por base os materiais apresentados pela autora Isabel Barca. Segundo a autora, o professor deverá partir das concepções prévias dos alunos, relativamente a uma temática específica, para posteriormente, conforme os dados obtidos das ideias dos alunos, desenvolver um conjunto de estratégias diversificadas e estimulantes, de modo a que os alunos possam enriquecer os seus conhecimentos de uma forma reflexiva e pensada.

Outro aspeto a salientar, diz respeito aos conteúdos programáticos a serem lecionados, uma vez que este projeto teve em conta as sugestões dos professores cooperantes e a calendarização dos conteúdos, conforme estava estipulado no início do ano letivo 2015/2016. Perante isto, no 4.º ano de escolaridade o projeto desenvolveu-se no conteúdo programático da “Expansão Marítima Portuguesa” e, no 6.º ano de escolaridade integrou-se no conteúdo da “Revolução do 25 de Abril de 1974”.

Deste modo, pretendeu-se que a utilização das Bandas Desenhadas Históricas no ensino da História viesse a despertar, motivar e contribuir para o desenvolvimento da compreensão histórica por parte dos alunos e o desenvolvimento de competências específicas ao nível da História, mas também nos conteúdos transversais. Pretendeu-se também no âmbito deste projeto, que a BD fosse utilizada como recurso pedagógico que permitisse interligar várias áreas curriculares do Ensino Básico, nomeadamente o Estudo do Meio (História), o Português e as Expressões.



## **CAPÍTULO II - ENQUADRAMENTO TEÓRICO**

Neste capítulo apresenta-se um referencial teórico da temática em estudo, onde numa primeira estância, será abordado tendo por base o que literatura apresenta sobre o conceito de BD, as suas origens e as suas características. Por outro lado, apresenta-se o estado de arte sobre investigação sobre a temática da BD e a perspetiva de alguns dos investigadores, internacionais e nacionais, como por exemplo, Bonifácio,2005; Fronza,2007,2012; Solé,2011,2013; Zink,1997,1999, que refletem nos seus estudos a potencialidade deste recurso.

Por fim, encontra-se uma breve resenha sobre a utilização banda desenhada histórica, como recurso didático, a ser explorado no ensino da História.



## 2.1 Banda desenhada: Conceito, origem e estrutura

Apesar do presente estudo estar direcionado para a Banda Desenhada Histórica, temos primeiramente que dirigir as nossas palavras, numa breve abordagem à conceção de Banda Desenhada.

A Banda Desenhada tem uma estrutura narrativa, que concilia a imagem e o texto, que permite que o leitor tenha uma perceção fidedigna de toda a ação. De acordo com Bonifácio (2005), “As histórias em quadrinhos caracterizam-se pela utilização de dois elementos comunicacionais, a imagem e a palavra escrita nascendo, portanto a partir de duas artes distintas, que são a literatura e o desenho.” (p.62)

Contudo, não existe um consenso, por parte dos investigadores que permite apresentar um conceito geral para a definição desta tipologia de texto, Zink (1997) na sua dissertação de doutoramento apresenta um conjunto de definições de vários autores sobre a conceção de BD, isto porque quando surge a questão de apresentar uma definição sobre Banda Desenhada, não sabemos em concreto o que vamos referenciar, nomeadamente “se à forma ou ao conteúdo, se ao meio, se ao género, se a uma história específica”. (Zink,1997,p.12)

Nesse sentido, Zink (1999) cita várias conceções e/ou definições de outros autores, nomeadamente Blanchard (1969), Roux (1970), Lacassin (1971) e Cazeneuve (1976). O autor afirma que Blanchard apresenta uma conceção “bastante lata” sobre a definição de Banda Desenhada, uma vez que este aponta várias perspectiva sobre BD:

*“Il y a plusieurs définitions possibles de la bande dessinée, la plus commune restraint ce terme à ne designer que les histoires en images de style américain qui ont vu le jour à la fin du siècle dernier, dans les journaux d’outre-Atlantique, et se sont perfectionnées sous l’influence du cinema, et plus encore grâce à quelques dessinateurs d’une très haute qualité.”* Blanchard (1969 citado por Zink,1999, p. 15)

Por outro lado, Roux (1970, citado por Zink, 1999) tenta apresentar uma definição mais concreta, onde tenta apresentar várias perspectivas sobre BD, nomeadamente ao modo como estas são difundidas, o objetivo que pretende apresentar e “*la technique de narrative que nous arriverons à une définition correcte*”.

Para Lacassin, citado por Zink (1999) a sua definição está mais direcionada para a especificidade do “suporte”, onde é designado como uma componente essencial para uma Banda Desenhada.

Segundo Cazeneuve (1976, citado por Zink, 1999) “a banda desenhada assemelha-se mais ao cinema do que à literatura escrita”, devido a esta ser uma “narrativa por imagens” que pode auxiliar um texto.

No que diz à origem (quando surgiu pela primeira vez) da Banda Desenhada, existe um leque diversificado de opiniões sobre este assunto. Segundo Solé (2011) alguns autores consideram que as primeiras manifestações de Banda Desenhada surgiram no período das gravuras dos “homens das cavernas”, quando estes gravavam nas rochas as suas representações, sendo estas reproduções alusivas a pessoas e/ou de animais. Na mesma linha de pensamento, outras das opções são os “frescos egípcios”, “frescos ou a cerâmica pintada na Antiguidade Clássica” ou as “iluminuras ou os vitrais da Idade Média”, em que se destacam “algumas ilustrações feitas por monges copistas, onde a fala de alguns personagens eram dispostas sobre uma fita, recurso que se transformará séculos depois nos balões” (Oliveira & Souza, p.25).

Estas representações, devido às suas características, são consideradas, por alguns autores, como as primeiras formas de abordagem da Banda Desenhada, mas foi só no século XIX, que surgem os primeiros álbuns, evoluindo e proliferando até aos dias de hoje.

Por outro lado, existe um “confronto” entre autores de BD sobre quem foi o responsável pelo nascimento deste género literário, uma vez que existe um conjunto de suposições a serem discutidas e referenciadas. Zink (1997, p.2) apresenta três hipóteses a ter em conta, no que respeita aos autores pioneiros deste género literário, sendo Rodolphe Topffer, em 1833, Richard Felton Outcault, em 1896, pela aplicação de um balão em “Hogan’s Alley” ou o português Rafael Bordalo Pinheiro, em 1872, com os “Apontamentos sobre a Picaresca Viagem do Imperador de Rasilb pela Europa”. Porém todos foram fundamentais e marcaram uma época, consoante as suas obras, pois o suíço Topffer foi o pioneiro autor europeu, a dar os primeiros passos na construção das Bandas Desenhadas, o americano Outcault pelas razões mencionadas anteriormente e por fim o português Rafael Bordalo Pinheiro, pela sua reverência e por marcar o início de uma nova era na BD portuguesa.

Contudo, a data de comemoração, mais consensual pelos especialistas, remota ao ano 1896, data da publicação da BD americana, uma vez que em 1996 foi comemorado o centenário da Banda Desenhada.

Sendo a BD um género literário de massas, e que permite abranger um vasto público, nomeadamente crianças, jovens e/ou adultos, a sua designação é bastante diversificada ao longo do globo. No nosso país a forma mais frequente de referenciar esta tipologia é Banda Desenhada (BD), tendo influências da tradução do termo francês “*bande dessinée*”, que surgiu devido ao elevado

número de publicações que surgiram por volta das décadas dos anos 60 e 70, de bandas desenhadas Franco-Belga. Contudo Zink (1997,p.4) apresenta outras designações como “Histórias em quadrinhos”, “*Estorietas*”, “*Fumetti*” ou “*Graphic novel*”.

Apesar das Bandas Desenhadas serem um universo bastante conhecido em todo o Mundo e de haver algumas incertezas, por parte das suas origens, todas as obras publicadas têm um referencial permanente que as unem, independentemente do país e/ou autor que as elaborou, Renard (1981) citado por (Gonçalves, 2013,p.7) menciona que, estas apresentam ao seu leitor uma história, composta por personagens que vivenciam um conjunto de acontecimentos; ambas são apresentadas através de desenhos que podem ou não estar incorporadas com o texto verbal, tendo um “encadeamento de acontecimentos”; e por fim, estas podem ser impressas em papel e/ou suporte digital.

Por outro lado, podemos verificar que existe uma panóplia de Bandas Desenhadas com tipologias diversificadas, uma vez que estas podem ter características de aventura, cómicas/humorísticas ou históricas. Contudo, a sua especificidade pode influenciar a leitura de uma BD, isto porque consoante a perspectiva de Santos e Vergueiro (2012) as Bandas Desenhadas de cariz cómico/ humorístico, normalmente apresentam uma narrativa gráfica sequencial mais curta, podendo ter no máximo seis vinhetas, em que se verifica na sua estrutura “uma situação inicial e uma reversão das expectativas do leitor (presente no texto ou na imagem), gerando o efeito cômico” (p.85). Consequentemente, as BDs que são publicadas através de álbuns, estas exibem uma história mais complexa, de forma a possuírem um elevado número de pranchas.

*“A leitura de uma página de quadrinhos também é um exercício de percepção mais apurada – embora boa parte das histórias apresente uma estrutura mais tradicional, em que um quadrinho segue o outro horizontalmente e de cima para baixo – há histórias que são diagramadas de maneira diferente, forçando o leitor a descobrir a sequência certa de imagens e textos.”* (Santos & Vergueiro,2012,p.86)

Consoante isso, podemos verificar, que ao longo dos últimos anos as “histórias aos quadrinhos” são um género de texto, que se foi diversificando nas suas publicações, podendo chegar aos leitores através de jornais, livros, revistas ou através de outros meios, contendo várias tipologias, desde as mais cómicas, aventureiras ou históricas.

Por outro lado, Zink (1997) menciona que a BD apresenta uma gramática específica, e muitos leitores não têm percepção do conjunto de “elementos morfossintáticos” que a BD possui e que na sua abordagem, por exemplo no ensino, devia ser explorada com os alunos, para que estes tenham a percepção do seu significado e qual a sua função nas histórias em quadrinhos. De acordo com os

trabalhos dos investigadores Cirne (1971,1972), Peeters (1992), McCloud (1992) e Moliterni (1994) citados por Zink (1997) foi-nos possível verificar “quatro elementos morfossintáticos basilares: balão, vinheta, figura, onomatopeia.” (p.21)

Em primeiro lugar, o balão é dos elementos mais conhecidos e referenciados quando surge no pensamento a palavra Banda Desenhada, isto porque a sua representação tem como finalidade, na sua maioria, em apresentar a fala de uma personagem. No que diz respeito à sua representação, estes podem assumir várias formas, sendo que a mais usual é a forma redonda. Por outro lado, estes podem ter funções diferenciadas, como por exemplo o Balão Off, em que o leitor não consegue visualizar a personagem que falou, enquanto o Balão de Fala Alta permite aferir qual a personagem que falou.

Todavia, o balão de fala é um elemento fundamental e que de certa forma marca a história da Banda Desenhada, uma vez que a sua incorporação na BD, na obra de Richard Felton Outcault, em 1896, fez com que a obra fosse referenciada como a pioneira, por parte dos especialistas.

No que diz respeito à vinheta, esta é caracterizada como o “quadrado” onde acontece toda a cena, onde segundo Zink (1997) “o balão é a moldura do discurso de uma personagem, a vinheta é a moldura de um momento da acção” (p.24). Contudo, numa BD as vinhetas podem surgir através de formas geométricas, sendo o quadrado e/ou o retângulo as formas mais utilizadas para representar toda a acção que a história apresenta ao leitor.

Outro elemento morfossintático a ter em atenção é a figura, que tem um papel fundamental em toda a Banda Desenhada, isto porque numa BD existe uma personagem principal, cuja presença ao longo da acção é bastante evidente, uma vez que esta surgirá ao longo das vinhetas. Contudo, existe algo que desmarca a Banda Desenhada, de outras artes, segundo a opinião de Zink (1997):

*[A] personagem em acto se mantém fixa na página, detida em cada gesto que executa, gesto que é a condensação de um variável número de movimentos subentendidos. Por exemplo, Em Tintin au Tibet, de Hergé (1960), o protagonista é figurado quatrocentos e oitenta e nove vezes. Isto é, à letra existem 489 Tintins no livro, cada um em sua posição, imóvel. É o leitor que os colocará, na sua imaginação, em movimento: ou seja, o protagonista está à espera que um leitor decline.” (p.25)*

Por fim, falta referenciar o último elemento, as onomatopeias, cuja função, na Banda Desenhada, é apresentar graficamente aos leitores, o som ou os ruídos. Podemos verificar que este elemento apresenta ao leitor, a partir da visão, um conjunto de “sensações e emoções através da combinação entre a expressividade sonora de um vocábulo e a estilização gráfica” (Zink,1997,p.26).

Por outro lado, as BDs apresentam outras características, que passam despercebidas pelos leitores, mas que na pesquisa e/ou aprofundamento da temática apercebemos que estas existem, mas que não damos ou não temos conhecimentos delas. Alguns exemplos disso são os planos e os ângulos

de visão que aparecem durante a ação da história, porém na sua leitura pictórica, o leitor não descodifica o seu significado.

No campo dos planos visuais, este tem como função de colocar as personagens e/ou objetos nas vinhetas, de forma a visualiza-las no plano, tendo a perspectiva de distanciamento entre elas. O “plano geral”, tem como finalidade de indicar ao leitor, qual o espaço/local onde desenrola a cena. Por outro lado, o “plano conjunto” enquadra a personagem no cenário, onde se desenvolve a ação da história. Porém existe um conjunto de planos de visão que interagem com a personagem, como por exemplo o “plano médio”, onde a personagem surge com o mesmo tamanho que a vinheta, o “plano americano” apresenta a personagem dos joelhos para cima, de modo a não se visualizar os pés, por sua vez o “plano aproximado” exhibe a figura da cintura para cima, enquanto no primeiro plano a figura aparece da cabeça até aos ombros. Por fim, o “grande plano” dá um grande destaque à personagem e/ou objeto, ao qual o leitor, só consegue visualizar essa representação, uma vez que esta ocupa toda a vinheta.

No que diz respeito aos ângulos de visão, estes têm como finalidade permitir ao leitor visualizar a ação de acordo com os diversos ângulos possíveis. Neste caso, na Banda Desenhada temos dois tipos de ângulo, o ângulo de visão picado, que tem como objetivo de o leitor visualizar a cena de cima para baixo, enquanto o ângulo de visão contra picado acontece de forma inversa, sendo a cena visualizada de baixo para cima;

Por fim, existe dois aspetos importantes a serem referenciados sobre a sua funcionalidade na BD, nomeadamente os signos cinéticos, que têm a finalidade de retratar o movimento da figura na ação, em que o leitor pode interpretar visualmente o movimento que a personagem está a desempenhar numa situação específica e, por fim a aplicação da cor nas ilustrações, isto porque inicialmente as Bandas Desenhadas não muniam de qualquer utilização de cor, uma vez que o contraste era feito entre o branco e o preto. Contudo, a partir de 1984 começou a surgir as primeiras BDs com cores, que veio permitir caracterizar o ambiente e as personagens da história, dando-lhes mais realismo.

## **2.2 Banda desenhada: Visão dos investigadores**

Apesar da Banda Desenhada ser um género literário para massas, a sua aplicação no ensino não foi sempre bem vista, por parte dos professores. Apesar das investigações apresentarem vantagens da sua aplicação no ensino existem atualmente poucos estudos, quer nacionais como

internacionais, que permitem discutir e apresentar algumas perspectivas sobre o assunto. Contudo iremos apresentar, uma breve resenha de alguns estudos aplicados no ensino, nomeadamente os estudos de Bonifácio (2005); Fertuzinhos (2004); Fronza (2007,2012); Solé (2009); Zink (1997,1999); entre outros.

Ao nível de estudos internacionais, referenciamos os estudos de Fronza (2007,2012) e Bonifácio (2005), sobre a exploração de Bandas Desenhadas no ensino brasileiro, uma vez que neste país, as histórias em quadrinhos são bastante utilizadas nos manuais escolares. Em primeiro lugar, apresentamos a investigação de Marcelo Fronza (2007), realizada no âmbito do mestrado, com dissertação intitulada “O significado das histórias em quadrinhos na Educação Histórica dos jovens que estudam no Ensino Médio”. Este estudo pretendia aferir os conhecimentos históricos apreendidos pelos alunos através da aplicação da Banda Desenhada Histórica. Para isso, o autor elaborou um instrumento de recolha de dados, baseado nas teorias de Rusen (2001) ao nível das narrativas históricas e de Chaves (2006) nomeadamente sobre a significância histórica, aplicada à construção de narrativas realizadas pelos alunos. De acordo com os resultados obtidos nas narrativas produzidas pelos alunos, Marcelo Fronza chegou à conclusão que os alunos:

*“... não produziram nenhuma narrativa histórica, mas sim narrativas ficcionais que se utilizavam de idéias substantivas ligadas aos conteúdos históricos escolares; 2) os conceitos substantivos da História já estão presentes nas histórias em quadrinhos que abordam temas históricos e isso fez com que os jovens valorizassem mais as idéias ligadas à memorização do conteúdo e à aprendizagem divertida do que aos conceitos históricos em si; e 3) as histórias em quadrinhos com temas históricos permitiram que os jovens produzissem um conceito de segunda ordem, a competência do narrar.” (p.148)*

Consequentemente, o autor afirma que as BDs devem ser aplicadas no ensino, através de uma metodologia própria para que os alunos consigam alcançar os pressupostos dos artefactos culturais e os significados históricos, sendo que a utilização das histórias em quadrinhos devem ser sustentadas com outras fontes históricas, uma vez que a sua narrativa apresenta por vezes situações ficcionais, podendo levar aos alunos para uma conceção alternativa do acontecimento histórico. Assim sendo, com a exploração de outras fontes estes poderão confrontar as informações patentes e inferir as conclusões necessárias para enriquecerem o seu conhecimento histórico.

Fronza (2012) desenvolve um estudo no âmbito do doutoramento intitulado “A intersubjetividade e a verdade na aprendizagem histórica de jovens estudantes a partir das histórias aos quadrinhos”, que tem como finalidade de averiguar “quais os significados e valores que os jovens estudantes do ensino médio dão às ideias de verdade histórica e de intersubjetividade quando leem histórias em quadrinhos alunos”. No estudo, o autor utilizou alguns excertos de BDs, uma da

autoria de Diniz e Eder (2008) e outra de Paiva e Schwarck (1995), onde ambas as obras abordavam a temática da Independência do Brasil. Uma parte do seu estudo consistiu em investigar as construções das Bandas Desenhadas realizadas pelos alunos, sobre a Independência do Brasil, tendo como orientação os “artefactos culturais apresentados”, onde o autor pretendia verificar “como o processo criativo e sua relação com a intersubjetividade e verdade se relacionam com as teorias ligadas à dimensão estética da cultura histórica” (p.424).

Com base nos dados obtidos, pela construção das BDs dos alunos, o autor conclui que a identidade histórica pode se expressar de várias formas, podendo ser uma identidade nacional, que exprima “consciência histórica tradicional”; uma identidade nacional onde exista uma mobilização de outras tradições, apresentando assim uma “consciência histórica crítica” e/ ou uma identificação coletiva, direcionada para a “história da humanidade” onde expresse o desejo da “liberdade e da igualdade entre os homens através do reconhecimento mútuo dos seus modos de ser e de viver”. (p.428)

Deste modo, o autor afirma que as BDs podem “contribuir vivamente para o contato desses sujeitos com formas de viver passadas distintas, mas significativas, que forneçam sentido para à sua vida prática contemporânea”. (p.433)

No estudo de Bonifácio (2005) a autora apresenta como tema da sua dissertação de mestrado “História e(m) quadrinhos: análise sobre a História ensinada na arte sequencial”, em que pretendia apurar a existência do conteúdo histórico nas Bandas Desenhadas, de modo a verificar a sua pertinência em contexto de sala de aula. Consequentemente, a autora, apresenta um capítulo sobre obras que retratam alguns acontecimentos históricos, nomeadamente a coleção da Turma da Mônica, de Maurício de Sousa, que é uma das personagens brasileiras da BD, mundialmente conhecida. As obras referenciadas, apesar de terem um cunho comercial, apresentam também uma grande função educativa histórica, uma vez que os autores apresentam apontamentos históricos, nomeadamente as caracterizações das personagens, bem como a narração dos factos históricos, porém as histórias aos quadrinhos apresentam uma vertente humorística, que torna a exploração mais lúdica.

A utilização das histórias aos quadrinhos na sala de aula torna-se enriquecedor, segundo Bonifácio, pois este género literário é de fácil acesso no Brasil e a sua aplicação no ensino é enriquecedora, afirmando Garcia (1998, citado por Bonifácio,2005) “a aprendizagem histórica torna-se muito mais significativa se nela estiver envolvida certa dose de afetividade, envolvimento emocional e identificação.” (p.191)

Em modo de conclusão, a autora indica que a aplicação das bandas desenhadas históricas no ensino da História, podem proporcionar um momento lúdico, estimulativo e criativo nas aulas.

*“Analisar os quadrinhos, compará-los com outras linguagens, lê-los também de forma prazerosa, produzi-los em sala de aula, individual ou coletivamente, são apenas algumas das inúmeras possibilidades a serem exploradas por meio de sua presença em sala de aula. Tais experiências podem conferir novos contornos e potenciais criativos, atribuindo novos significados às aulas de História.”* (p.198)

Ao nível da investigação nacional sobre a temática, temos vários estudos relevantes sobre a Banda Desenhada, como por exemplo, o estudo de Fertuzinhos (2004) sobre “A Aprendizagem da História no 1.º Ciclo do Ensino Básico e o uso do Texto Prosa e da Banda Desenhada” aplicado numa turma de 4.º ano de escolaridade da cidade de Guimarães, que tinha como objetivo verificar, a partir das BDs e de textos em prosa, os conhecimentos que os discentes desenvolviam quando os lessem. Segundo o autor, este estudo foi desenvolvido durante a temática da disciplina de Estudo do Meio “A formação de Portugal/ Reinado de D. Afonso Henriques”, tendo uma forte ligação com o ensino do Português, criando uma interdisciplinaridade entre elas.

Para isso, o grupo de turma foi dividido em grupos de trabalho, um dos grupos explorou a temática, anteriormente referenciada, através de texto em prosa, enquanto o outro grupo abordou a formação de Portugal através da utilização de BD, tendo sido possível averiguar algumas semelhanças e/ou diferenças da construção do conhecimento através destes géneros literários. Como resultados o autor constatou que os alunos que trabalharam a temática com texto em prosa conseguiram demonstrar o conhecimento que foram adquirindo ao longo do estudo, enquanto o grupo que trabalhou com Banda Desenhada demonstrou algumas dificuldades, isto porque, segundo o autor, “uma vez que a contextualização e ligação entre os conteúdos não é tão articulada como no Texto Prosa, os alunos têm dificuldade em adquirir uma percepção global da história” (p.281)

Destaca-se também a nível nacional o estudo de Rui Zink (1997) cuja tese de doutoramento intitulada “Banda Desenhada Portuguesa Contemporânea”, publicada em 1999 com o título de “Literatura Gráfica? Banda Desenhada Portuguesa Contemporânea”, visou aprofundar o estudo desta temática, nomeadamente pesquisar e analisar a Banda Desenhada portuguesa contemporânea do período de 1968 a 1994, procedendo a uma análise e reflexão exaustiva das mesmas. Deste modo, o autor concluiu que nos dias de hoje muitos são aqueles que questionam a existência ou não da Banda Desenhada portuguesa, sendo poucas as editoras que apostem nestas obras literárias, porém estas não podem ser culpadas pela escassez de BD portuguesa, pois segundo o autor, existe um grande

número de ilustradores de BDs, mas de escritores é quase “nula”, e para haver Bandas Desenhadas é necessário haver em primeiro lugar autores.

Solé (2009) desenvolve uma atividade realizada no âmbito do seu doutoramento, cuja designação é “A expansão portuguesa a partir da exploração de uma banda desenhada”. Esta atividade foi implementada numa turma de 4.º ano, com 25 alunos, cujo objetivo era apurar as ideias e os conhecimentos históricos que os alunos do 1.º Ciclo constroem a partir da exploração de BDs históricas e outras fontes historiográficas. Para recolha de dados, a autora apoiou-se nos diários de aulas e nas narrativas elaboradas pelos alunos, sendo posteriormente criado um conjunto de categorias, para analisar os dados obtidos.

No que diz respeito à elaboração das categorias, a autora agrupou as contribuições dos alunos, conforme as “indicações cronológicas” onde estes apresentaram uma datação ao nível do “tempo quantitativo-datas e tempo qualitativo”, “dificuldades sentidas na viagem” onde os alunos expressaram a escassez de alimentos frescos, doenças que surgiram e/ou tempestades que ocorreram durante a expedição do navegador Vasco da Gama, “indicação de várias paragens e momentos importantes da viagem”, onde estes fizeram referência às paragens em Santiago, Santa Helena, Moçambique e Melinde, justificando por vezes as razões que originaram a paragem da expedição nesses territórios, e por fim, a última categoria de análise, diz respeito à “recepção dos portugueses em Calecut”, em que os portugueses “foram mal recebidos, acusados de vários crimes, aprisionados, mas conseguiram fugir e realizar os objectivos desta viagem, trazer as especiarias para Portugal.” (p.725)

Deste modo, Solé afirma que a Banda Desenhada Histórica apresenta-se como um recurso didático, que permite aos alunos desenvolverem a compreensão histórica e temporal, contribui para desenvolver as suas capacidades ao nível das de inferências e deduções, a partir da interpretação das fontes, “que é fundamental para a construção da evidência histórica e empatia histórica, conceitos de segunda ordem essenciais para a construção do conhecimento histórico na aprendizagem da História.” (Solé, 2013, p.387)

Salientam-se ainda outros estudos académicos mais recentes, baseados na aplicação da BD no ensino, como por exemplo a investigação realizada por Mota (2012), “A Banda Desenhada como representação gráfica-verbal na aprendizagem da História e Geografia” que foi um projeto de intervenção pedagógica desenvolvido em duas turmas de 7.º ano da Escola Francisco Sanches, nas disciplinas de História com a temática “O Mundo Romano no Apogeu do Império” e em Geografia o “Ambiente e desenvolvimento Sustentável”. Com este estudo a autora afirma, que de modo geral, os

alunos conseguiram compreender os conteúdos abordados, através da análise das construções das Bandas Desenhadas que os alunos efetuaram. Mota conclui através da sua investigação, que a aplicação da BD no ensino pode ser considerada como

*“... uma fonte de informação viável para se ensinar História e Geografia e com a mesma podemos avaliar os conhecimentos que os alunos adquirem através desta ferramenta. Além desta vantagem, a BD pode ser um aliado do professor proporcionando-lhe inovar o seu método de aulas e, também dos alunos propiciando lhes aulas mais estimulantes.” (p.74)*

Gonçalves (2013) desenvolve um estudo referente à “Leitura e interpretação da Banda Desenhada histórica e os desenhos na expressão dos conhecimentos geográficos”, em que pretendeu averiguar, na disciplina de História, como os alunos interpretavam as Bandas Desenhadas e que informação, estes obtêm para desenvolver o seu conhecimento histórico. Para isso, a autora aplicou três fichas de trabalho, cada uma delas composta por um excerto de banda desenhada, em que os alunos tinham que responder às questões a partir da exploração desses excertos. A partir da análise dos dados recolhidos da aplicação dos instrumentos aos alunos, a autora constatou que os alunos foram evoluindo ao longo da implementação do projeto, em que se verificou um desenvolvimento da capacidade de reflexão, permitindo uma “maior compreensão e aptidão interpretativa”.

Por fim, o projeto de Pereira (2013) tendo como designação “A banda desenhada como recurso didático para desenvolver a compreensão leitora e a expressão escrita, na aula de língua”, tendo como intuito esta investigação atestar as vantagens que a BD tem no ensino, como um recurso motivador, lúdico e estimulante para a compreensão leitora e expressão escrita, nas disciplinas de Português e Espanhol.

Para além destes estudos académicos no âmbito de dissertações de mestrado e de doutoramento, salientam-se outras investigações na área da Educação Histórica, publicados nas atas de congressos na, que permitem fundamentar e analisar as implicações do uso de histórias aos quadrinhos no ensino. Rego (2004) desenvolveu um estudo de caso, sobre a obra de Relvas “Çufo”, em que o autor analisa esta obra, através de uma metodologia, que permite comentar “trechos, ou aspetos do texto em função de alguns conceitos a explorar” de forma a “entender as estratégias subjacentes à condução da mensagem e os seus contornos, explícitos e implícitos” (p.48).

O artigo “A BD e o 25 de Abril: Um outro olhar” de Boléo (1999), publicado na Revista Camões, apresenta ao leitor a relação que a banda desenhada tem com a Revolução de Abril. O autor ao longo do artigo vai apresentando como a BD aborda este acontecimento histórico, destacando algumas obras portuguesas, como “O País dos Cágados” de Artur Correia e António Almeida, que Boléo afirma como a “principal BD que conta a história do 25 de Abril, incluindo os seus fundamentos, num distanciado

tom de sátira pleno de humor” e/ ou como esta ganha uma nova função, a sua utilização como um instrumento pedagógico. Segundo o autor, este afirma que passado 25 anos deste acontecimento histórico, é necessário alargar o campo de visão, pois está na altura “de novas abordagens”, “novos espelhos” e de “recordar outro olhar: o da banda desenhada” (p. 112)

Nesse mesmo ano, surge a obra “Uma revolução desenhada. O 25 de Abril e a BD” da autoria de Lameiras, Boléo e Santos (1999), com a organização do Centro de Documentação 25 de Abril da Universidade de Coimbra, Centros de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra e a Bedeteca de Lisboa. Esta obra surge no âmbito das comemorações dos 25 anos da Revolução do 25 de Abril de 1974. Segundo os autores, a razão pela qual a comemoração deste acontecimento histórico ter sido abordada a partir da Banda Desenhada foi:

*“Porque a BD foi importante nesta época, documentando os mais variados aspectos, permitindo evocar de uma forma sugestiva e sintética a multiplicidade de perspetivas e tendências, tanto políticas e sociais como estéticas, de que este intenso período histórico foi feito. No fundo, porque se trata de uma área que nunca foi demasiado explorada nem estudada, e cujo levantamento exaustivo está ainda por fazer” (p.10)*

Deste modo, a obra encontra-se estruturada em duas partes. A primeira parte apresenta a Revolução de Abril em junção com a Banda Desenhada, podendo verificar alguns temas como, “25 de Abril na BD”, “A BD como instrumento pedagógico” e /ou uma bibliografia de álbuns de BD sobre os anos 70 e o 25 de Abril. A segunda parte desta obra apresenta várias “Visões de Abril” de autores de BDs, que abordam este acontecimento histórico, consoante a sua interpretação.

Os autores brasileiros Santos e Vergueiro (2012) publicam na revista científica Eccos o artigo “Histórias em quadrinhos no processo de aprendizagem: da teoria à prática” em que apresentam um conjunto de estratégias que permitem os professores ter uma visão de como podem explorar e utilizar as bandas desenhadas como um recurso pedagógico em contexto de sala de aula, de forma a conseguir alcançar os seus objetivos, uma vez que no Brasil existe uma prática frequente das histórias em quadrinhos no ensino.

No mesmo ano, Vergueiro e Pigozzi (2012), apresentam um estudo de caso intitulado de “Histórias em quadrinhos como suporte pedagógico: o caso de Watchmen”, que tinha como objetivo verificar a riqueza deste recurso, no que diz respeito à articulação dos “códigos escritos e visuais”, através do uso da obra do autor britânico Alan Moore. Através deste estudo, os autores, chegaram à conclusão que a aplicação desta obra, na abordagem da teoria do caos e a relação com as conceções sociais de Max Webber, permitem deixar uma panóplia de estratégias pedagógicas, que os professores poderão adotar nos seus contextos, afirmando que:

“... fica mais uma vez comprovado que os professores do Ensino Médio – e também dos demais níveis de ensino – têm, nas histórias em quadrinhos, um importante aliado nas atividades escolares, pois esse recurso informacional possibilita a ampliação do trabalho com os educandos, auxiliando no aprendizado por meio de uma linguagem mais agradável e próxima dos alunos.” (p.41)

Por fim, apresentamos o estudo de Peter Lee (2001) publicado nas *Atas das Primeiras Jornadas Internacionais de Educação Histórica*, que teve como finalidade averiguar a concepção dos alunos sobre as narrativas em História, no âmbito do Projeto CHATA aplicado a 320 alunos, com idades compreendidas entre os 6 e os 14 anos de idade. Neste estudo foram aplicadas duas Bandas Desenhadas, cuja temática retratava a ocupação romana das ilhas Britânicas, mas com perspectivas diferenciadas. Como conclusão do estudo, o autor adverte os professores para alguns cuidados que deverão ter ao apresentar várias versões sobre o mesmo assunto, evitando confundir os alunos e levá-los a pensar que estas podem não conter erros, mas que estes compreendem que ambas as histórias são válidas mas apontam para sentidos diferenciados, apelando à multiperspetividade em história.

Perante esta breve revisão de literatura pelas investigações de autores internacionais e/ou nacionais, sobre o estudo da Banda Desenhada, podemos apurar que cada vez mais existem investigadores que desenvolvem projetos com o intuito de demonstrar a riqueza que as histórias aos quadrinhos possuem no campo do ensino, independentemente da disciplina ao qual poderá esta ser aplicada, realçando o contributo deste recurso/ferramenta didática para o ensino de História.

Posteriormente iremos abordar a aplicação da Banda Desenhada Histórica, direcionada para o ensino da História.

### **2.3 A BD no ensino da História**

Como já foi referenciado anteriormente, a Banda Desenhada é um género literário que possui um conjunto de várias tipologias, podendo as BDs serem cómicas/humorísticas, aventureiras ou históricas, em que a sua aplicação no ensino, está mais direcionada para a área curricular do Português, isto porque segundo o programa de Português (MEC, 2015) os alunos devem “interpretar textos literários de diferentes géneros e graus de complexidade, com vista à construção de um conhecimento sobre a literatura e a cultura portuguesas, valorizando-as enquanto património de uma comunidade” (p.5).

Porém, conforme já foi explicitado anteriormente, existem vários estudos que demonstram que a BD pode ser aplicada em várias disciplinas, e um número razoável foi aplicado ao ensino da história, utilizando principalmente Banda Desenhada Histórica.

No que diz respeito à conceção desta tipologia de BD, segundo Solé (2011,p.359) a Banda Desenhada Histórica tem como característica a articulação da “imagem e texto, abordando temas de índole historiográfico refletindo uma visão do seu autor e de uma determinada época”. Neste sentido para este género de BD, Rego (2004) indica que deverá existir “uma lógica de verdade factual, cronológica e épocal traduzida por uma verosimilhança tão próxima, quanto possível, da realidade ou melhor, da verdade histórica ou, melhor ainda, da memória colectiva” (p.42)

No campo do ensino, a potencialidade da Banda Desenhada Histórica como recurso pedagógico ou fonte documental é inquestionável, como o afirma Bonifácio (2005):

*“a importância dos quadradinhos para a História, seja como recurso ou como fonte documental e, principalmente, regista-se a necessidade de atenção e cuidado que o trabalho merece, em função da presença de objetivos distintos entre o saber histórico escolar, que busca a formação e elaboração do conhecimento histórico formal e a linguagem dos quadrinhos, cuja maior finalidade é o entretenimento, ainda que também seja um meio de informação e representação social” (p.31).*

Contudo, a aplicação da Banda Desenhada Histórica em contexto de sala de aula, como um recurso pedagógico, não foi sempre bem vista, neste sentido Mota (2012,p.7) afirma que a sua utilização “era vista com desconfiança por parte de educadores e professores, muito pelo seu poder de influência na forma de agir e ser das pessoas”, esta ideia é também reafirmada por Oliveira e Souza (2013) ao asseverarem que existem docentes que acreditam que a sua aplicação no ensino pode trazer consequências prejudiciais ao “desenvolvimento intelectual da criança”.

Porém, essa visão tem-se vindo a desconstruir, com a realização de vários estudos que demonstram a pertinência da sua utilização no ensino, sendo que este recurso poderá desenvolver nos alunos várias competências, tomando como exemplo, a visão de Palhares citado por Gonçalves (2013) mencionando que as bandas desenhadas apresentam

*“uma dupla função, visto servirem tanto como fonte de pesquisa histórica, quanto um novo recurso onde os estudantes possam interpretar o passado. Essa última possibilidade tem um grande potencial, visto que o passado nem sempre pode ser facilmente ordenado e compreendido pelos alunos. Deste modo, o texto escrito usualmente oferece o estranho passado histórico pode ser compreendido de uma nova forma” (p.10).*

Segundo Fertuzinhos (2004, p.42) a aplicação deste recurso no ensino é de extrema importância, uma vez que “uma gravura, uma legenda é um método de ensinar a ler que permite

ultrapassar as dificuldades com que textos densos brindam as crianças”, podendo assim o docente estimular as crianças para o gosto da leitura, uma vez que os alunos ao serem confrontados com textos de extensão densa, criam entre eles um clima de desmotivação para a sua exploração, podendo assim a BD ser um meio facilitador de estes fomentarem o seu conhecimento a partir, da informação histórica patente nas histórias em quadrinhos.

Contudo, Solé (2013, p.16) reforça um ponto bastante pertinente no que diz respeito à Banda Desenhada Histórica, mencionando que “é preciso uma adaptação do conteúdo à forma, com o objetivo de criar empatia com o leitor e facilitar o envolvimento na narrativa histórica e nas personagens históricas ou factuais”. Para criar essa ligação, o docente e o aluno devem ter a noção da “gramática da BD” (Zink,1999), em que estes devem dominar os elementos “morfosintáticos”, como por exemplo, balão, vinheta, figura, onomatopeia, para assim ter um maior domínio na literacia de Banda Desenhada, pois “a leitura de quadrinhos é complexa e não deve se restringir ao texto ou ao enredo; ler e perceber os recursos da linguagem, da estética e da narrativa das narrativas quadrinizadas amplia as significações que podem ser extraídas de seu conteúdo” (Santos & Vergueiro,2012,p.93).

Segundo Pereira (2013) o docente ao utilizar as “histórias aos quadrinhos” como recurso pedagógico deve ter a percepção do material

*“autêntico que, pela sua riqueza de vocabulário, onomatopeias, gíria, expressões idiomáticas e símbolos, permite ao aluno aproximar-se um pouco mais de situações comunicativas fora da sala de aula, atuando como estímulo para a aprendizagem destes novos conteúdos.” (p.35)*

Por outro lado, a aplicação deste recurso no ensino da História, segundo Guay e Charrette (2009) citado por Gonçalves (2013, pp.12-13), deve contemplar um conjunto de pressupostos, nomeadamente no desenvolvimento do conhecimento histórico, podendo ser aplicado uma “situação-problema” através do questionamento das ilustrações, que permite aos alunos alcançar a “primeira etapa da abordagem histórica”. Seguidamente, os autores defendem que esta aplicação permite que os alunos desenvolvam o “pensamento crítico”, uma vez que as BDs históricas apresentam uma visão histórica de um autor perante um acontecimento, e por isso essa interpretação pode conter algumas lacunas históricas, e para isso os alunos devem “avaliar a pertinência dos propósitos do autor, numa perspectiva histórica; avaliar a qualidade da representação do objeto histórico apresentado na BD e destacar elementos retirados da ficção”.

Neste sentido, o filósofo alemão Rusen (2016) na didática da História, defende que a imagem é um aspeto de aprendizagem histórica, devemos interpretar a sua informação, para posteriormente pô-la em prática, estabelecendo metas, de forma a alcançar a aprendizagem histórica, sendo para isso

necessário os alunos estarem envolvidos desde o início na abordagem histórica, pois a “aprendizagem histórica precisa ser acessível e significativa para todas as pessoas” (p.26).

Por outro lado, o uso da Banda Desenhada Histórica pode ser um recurso enriquecedor na construção de conhecimento histórico por parte dos alunos, podendo ser aplicado no ensino de várias maneiras, conforme Vilela (2004) citado por Santo & Vergueiro (2012) sustenta ao afirmar esta pode contribuir para “ilustrar ou fornecer uma ideia de aspectos da vida social de comunidades do passado; como registros da época em que foram produzidos e como ponto de partida de discussões de conceitos da História” (p.91).

Mas é preciso ter alguns cuidados, na hora da escolha da obra a ser trabalhada, para um determinado conteúdo histórico, pois deve-se ter em atenção vários aspetos, nomeadamente o “rigor científico ao nível do conteúdo histórico transmitido”, os objetivos que se pretende alcançar, o ano de escolaridade e o conteúdo/tema a ser trabalhado (Solé, 2013). Isto porque, uma vez que a BDs é um meio de comunicação para massas, estas por vezes podem ser manipuladas, devido a estes serem “instrumentos de manipulação ideológica, ajudando a criar uma visão histórica que, muitas vezes, ultrapassa o conteúdo do documento histórico” (Barbosa, 2006 citado por Solé, 2003,p.370).

Por outro lado, sendo a BD uma narrativa sequencial, existe um conjunto de aspetos que são fundamentais, para que uma narrativa histórica seja considerada de eleição, ao nível do seu “caracter descritivo-explicativo”, como sustenta Atkison (1978) citado por Barca e Gago (2004), devendo integrar “variedade de factores seleccionados, pluralidade de causas, particularidade de alguns factores, importância relativa de causas e distinção entre causas de longa duração e imediatas” (p.33).

Contudo, segundo Barca e Gago (2004), existe uma variedade de explicações, no que diz respeito às narrativas históricas, isto porque as narrativas são elaboradas consoante a perspectiva e a interpretação dos autores em relação a um acontecimento histórico, em que numa obra pode ter uma panóplia de causas e numa outra narrativa poderá haver um conjunto de outras ocorrências, criando assim uma discordância que dará “lugar a mais comparações e contrastes, resultando no enriquecimento da produção histórica”, contribuindo deste modo para a evolução do conhecimento histórico, isto porque “o confronto de perspectivas dá a possibilidade de as explicações se tornarem cada vez mais rigorosas, mais abrangentes, mais equilibradas e melhor justificadas” (p.33).

Perante isso, Solé (2011) afirma que a Banda Desenhada Histórica permite que os alunos construam e desenvolvam o seu conhecimento histórico, devido a um conjunto de fatores que a BD propicia, nomeadamente:

*“A riqueza dos desenhos com detalhes históricos e geográficos podem ser trabalhos na sala de aula (ao nível do vestuário, adereços, transportes, espaços diversos); A conjugação do texto com*

*a imagem é um elemento facilitador na linguagem e por consequência na aquisição do conhecimento histórico; Permitem comparar factos históricos narrados na BD com posteriores pesquisas realizadas para aprofundamento de determinados conteúdos; Contribuem para a aquisição de conteúdos históricos e a aquisição de conceitos substantivos de uma forma lúdica, motivando-os para a aprendizagem das História, principalmente nos mais novos; Proporcionar o desenvolvimento de conceitos de segunda ordem como o tempo, mudança, explicação histórica, causalidade, significância e empatia histórica; Em suma, contribuem para despertar o interesse pela disciplina de História e Geografia” (pp. 369-370).*

De acordo com as perspectivas apresentadas, podemos corroborar que o professor deve ser um guia na construção dos conhecimentos por parte dos seus alunos, por isso, deverá aplicar nas suas implementações estratégias enriquecedoras, deverá realizar atividades estimulantes, desafiantes e que despertem o interesse pelo ensino da História, nos diferentes ciclos de escolaridade, mas também criar/incentivar para bons hábitos de leitura, nomeadamente, das Bandas Desenhadas Históricas.

### **CAPÍTULO III - METODOLOGIA DE INVESTIGAÇÃO**

Neste capítulo será apresentada a metodologia do presente projeto de investigação pedagógica supervisionado, metodologia essa, denominada de investigação-ação, tendo sido executada com base no modelo construtivista de aula-oficina, defendido por Barca (2004). Apresentam-se as questões de investigação, que norteiam o presente estudo, bem como, as técnicas, os instrumentos de recolha utilizados e os planos de intervenção executados tanto no 1.º Ciclo, como no 2.º Ciclo do Ensino Básico.



### 3.1 Investigação- Ação

O respetivo projeto de intervenção pedagógica supervisionado foi desenvolvido tendo por base a metodologia de investigação-ação. No entanto, o conceito de investigação-ação é amplo, pois são muitos os autores que se debruçam sobre essa questão, não havendo uma definição precisa para a referida metodologia, surgindo assim, diferentes perspetivas e entendimentos como nos apresenta Latorre (2003).

A investigação-ação, segundo Watts (1985) citado por (Coutinho et al,2009) é designada como “um processo em que os participantes analisam as suas próprias práticas educativas de uma forma sistemática e aprofundada, usando técnicas de investigação” (p.360). Deste modo, o professor-investigador em contexto de sala de aula terá como função verificar, numa fase inicial, as necessidades que o contexto apresenta, para numa fase posterior poder elaborar, um conjunto de procedimentos a serem adotados de forma a dar rumo à sua investigação.

*“A investigação-ação procura analisar a realidade educativa específica e estimular a tomada de decisão dos seus agentes para a mudança educativa. Esta mudança implica tomada de consciência de cada um dos actores, individualmente, e do grupo, do qual emerge a construção de conhecimento através do confronto e contraste dos significados produzidos na reflexão.” (Pires, 2010,p.71)*

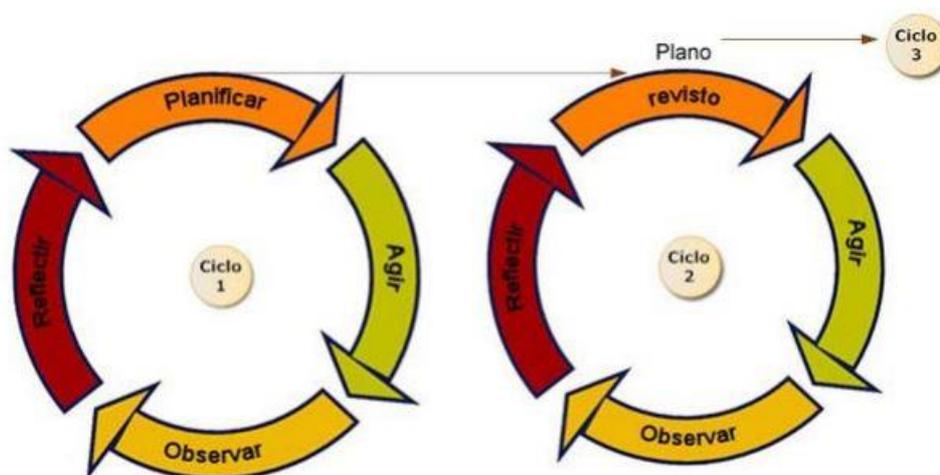
Neste sentido, a investigação-ação apresenta-se interligada entre a prática e a reflexão, uma vez que esta metodologia é utilizada como uma forma de melhorar o sistema educativo, onde o papel do aluno se destaca, por este se tratar como um agente ativo da sua própria aprendizagem, com o intuito de fomentar o seu espírito crítico e reflexivo, sendo que para isso o professor terá de possuir “competências de flexibilidade mental e análise crítica” (Nunes,2015).

Deste modo, a investigação – ação apresenta-se como possuidora de várias características, que a identifica como sendo uma metodologia de pesquisa, que é desenvolvida de forma “participativa e colaborativa” (Zubber – Skerrit, 1992, citado por Coutinho, et al, 2009), em que todos os sujeitos são aplicados ao longo do estudo; uma “prática e interventiva” em que a ação está direcionada para a mudança e é realizada de forma “cíclica”, porque, segundo Cortesão (1998, citado por Coutinho, et al 2005), as descobertas obtidas numa fase inicial, permitem obter a mudança que serão “implementadas e avaliadas como introdução do ciclo seguinte” (p.362). Por outro lado, esta metodologia apresenta-se como “auto-avaliativa” uma vez que os momentos avaliativos permitem averiguar o sucesso/insucesso das mudanças, bem como o enriquecimento do conhecimento.

*“Prática e reflexão assumem no âmbito educacional uma interdependência muito relevante, na medida em que a prática educativa traz à luz inúmeros problemas para resolver, inúmeras*

*questões para responder, inúmeras incertezas, ou seja, inúmeras oportunidades para reflectir”* (Coutinho, C.P. et al, 2009,p.358).

Assim sendo, a investigação-ação apresenta-se como sendo uma metodologia cíclica desenvolvida faseadamente, onde o docente, num momento inicial da sua investigação, tem como função observar o contexto educativo, com o intuito de verificar as suas carências, para deste modo numa fase posterior possa planificar as suas intervenções, com a intenção de aplica-las e assim observar a reação dos alunos, onde no final é desenvolvido um momento avaliativo, de forma a avaliar/analisar todo o processo. Contudo, conforme podemos observar na figura nº1, este processo não é estanque, este implica um processo de reflexão de todas as práticas educativas que são implementadas, de maneira a que o docente adote assim uma postura crítica e reflexiva das escolhas tomadas, podendo assim alterar e/ou reajustar o processo da investigação.



**Figura nº 1 |** Processo da Investigação-ação. Fonte: Castro,2010,p.11

Para a concretização deste modelo de investigação-ação em contexto educativo é necessário aplicar um conjunto de técnicas e instrumentos de recolha de dados, para que o professor/investigador possa ter uma visão ampla de todo o estudo, podendo assim aplicar instrumentos de papel e lápis, como por exemplo questionários ou testes, estratégias interativas e/ ou meios audiovisuais, como fotografias, gravações ou vídeos. Para isso, Latorre citado por (Coutinho et al,2009,p.373), apresenta três categorias de um conjunto de técnicas e instrumentos, podendo estas serem “técnicas baseadas na observação” estando focalizada no papel do investigador, “técnicas baseadas na conversação” que evidencia os momentos de interação dos participantes e, por fim na “análise de documentos” que tem como objetivo levar o professor/investigador enriquecer o seu conhecimento através da literacia disponível.

Por fim, a investigação-ação apresenta-se como sendo uma metodologia bastante pertinente na educação, uma vez que se apresenta “como uma oportunidade de desenvolvimento profissional, pela interactividade que estabelece entre o processo de conhecimento, o objecto a conhecer e as dinâmicas de colaboração contextualizadas que promove” (Pires, 2010, pp. 80- 81).

### **3.2 Construtivismo: Modelo Aula Oficina**

Com o presente projeto de intervenção pedagógica pretendia-se que este fosse integrador, de acordo com a filosofia construtivista, onde se pretendia aferir os conhecimentos dos alunos, de modo a que estes desenvolvessem os seus conhecimentos através de uma abordagem construtivista da aprendizagem.

Segundo Doll (1993) citado por (Fosnot, 1996) “ o construtivismo é uma teoria psicológica pós estruturalista, uma teoria que constrói a aprendizagem como um processo de construção interpretativo e recursivo por parte dos alunos em interação com o mundo físico e social” (p.53).

É de salientar que esta linha construtivista possui um conjunto de princípios, que Alonso (1996) refere como essenciais na construção do conhecimento:

- *“Processo de mediação entre os esquemas de conhecimento do aluno e a realidade organizada de acordo com códigos culturais.*
- *Ajuda na construção de significados e no desenvolvimento de estratégias e capacidades, através de um processo de diálogo e construção conjunta de interpretações, cada vez mais complexas e adequadas, sobre a realidade.*
- *Partilha de universos culturais, cada vez mais amplos e ricos, que estimulam o desenvolvimento de capacidades de compreensão e de inserção do aluno na realidade” (p.42).*

Deste modo, deverá partir-se dos conhecimentos que os alunos já possuem, para assim dar início à aquisição de novas/melhores aprendizagens/conteúdos, e neste processo Barca (2004) afirma que “o levantamento das ideias tácitas dos alunos no momento inicial da aula que numa situação de rotina é feito informalmente, pode também assumir um carácter mais sistemático ...” (p. 139), sendo esta uma das etapas do processo de aprendizagem construtivista, que a autora designou por aula oficina. Com isto, o docente deve desempenhar a sua função, promovendo no contexto de sala de aula atividades diferenciadas e estimulantes que motivem os alunos, de maneira a desenvolver uma participação ativa na construção dos seus próprios conhecimentos/aprendizagens, com o auxílio do professor, no domínio do ensino da História, conforme os autores De Vecchi e Giordan, (2002) citado por Carvalho e Freitas (2010) indicam que

*“na contemporânea perspectiva construtivista da aprendizagem, o professor deve ter em consideração as concepções prévias dos alunos, uma vez que é este que deve construir o seu próprio conhecimento, estruturando-o e reestruturando-o sucessiva e progressivamente. Desta forma, o professor deve ir para a sala de aula preparado para considerar as concepções prévias dos alunos, por forma a que eles possam apropriar-se devidamente dos conhecimentos a adquirir” (p.13).*

Porém esta ideologia, segundo Dias (2000) citado por Coutinho (2005) trouxe consequências por se tratar de um ensino centrado no aluno, nomeadamente em:

*“Encorajar os educadores a criarem ambientes inovadores que ajudassem os alunos a ligar a nova informação à anterior, a procurar informação relevante e a pensar acerca do seu próprio pensamento, acentuando deste modo a necessidade de se proceder ao desenvolvimento do projecto educacional numa perspectiva integradora do aluno, dos média e dos contextos de construção e produção da própria aprendizagem” (p.1).*

Nesta perspetiva, o presente estudo desenvolveu-se segundo o modelo de aula oficina da autora (Barca,2004, pp.131-144), que se fundamenta no sócio construtivismo, em que aos alunos têm um papel na sua formação demonstrando as suas concepções prévias e experiências, enquanto o papel do docente centra-se numa perspetiva investigativa, ao nível social, apresentando um conjunto de atividades problematizantes.

Perante isto, o modelo apresentado pela autora (Barca,2004, pp.136-138) assenta em três situações chaves, para a implementação deste modelo em contexto de sala de aula, sendo que numa situação inicial, é designado como o momento de “Levantamento das ideias dos alunos”, onde se pretende aferir as concepções que os alunos apresentam perante uma temática, podendo ser aplicado um questionário de levantamento de ideias, através da aplicação de um conjunto de estratégias diversificadas.

Num segundo momento, o docente deve aplicar um conjunto de estratégias pedagógicas, selecionadas conforme os resultados obtidos anteriormente, para que os alunos desenvolvam os seus conhecimentos. Para isso, pode ser aplicado um conjunto de tarefas, de carácter mais cooperativo, como por exemplo, os trabalhos a pares ou de grupo.

Por fim, deve ser concretizado um momento de carácter mais avaliativo, de modo a verificar o progresso dos alunos, conforme as ideias iniciais que foram descobertas através dos recursos aplicados e o momento final, de modo a aferir a evolução das aprendizagens dos alunos.

Com base na ideologia construtivista e no modelo de aula oficina, foi-nos necessário durante a elaboração deste projeto definir estratégias, que permitissem averiguar a pertinência do projeto, tendo em conta os contextos educativos e os objetivos traçados. Por isso, no seu decorrer do estágio foram

utilizados registos dos dados de observação, que permitiram compreender os contextos educativos, bem como, delinear os objetivos e as estratégias a serem aplicadas ao longo do estudo; levantamento das ideias dos alunos, que é um dos pontos importantes do modelo de Barca (2004) que permitiu verificar as concepções que os alunos possuíam perante as temáticas exploradas; estratégias de pesquisa, seleção e organização da informação, a partir de várias fontes, que permitiu aos alunos alargarem o seu conhecimento, tendo em vista o que vários autores abordam sobre os acontecimentos abordados; realização de trabalho individual/ grupo e, por fim, a concretização de ficha de metacognição que permitiu verificar a opinião dos alunos do 2.º Ciclo, sobre a pertinência do estudo neste ciclo de ensino.

Podemos concluir que o modelo de aula oficina possibilita aos alunos a capacidade de desenvolver o seu conhecimento, neste caso no ensino da História, através das várias estratégias e recursos que podem ser utilizados ao longo deste processo. Contudo, este modelo é bastante pertinente, uma vez que o docente parte sempre das ideias tácitas que os alunos apresentam, consoante a temática em estudo, sendo que a partir daí, este pode desenvolver e aplicar vários instrumentos, fazendo com que os alunos consigam construir o seu conhecimento histórico, a partir dos recursos disponibilizados, rompendo com o modelo tradicionalista, implementado em aulas expositivas, em que o docente é um mero transmissor dos conteúdos, sem que os alunos possam questionar o que está sendo exposto.

### **3.3 Questões de Investigação e Objetivos a atingir**

O presente projeto apresenta como temática “A Banda Desenhada Histórica como recurso e fonte historiográfica para o ensino e aprendizagem da História: um estudo com alunos do 1.º e 2.º Ciclo do Ensino Básico”, tendo como objetivo averiguar as potencialidades deste recurso didático e fonte historiográfica, no ensino da História.

Neste sentido, redigiu-se as seguintes questões de investigação:

1. “Que conhecimento histórico os alunos extraem de uma Banda Desenhada?”
2. “Que conhecimento histórico os alunos aplicam na construção de uma Banda Desenhada?”.

No decorrer do projeto pretendia-se que durante a aplicação das diversas estratégias pedagógicas, os alunos fossem capazes, quer ao nível pedagógico, quer ao nível investigativo, de atingir um conjunto de objetivos, como é o caso:

- Promover o gosto pela leitura da Banda Desenhada histórica;

- Analisar o conteúdo histórico a partir da Banda Desenhada histórica;
- Desenvolver o pensamento histórico e o espírito crítico cruzando informação da BD com outras fontes históricas e historiográficas;
- Fortalecer a construção do conhecimento do ensino da História aplicando a BD;
- Promover um espírito cooperativo e autónomo entre os alunos;
- Fomentar competências de recolha e pesquisa de informação;
- Explorar a informação a partir de diversas fontes;
- Promover a partilha de informação e do conhecimento;
- Promover autonomia, reflexividade e espírito de interajuda;
- Desenvolver trabalho colaborativo.

### **3.4 Técnicas e instrumentos de recolha de dados**

De modo a dar respostas às questões de investigação, mencionadas anteriormente, foi necessário desenvolver e aplicar um conjunto de técnicas e instrumentos de recolha de dados, necessários para a análise do presente projeto, sendo estes:

- Instrumentos de observação e reflexão: observação direta; notas de campo; diários de aula e gravações áudio.
- Instrumentos estruturados de recolha de dados: Fichas de levantamento das ideias prévias dos alunos; Ficha de trabalhos com recurso a banda desenhadas e a fontes documentais.
- Trabalhos realizados pelos alunos: Fichas de trabalhos; tarefas de pesquisa; construções de bandas desenhadas;
- Instrumentos avaliativos: Fichas de metacognição.

### **3.5 Plano Geral de intervenção**

Conforme o regulamento de estágio, foi desenvolvido um projeto que fosse exequível nos dois contextos educativos, em diferentes anos de escolaridade. Para isso, foi elaborado um plano geral de intervenção, de modo a ser implementado nos contextos cooperantes, tendo por base as questões de investigação que foram selecionadas para o estudo em questão.

Perante isso, o quadro nº1 apresenta de forma geral o plano desenvolvido, estando este organizado em dois momentos que estão relacionados com as questões de investigação e apresentam

os recursos a serem utilizados durante as implementações, com o intuito de reter um conjunto de informações necessárias para a análise de dados deste estudo.

**Quadro nº 1 |** Plano geral de intervenção do Projeto

<b>Momentos</b>	<b>Questões</b>	<b>Recursos</b>	<b>Informações a reter:</b>
<b>1.º</b>	<i>Que conhecimento histórico os alunos extraem de uma Banda Desenhada?</i>	Ficha de levantamento dos conhecimentos prévios sobre BD  Fichas de Trabalho;	Verificar os conhecimentos prévios dos alunos sobre BD;  Analisar que conhecimento histórico os alunos extraem da BD;
<b>2.º</b>	<i>Que tipos de conhecimento histórico os alunos aplicam na construção de uma Banda Desenhada?</i>	Trabalhos realizados pelos alunos;  Ficha de metacognição;	Analisar que conhecimento histórico, os discentes aplicam numa BD;  Avaliar os conhecimentos históricos que foram apreendidos através da aplicação do projeto;

### 3.5.1 Plano de intervenção no 1.º Ciclo do Ensino Básico

No que diz respeito ao Projeto de intervenção pedagógica no 1.º Ciclo, foi-nos possível implementar cinco sessões, durante o mês de janeiro, com duração entre 120 – 180 minutos por sessão. É de referir que as planificações e posterior implementação das sessões foram desenvolvidas consoante o desenho global, tendo em conta as características da turma.

Perante isso, numa fase inicial foi realizado com os alunos uma ficha de levantamento das ideias prévias dos alunos sobre a BD (anexo I), instrumento de recolha de dados, que tinha como intuito apurar as conceções dos alunos sobre esta temática, uma vez que estes já teriam abordado os conceitos em anos anteriores. Nas restantes sessões foram aplicadas diversas atividades com o intuito de motivar e estimular os alunos para o ensino da História, tendo sempre o enfoque da aplicação das bandas desenhadas históricas (anexo III), como recurso pedagógico e fonte historiográfica. Para isso,

foram utilizadas dinâmicas em grupo e/ou pares, de modo a fazer com que os alunos realizassem leituras partilhadas das bandas desenhadas, sobre a expansão marítima portuguesa, fontes históricas sobre alguns acontecimentos relativos às descobertas e de biografias de navegadores portugueses, como o Infante D. Henrique e Pedro Álvares Cabral.

No decorrer de todo o processo de intervenção foram aplicados um conjunto de instrumentos, nomeadamente fichas de trabalho de interpretação e de comparação (anexos IV e VII), que tinham como objetivo averiguar como é que os alunos interpretavam a informação que se encontrava disponível nas BDs e nas fontes historiográficas (anexo V) que foram disponibilizadas ao longo do estudo. Assim sendo, os alunos tiveram a oportunidade de construir uma Banda Desenhada alusiva à descoberta do Brasil, de forma a aplicar todo o conhecimento histórico apreendido ao longo do estudo. Com esta tarefa pretendia-se aferir que influências iriam ser aplicadas na elaboração da BD, tendo em conta os recursos utilizados, nomeadamente as Bandas Desenhadas Históricas, fontes historiográficas, visita de estudo ao museu interativo dos descobrimentos da cidade do Porto ou outras fontes que não foram aplicadas e exploradas durante a abordagem da temática em questão.

**Quadro nº 2|** Plano da intervenção do Projeto no 1.º Ciclo.

<b>Momentos</b>	<b>Objetivos</b>	<b>Instrumentos</b>	<b>Descrição da atividade</b>
<b>1.º</b>	Introduzir o tema em estudo; Averiguar as conceções dos alunos sobre a temática em estudo; Analisar a interpretação dos alunos, conforme a aplicação das bandas desenhadas e/ou fontes históricas.	Ficha de levantamento dos conhecimentos prévios sobre BD (anexo I);  Excertos das bandas desenhadas (anexo III);  Fichas de Trabalho: Expansão marítima portuguesa; Interpretação; Comparação (anexos II;IV e VII).	Os alunos preenchem uma ficha de levantamento dos conhecimentos prévios sobre banda desenhada.  Exploração de excertos de bandas desenhadas, sobre a temática da Expansão marítima portuguesa.  Os alunos ao longo das sessões preenchem um conjunto de fichas de trabalho, com base na exploração das bandas desenhadas e/ou fontes historiográficas.

2.º	Averiguar a aplicação dos conhecimentos dos alunos.	Construção da banda desenhada.	Os alunos planificam e constroem uma banda desenhada sobre a descoberta do Brasil, tendo por base a exploração dos recursos aplicados e/ou da visita de estudo realizada ao Museu Interativo & Parque temático “World of Discoveries”
-----	---	--------------------------------	---

### 3.5.2 Plano de intervenção no 2.º Ciclo do Ensino Básico

No que diz respeito à intervenção no 2.º Ciclo do Ensino Básico, o PIP no 6.º ano de escolaridade foi implementado durante cinco sessões, entre os meses de abril e maio, com durações de 90 e 45 minutos. É de salientar que as sessões foram implementadas nas aulas da disciplina de História e Geografia de Portugal, tendo sido necessário utilizar duas sessões de Oferta Complementar, para que os alunos conseguissem elaborar as suas bandas desenhadas.

Tal como no 1.º Ciclo, neste ano de escolaridade também se iniciou o projeto, com a aplicação de uma ficha de levantamento das ideias prévias dos alunos, sobre o 25 de Abril (anexo VIII) e outra de literacia sobre a Banda Desenhada (anexo IX), sendo executadas em sessões diferentes. As planificações das intervenções, foram elaboradas de acordo como programa da disciplina, visando cumprir as metas curriculares, para que os alunos alcançassem as metas preconizadas para este conteúdo temático, tal como o referente normativo o determina, mas num curto espaço de tempo, que tivemos para o explorar.

Para isso, foi desenvolvido com os 24 alunos um conjunto de atividades diversas, como por exemplo, exploração de vídeos alusivos ao 25 de abril, ilustrações, mapas, fontes historiográficas (anexo X), Bandas Desenhadas Históricas sobre a temática da revolução de abril (anexos XI e XII) e tarefas realizadas em modo cooperativo, nomeadamente em grande grupo e/ ou em pares.

Por outro lado, houve tarefas que foram realizadas individualmente, nomeadamente a ficha de trabalho de interpretação da BD (anexo XIII), onde se pretendia averiguar como é que os alunos interpretavam a informação patente nos excertos das Bandas Desenhadas, de modo a aplicar essa informação nas diversas questões que contemplam a ficha. Na tarefa de construção da BD sobre o 25 de Abril de 1974, desejava-se que os alunos na sua elaboração aplicassem o seu conhecimento histórico, tendo como influências, os recursos explorados nas sessões anteriores.

Por fim, na última sessão foi aplicada uma ficha de metacognição (anexo XIV), onde pretendia-se aferir de que modo este estudo foi importante para os alunos e para o enriquecimento dos seus conhecimentos históricos.

**Quadro nº 3 |** Plano da intervenção do Projeto no 2.º Ciclo.

<b>Momentos</b>	<b>Objetivos</b>	<b>Recursos</b>	<b>Descrição da atividade</b>
<b>1.º</b>	<p>Introduzir o tema em estudo;</p> <p>Averiguar as conceções dos alunos sobre a temática em estudo;</p> <p>Analisar a interpretação dos alunos, conforme a aplicação das bandas desenhadas e/ou fontes históricas.</p>	<p>Ficha de levantamento dos conhecimentos prévios sobre BD e o 25 de Abril de 1794 (anexos VIII e IX);</p> <p>Excertos das bandas desenhadas (anexos XI e XII);</p> <p>Ficha de Trabalho: Interpretação (anexo XIII);</p>	<p>Os alunos preenchem uma ficha de levantamento dos conhecimentos prévios sobre banda desenhada e o 25 de Abril de 1974.</p> <p>Exploração de excertos de bandas desenhadas, sobre a Revolução de Abril.</p> <p>Os alunos preenchem uma ficha de trabalho, com base na exploração das bandas desenhadas e/ou fontes historiográficas.</p>
<b>2.º</b>	<p>Apurar a aplicação dos conhecimentos dos alunos;</p> <p>Aferir o impacto do estudo da utilização da banda desenhada no ensino.</p>	<p>Construção da banda desenhada sobre o 25 de Abril de 1974;</p> <p>Ficha de Metacognição (anexo XIV)</p>	<p>Os alunos planificam e constroem uma banda desenhada sobre o 25 de Abril de 1974, com base na exploração das bandas desenhadas e/ou fontes historiográficas.</p> <p>Preenchimento de uma ficha de metacognição, com o intuito de verificar as opiniões dos alunos sobre a implementação deste estudo no ensino da História.</p>

## **CAPÍTULO IV - IMPLEMENTAÇÃO DAS ATIVIDADES**

Este capítulo tem como finalidade apresentar as atividades realizadas no decorrer do projeto de forma detalhada, nos dois contextos educativos, tanto do 1.º Ciclo como do 2.º Ciclo Ensino Básico. Com isto, pretende-se demonstrar as técnicas/estratégias utilizadas nas salas de aulas, com recurso a bandas desenhadas histórica, com o intuito de analisar as suas potencialidades para o ensino de História e a compreensão histórica dos alunos.



## **4.1 Implementação do Projeto de Intervenção no 1.º Ciclo**

O presente projeto foi implementado numa turma de 4.º ano de escolaridade constituída por 26 alunos, com 9 – 10 anos de idade, tendo como conteúdo programático a “Expansão Marítima Portuguesa”, sendo que esta eleição surge no âmbito da continuidade da execução do programa de Estudo do Meio, aplicado ao longo de cinco sessões, cuja duração variou entre 180 a 210 minutos.

No decorrer das sessões, os alunos foram sempre apresentados com excertos de Bandas Desenhadas Históricas, de forma a estes enriquecerem as suas capacidades de leitura e de interpretação, que esta tipologia de texto oferece aos seus leitores. Numa primeira fase, foi aplicada na 1.ª sessão, uma ficha de levantamento de ideias prévias dos alunos sobre Banda Desenhada (anexo I), uma vez que esta sessão teve uma interdisciplinaridade entre a área do Português e a História, onde abordou-se este género literário, bem como, a sua origem, características, os primórdios da BD em Portugal, as publicações mais famosas e conhecidas, entre outros aspetos pertinentes para a respetiva sessão. Uma vez que, em anos anteriores, os alunos já tinham abordado a Banda Desenhada, a pertinência da aplicação desta ficha, permitia aferir os conhecimentos que os alunos possuíam acerca da temática em estudo.

A 2.ª sessão incidiu sobre o início da “Expansão Marítima Portuguesa”, sendo que nesta aula, foram abordados os seguintes conteúdos programáticos: a Conquista de Ceuta; a “descoberta” da Madeira, Porto Santo e do Arq. dos Açores. Para além dos conteúdos específicos para esta aula, os alunos foram apresentados com duas pranchas, da BD histórica “A Grande Aventura” dos autores A. Do Carmo Reis e de José Garcês. Os respetivos excertos da obra abordavam resumidamente, os principais acontecimentos sobre a conquista de Ceuta e as tomadas de decisões sobre as descobertas ou redescobertas das ilhas mencionadas anteriormente. Realizada a leitura faseada pelos alunos da turma, e após terem explorado com recurso ao dicionário as palavras desconhecidas, foi distribuído aos alunos uma ficha de trabalho com questões baseadas na leitura e interpretação da BD, de modo a terem um primeiro contacto com este tipo de fonte histórica, com o objetivo de a partir desta procedessem a inferências e extraírem informação histórica.

Na 4.ª sessão, os alunos tiveram como temática em estudo a “descoberta” do Brasil, cuja temática incidiu especialmente no nosso projeto realizado para o 1.º Ciclo, aplicando-se material histórico, como BDs históricas e outras fontes documentais, bem como, os instrumentos de recolha de dados. Tal como em sessões anteriores, a sessão teve como ponto de partida os conhecimentos prévios de cada aluno, segundo a perspetiva construtivista que defende que se deve partir dos conhecimentos prévios dos alunos para depois se construir o processo de aprendizagem (Fosnot,

1990). Inicialmente os alunos exploraram o mapa Terra Brasilis, atribuído a Lopo Homem e Renéis, 1519, em que através de questões auxiliaadoras os alunos interpretaram e extraíram informação do presente recurso icónico. Posteriormente foi disponibilizado mais um excerto da obra “A Grande Aventura”, sendo que neste caso, a prancha tinha como referência histórica a “descoberta” do Brasil (anexo III). Realizada a leitura da prancha, os alunos realizaram uma ficha de trabalho (anexo IV), cuja finalidade era verificar a interpretação que os alunos fazem da BD em estudo, de modo a inferir competências de leitura, interpretação e de construção de conhecimento histórica a partir da informação patente no recurso.

De modo, a enriquecer o conhecimento e possibilitar a aquisição de outras perspetivas e referências da temática em estudo, os alunos tiveram contato com outras fontes, nomeadamente, a biografia do navegador Pedro Álvares Cabral, que ficou conhecido pela célebre descoberta da Terra de Vera Cruz e alguns excertos da carta de Pêro Vaz de Caminha, que relata todos os acontecimentos da chegada dos portugueses à Terra de Vera Cruz. Procurou-se com esta exploração que os alunos contactassem com um novo referencial e procedessem ao cruzamento da informação a partir da interpretação de fontes diversas com mensagens convergentes ou divergentes em relação à BD histórica. Posteriormente os alunos exploraram alguns excertos, previamente selecionados, de uma outra BD “O Achamento do Brasil – A Carta de Pero Vaz de Caminho a El- Rei D. Manuel”, cujos autores são Simões e Gonzaga (anexo VI). A utilização desta seleção de pranchas, relativamente a esta obra, teve como finalidade levar os alunos a explorarem uma BD brasileira sobre a mesma temática, interpretando o “olhar” dos habitantes do nosso país irmão sobre a chegada dos portugueses ao território brasileiro. Na sequência desta tarefa, foi distribuída uma ficha de trabalho pelos alunos, com o objetivo de estes compararem as duas Bandas Desenhadas Históricas, aplicadas durante a sessão, de modo a concluírem aspetos que estas têm em comum e aspetos que as diferenciam, quer ao nível ilustrativo e/ou narrativo.

Por fim, na 5.ª sessão, foi solicitado aos alunos, a construção uma BD sobre a “descoberta” do Brasil, de modo a puderem demonstrar, ao nível ilustrativo e/ou narrativo, todo conhecimento adquirido sobre a temática em estudo, tendo como influências as BDs, fontes historiográficas ou a visita de estudo, realizada na 3.ª sessão (World of Discoveries, no Porto). De salientar, que durante a elaboração desta tarefa, os alunos não tiveram contacto com nenhuma fonte de informação, para não colocar em causa, todo o processo investigativo. Para auxiliar a construção, numa fase inicial realizou-se uma chuva de ideias, de maneira a que todos dessem o seu contributo, sobre os acontecimentos que deviam retratar na sua BD. Posteriormente, os alunos recordaram algumas regras para a

construção da Banda Desenhada, recorrendo a uma ficha explicativa de algumas características, que estão incorporadas nas BDs. Seguidamente, os alunos receberam folhas lisas para construírem a sua BD e folhas pautadas, para elaborarem uma planificação, de modo a terem a perceção dos acontecimentos e, também uma visão geral de todo o procedimento a adotar, para a realização da tarefa proposta. A realização desta tarefa teve a duração aproximada, de 140 minutos, sendo que não era possível realizarem a tarefa em casa, para não se enviesarem os resultados por qualquer tipo de interferência que pudesse ocorrer, uma vez que desejava-se apurar a compreensão e conhecimento histórico adquirido sobre a descoberta do Brasil. Finalizada a construção da BD, os alunos agruparam-se em grupos para uma caça ao tesouro, tendo sido aplicadas questões sobre toda a temática abordada nas últimas sessões, de modo a que no final a equipa vencedora conseguisse encontrar o tesouro.

**Quadro nº4** | Desenho das implementações do Projeto no 1.º Ciclo do Ensino Básico

<b>Implementações de Projeto do 1.º Ciclo do Ensino Básico</b>				
Sessões	Objetivos	Atividade	Descrição da atividade	Instrumentos de Recolha
<p><b>1ª Sessão</b></p> <p>Banda Desenhada</p> <p>Duração: 180 minutos</p> <p>12/11/2015</p>	<p>1. Verificar o conhecimento dos alunos sobre banda desenhada;</p> <p>2. Apurar a utilização da informação, na construção de uma banda desenhada.</p>	<p>-“Jogo da palavra mágica”</p> <p>-Ficha para levantamento das ideias prévias sobre BD</p> <p>-Vídeo sobre as características da BD</p> <p>-Análise do excerto da obra “História alegre de Portugal” do autor Manuel Pinheiro Chagas.</p> <p>-Vídeo sobre D. Afonso Henriques “ O primeiro rei”</p> <p>-Síntese com as regras básicas para a construção de uma BD</p>	<p><b>Grande Grupo:</b> No quadro, os alunos podem verificar números 1 a 14, sendo que a cada número tem uma letra da palavra mágica. Porém, só poderão escolher os números assinalados, caso acertarem nos elementos que estão no interior de um saco.</p> <p><b>Individualmente:</b> Realização da ficha de levantamento das ideias prévias de modo aferir o conhecimento dos alunos sobre a banda desenhada.</p> <p><b>Grande grupo:</b> Visualização de um vídeo sobre as características da banda desenhada (BD), disponível nos recursos da escola virtual.</p> <p><b>Grande grupo:</b> Análise do excerto de modo aferir o tema, personagens e tempo histórico retratado na obra de Manuel Pinheiro Chagas.</p> <p><b>Grande grupo:</b> Visualização do vídeo da autoria de Pedro Lino e diálogo, com os alunos, sobre a vida do primeiro rei de Portugal, D. Afonso Henriques.</p> <p><b>Grande grupo:</b> Análise em grande grupo de algumas regras, para a construção de uma banda desenhada.</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Ficha de levantamento das ideias prévias sobre BD</li> </ul>

		-Construção de duas tiras alusivas à obra em estudo	<b>Individualmente:</b> Construção de duas vinhetas, sobre D. Mafalda e D. Afonso Henriques, tendo em conta as falas disponíveis no ma	
<p><b>2ª Sessão</b></p> <p>Descoberta da Madeira e dos Açores</p> <p>Duração: 180 minutos</p> <p>13/01/2016</p>	<p>1. Fomentar competências de leitura e interpretação de bandas desenhadas;</p> <p>2. Aferir as informações, ao qual os alunos extraem dos excertos das bandas desenhadas;</p>	<p>- “Saco histórico”;</p> <p>- Projeção do vídeo “ O início da expansão portuguesa: Condições e interesses socioeconómicos”;</p> <p>- Leitura e interpretação de um excerto da BD “A Grande Aventura” pp. 29 e 30;</p> <p>- Ficha de Trabalho “Expansão Ultramarina Portuguesa”;</p> <p>- Leitura e análise de fontes escritas sobre as Descobertas da Madeira e</p>	<p><b>Grande Grupo:</b> Os alunos são presenteados com um saco histórico, ao qual no seu interior contém: Livro a Grande Aventura de Carmo Reis e José Garcês; Bússola; Binóculos; Carta Náutica do séc. XVI.</p> <p><b>Grande Grupo:</b> Visualização do vídeo que retrata as motivações e condições para a expansão portuguesa.</p> <p><b>Grande Grupo/ Pares:</b> Leitura em voz alta do excerto da obra “ A grande aventura” de A. Carmo Reis e José Garcês, ao qual aborda o início da expansão portuguesa, relatando a conquista de Ceuta e a descoberta da Madeira e dos Açores. Em pares, com recurso ao dicionário tentam perceber o significado de algumas palavras desconhecidas.</p> <p><b>Individual:</b> Realização da ficha de trabalho, com base na leitura da banda desenhada, de modo a aferir a interpretação dos alunos em relação às questões patente na ficha.</p> <p><b>Grande Grupo/Pares:</b> Leitura partilhada em voz alta das fontes disponibilizadas, com o intuito de procederem ao cruzamento de fontes e complementar</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Produção de textos</li> <li>• Ficha de trabalho</li> <li>• Gravações das interações em suporte áudio.</li> </ul>

		<p>dos Açores e do Infante D. Henrique (indicar quais);</p> <p>- Diário de Bordo;</p> <p>- Projeção do vídeo “Expansão Marítima: O Rumo das Descobertas”;</p> <p>- Friso Cronológico;</p>	<p>informação sobre a temática em estudo.</p> <p><b>Individual:</b> Construção do diário de bordo, com a finalidade dos alunos construir “pequenos” resumos, sobre o conteúdo abordado, de modo a fortalecer a escrita, ao nível do Português.</p> <p><b>Grande grupo:</b> Visualização do vídeo, que sistematiza conteúdos abordados nesta sessão.</p> <p><b>Grande grupo:</b> Diálogo com os alunos sobre os principais conquistas / descobertas trabalhadas na aula, de modo a assinalar no friso cronológico da sala de aula.</p>	
<p><b>3ª Sessão</b></p> <p>Descoberta do caminho marítimo para a Índia +</p> <p>Visita ao “World of Discoveries- Museu Interativo &amp; Parque Temático</p> <p>Duração: 210</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Consolidar os conteúdos abordados;</li> <li>• Proporcionar uma visita a um museu;</li> </ul>	<p>-“Caixa Mistério”</p> <p>-Excerto da obra “Portugal para miúdos” de José Jorge Aletria</p> <p>-Leitura e análise de documentos</p> <p>-Visualização do vídeo “A descoberta do caminho</p>	<p><b>Grande Grupo:</b> Esta atividade tem como objetivo motivar os alunos para a temática da aula, procurando que estes a descubram através de enigmas.</p> <p><b>Grande Grupo:</b> Leitura do excerto da obra referenciada no Plano Nacional de Leitura, dando mote para a abordagem do Cabo das Tormentas.</p> <p><b>Grande Grupo/Pares:</b> Leitura partilhada em voz alta das fontes disponibilizadas, com o intuito de enriquecer o conhecimento dos alunos, do tema apresentado.</p> <p><b>Grande Grupo:</b> Visualização do vídeo que retrata descoberta do caminho marítimo para a Índia.</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Gravações das interações em suporte áudio.</li> </ul>

<p>minutos</p> <p>20 /01/2016</p>		<p>marítimo para a Índia”,</p> <p>-“Caixa das Descobertas”</p> <p>-Friso cronológico</p> <p>- Painel dos Descobrimentos: Rota de Vasco da Gama</p> <p>- Diário de Bordo;</p>	<p><b>Grupos:</b> Descoberta através do cheiro, de algumas especiarias, como: especiarias indianas, como por exemplo: Pimenta; Açafraão; Alho; Canela; Cominho e Caril.</p> <p><b>Grande Grupo:</b> Sistematização dos assuntos abordados na aula, de modo a representar no friso cronológico da sala de aula.</p> <p><b>Individualmente:</b> Continuação do painel dos Descobrimentos, com a finalidade do aluno representar no painel, a rota efetuada pelo navegador Vasco da Gama.</p> <p><b>Individualmente:</b> Continuação do diário de bordo, com a finalidade dos alunos construir um resumo, sobre a visita de estudo.</p>	
<p><b>4ª Sessão</b></p> <p>Descoberta do Brasil.</p> <p>Duração: 180 minutos</p> <p>27/01/2016</p>	<p>1. Fomentar competências de leitura e interpretação de bandas desenhadas;</p> <p>2. Aferir as informações, ao qual os</p>	<p>- Levantamento das ideias prévias dos alunos, com recurso ao mapa Terra Brasilis, atribuído a Lopo Homem e Renéis, 1519;</p> <p>- Leitura do excerto da BD “ A Grande Aventura” p.56;</p>	<p><b>Grande grupo:</b> Realização de levantamento de questões, de modo a auxiliar a exploração do mapa, com o intuito de motivar os alunos para a “descoberta” do Brasil.</p> <p><b>Grande Grupo/ Pares:</b> Leitura em voz alta do excerto da obra “ A grande aventura” que aborda a descoberta do Brasil. Em pares, com recurso ao dicionário tentam perceber o significado de algumas palavras desconhecidas.</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Produção de textos;</li> <li>• Ficha de Trabalho “Interpretação das BD’s”;</li> <li>• Ficha de Trabalho “Comparação das BD’s”;</li> <li>• Gravações das</li> </ul>

	<p>alunos extraem dos excertos das bandas desenhadas;</p> <p>3. Verificar quais os aspetos que os alunos focam na comparação dos excertos apresentados;</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Ficha de trabalho de interpretação de BD;</li>   <li>- Leitura e análise de fontes;</li>   <li>- Leitura e análise de alguns excertos da BD “ O Achamento do Brasil – A Carta de Pero Vaz de Caminho a El- Rei D. Manuel”;</li>   <li>- Ficha de trabalho de comparação das BDs;</li>   <li>- Projeção do vídeo “A descoberta do Brasil”;</li>   <li>- Painel dos Descobrimentos: Rota de Pedro Álvares Cabral;</li> </ul>	<p><b>Individual:</b> Realização da ficha de interpretação, com base na leitura da banda desenhada, de modo a aferir a interpretação dos alunos em relação a este tipo de fonte histórica.</p> <p><b>Grande Grupo:</b> Leitura partilhada em voz alta das fontes disponibilizadas, com o intuito de procederem ao cruzamento de fontes e complementar informação sobre a temática em estudo.</p> <p><b>Grande Grupo/Pares:</b> Leitura partilhada em voz alta dos excertos da obra brasileira (BD), sobre a descoberta do Brasil.</p> <p><b>Individual:</b> Realização da ficha de comparação das duas BDs, com o intuito, do aluno apresentar semelhanças e diferenças das duas obras apresentadas.</p> <p><b>Grande grupo:</b> Visualização do vídeo, como forma de sistematização dos conteúdos abordados nesta sessão.</p> <p><b>Individual:</b> Construção do painel dos Descobrimentos, com a finalidade do aluno representar no painel, a rota efetuada pelo navegador Pedro Álvares Cabral.</p>	<p>interações em suporte áudio.</p>
--	---	---	---	-------------------------------------

		- Diário de Bordo;	<b>Individual:</b> Continuação da construção do diário de bordo, com a finalidade do aluno construir uma síntese, sobre o conteúdo abordado.	
<p><b>5ª Sessão</b></p> <p>Construção da BD sobre a descoberta do Brasil.</p> <p>Duração: 180 minutos</p> <p>11/02/2016</p>	<p>1. Aferir a aplicação do conhecimento adquirido, através da construção de uma banda desenhada;</p>	<p>-Chuva de Ideias sobre Descoberta do Brasil;</p> <p>-Planificação e construção da BD;</p> <p>- Jogo “ Navegador”;</p>	<p><b>Grande grupo:</b> Realização de levantamento de ideias dos alunos, sobre a descoberta do Brasil pelos portugueses.</p> <p><b>Individual:</b> Construção da banda desenhada sobre a descoberta do Brasil, com o intuito de aferir a aplicação do conhecimento do aluno, através desta estratégia.</p> <p><b>Grupos:</b> Realização de uma caça ao tesouro, em grupos de 4 /5 elementos, sendo aplicado questões alusivas aos conteúdos abordados.</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Produção da BD</li> <li>• Gravações das interações em suporte áudio.</li> </ul>

## 4.2 Implementação do Projeto de Intervenção no 2.º Ciclo

Posteriormente o projeto foi implementado numa turma de 6.º ano de escolaridade, constituída por 24 alunos, com idades compreendidas entre os 11 e os 12 anos de idade, tendo como conteúdo programático a “O 25 de Abril de 1974, o regime democrático” e os “Espaços em que Portugal se Integra”, sendo que esta eleição se deve pela continuidade da concretização do programa de História e Geografia de Portugal, aplicado ao longo de cinco sessões (sessões 1,2,3,5 e 8), cuja duração variou entre 45 a 90 minutos.

No decorrer das sessões, à semelhança do que aconteceu no 1.º Ciclo de escolaridade, os alunos foram apresentados com excertos de Bandas Desenhadas Históricas, de forma a estes desenvolverem as suas competências ao nível de leitura e de interpretação. Na 1.ª sessão foi aplicada uma ficha de levantamento de ideias prévias dos alunos sobre a revolução de abril, uma vez que, em anos anteriores, os alunos já tinham abordado este conteúdo programático, sendo pertinente a aplicação desta ficha, pois permitia aferir os conhecimentos que os alunos possuíam acerca da temática. Ainda nesta sessão, os alunos tiveram contacto com alguns excertos de BDs históricas, como por exemplo as ilustrações de José Abrantes e a prancha “Como nasce o 25 de Abril!” patente no boletim informativo do MFA “Movimento” de 1975, de modo a interpretar a informação que as ilustrações das obras fornecem ao leitor, sobre a temática em estudo.

A 2.ª sessão incidiu sobre as primeiras medidas aplicadas em Portugal pelo Movimento das Forças Armadas, no derrube da ditadura do Estado de Novo, que governou o nosso país ao longo de várias décadas. Para além dos conteúdos específicos para esta aula, os alunos foram apresentados com uma ficha diagnóstica sobre a BD, com o intuito de verificar a literacia dos alunos sobre este género literário, uma vez estes já tinham conhecimento sobre assunto.

Na 3.ª sessão, os alunos tiveram como temática em estudo o processo da “Descolonização” dos países africanos que Portugal possuía em 1974. Inicialmente os alunos exploraram uma “urna de voto” tendo no seu interior símbolos da política dos 3 D’s, que permitiram motivar os alunos para a temática em estudo. Seguidamente foi projetado o famoso cartaz publicitário “Portugal não é um país pequeno” de Henrique Galvão, utilizado pelo Secretariado de Propaganda Nacional na época do Estado Novo e um mapa-mundo, tendo destacado as antigas colónias portuguesas. Esta atividade teve como intuito a realização de um diálogo entre alunos e professor, para explorar o significado do cartaz publicitário, confrontando-o com a visualização de um outro mapa sobre as colónias portuguesas, disponível no manual escolar, tendo como título “ Os novos países africanos”, para assim os alunos concluírem que Portugal, até à descolonização possuía um vasto império colonial. Após esta

abordagem, os alunos visualizaram um vídeo intitulado “ Retornados, Lágrimas e sorrisos de África”, com a intenção de a turma verificar as consequências do 25 de Abril em relação ao processo de descolonização e à vinda dos retornados para Portugal, sendo por fim analisado algumas excertos de fontes historiográficas que retratam o processo de descolonização, de forma a enriquecer o seu conhecimento e de confrontar a temática com as fontes disponibilizadas.

Com base na temática do projeto, foi disponibilizado nesta sessão aos alunos duas pranchas do resumo em BD de Victor Mesquita alusivo ao 25 de abril de 1974, extraída da obra “Uma revolução desenhada- O 25 de Abril e a BD” de João Boléo, João Lameira e João Santos e uma prancha alusiva à Descolonização e à Constituição de 1976, extraído da obra “Portugal 8 Séculos em Banda Desenhada” de Maria da Conceição Fernandes e José Morim. Após a leitura dos excertos, os alunos realizaram uma ficha de trabalho, cuja finalidade era verificar a interpretação que os alunos fazem da BD em estudo.

De modo a enriquecer o conhecimento e de ter outras perspetivas e referências da temática em estudo, os alunos tiveram na sessão seguinte contato com outras fontes sobre os conteúdos que estavam patentes nas BDs, de modo os alunos procederem à interpretação e cruzamento de fontes historiográficas diversas sobre a mesma temática.

Na 5.<sup>a</sup> sessão, os alunos abordaram os conteúdos sobre o processo de democratização do nosso país, através da aprovação da “Constituição de 1976”. Para além das atividades implementadas para a construção do conhecimento sobre esta temática, nesta sessão foi solicitado aos alunos a construção de uma Banda Desenhada sobre a revolução de 1974, para que estes pudessem demonstrar, ao nível ilustrativo e/ou narrativo, todo conhecimento adquirido sobre este tema, tendo como influências as BDs históricas e/ou as fontes historiográficas aplicadas nas sessões. Conforme os moldes aplicados no 1.º Ciclo, durante a elaboração desta tarefa, os alunos não tiveram em contato com nenhuma fonte, para não pôr em causa, todo o estudo. Antes da construção das BDs realizou-se, em grande grupo, uma chuva de ideias, com a finalidade de sinalizar os acontecimentos que deviam ser retratados nas suas construções. Seguidamente, os alunos receberam um conjunto de material para produzirem as suas BDs. A realização desta tarefa estendeu-se durante duas sessões da Oferta Complementar, cuja responsável era a Diretora de Turma, que generosamente permitiu que os alunos terminassem esta atividade neste período, uma vez que não era possível realizarem em casa, para não por em causa os resultados, uma vez que desejava-se apurar a compreensão e conhecimento histórico adquirido sobre a revolução do 25 de Abril de 1974.

Por fim, na última sessão foi aplicada uma ficha de metacognição sobre o projeto desenvolvido nas últimas semana com o grupo turma, de modo a aferir o sucesso ou o insucesso deste projeto no 2.º Ciclo do Ensino Básico.

**Quadro nº 5** | Desenho das implementações do projeto no 2.º Ciclo do Ensino Básico

<b>Implementações de Projeto do 2.º Ciclo do Ensino Básico</b>				
Sessões	Objetivos	Atividade	Descrição da atividade	Instrumentos de Recolha
<p><b>1ª Sessão</b></p> <p>Revolução do 25 de Abril de 1974</p> <p>Duração: 90 minutos</p> <p>20/04/2016</p>	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Introduzir o tema do projeto;</li> <li>2. Fomentar competências de leitura de bandas desenhadas;</li> <li>3. Aferir as informações, ao qual os alunos extraem dos excertos das bandas desenhadas;</li> <li>4. Verificar a interpretação dos alunos perante uma banda desenhada;</li> </ol>	<p>- Projeção de vinhetas de José Abrandes alusivos ao 25 de Abril;</p> <p>- Ficha de levantamento das ideias/ conhecimentos sobre o 25 de Abril;</p> <p>- Projeção da prancha “Como nasce o 25 de Abril!”</p> <p>- Exploração de um excerto da obra literária “25 de Abril – Revolução dos Cravos”</p> <p>- Visualização do vídeo “Portugal, Lisboa – Revolução de 25 de Abril</p>	<p><b>Grande Grupo:</b> Motivação para o tema, ao qual os alunos são apresentados com algumas vinhetas do autor José Abrandes, sobre o 25 de Abril de 1974, tendo como finalidade dos alunos, através da colocação de questões, relacionar as vinhetas com o período histórico em estudo.</p> <p><b>Individual:</b> Realização de uma ficha de levantamento de ideias/ conhecimentos, para aferir o saber do aluno sobre o 25 de Abril de 1974.</p> <p><b>Grande Grupo:</b> Análise da prancha “Como nasce o 25 de Abril!” patente no boletim informativo do MFA “Movimento” de 1975. Colocação de questões de modo os alunos inferirem as razões que motivaram para a revolução de 1974.</p> <p><b>Grande Grupo:</b> Leitura em voz alta do excerto da obra “25 de Abril- Revolução dos Cravos”, sobre o 1.º comunicado do MFA à população portuguesa .</p> <p><b>Grande Grupo:</b> Visualização do vídeo sobre a revolução do 25 de abril, demonstrando alguns dos acontecimentos que marcaram esta data.</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Produção de textos;</li> <li>• Ficha Diagnóstica sobre o 25 de Abril;</li> <li>• Gravações das interações em suporte áudio.</li> </ul>

		de 1974”  - Ficha de entrevista sobre o 25 de Abril;	<b>Grande Grupo/Individual:</b> Idealização em grande grupo das questões a serem aplicadas na entrevista aos familiares e amigos, em contexto fora da sala de aula.	
<b>2ª Sessão</b>  Primeiras medidas do MFA  Duração: 45 minutos  22/04/2016	1. Aferir os conhecimentos dos alunos sobre bandas desenhadas;	- Ficha diagnóstica sobre banda desenhada  - Apresentação das entrevistas sobre o 25 de Abril	<b>Individualmente:</b> Realização de uma ficha diagnóstica, com o intuito de verificar a literacia dos alunos sobre banda desenhada.  <b>Grande Grupo:</b> Apresentação das entrevistas efetuada fora do contexto de sala de aula, sobre a temática em estudo.	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Ficha Diagnóstica sobre banda desenhada;</li> <li>• Gravações das interações em suporte áudio.</li> </ul>
<b>3ª Sessão</b>  Descolonização  Duração 90 minutos  27/04/2016	1. Fomentar competências de leitura de bandas desenhadas;  2. Aferir as informações, ao qual os alunos extraem dos excertos das	- “Urna de Voto”  - Análise do cartaz publicitário “ Portugal não é um país pequeno”  - Visualização do vídeo	<b>Grande Grupo:</b> Motivação para o tema, tendo como recurso uma urna de voto, tendo no seu interior símbolos da política dos 3 D’s.  <b>Grande Grupo:</b> Realização de levantamento de questões, de modo a auxiliar a exploração do cartaz, com o intuito dos alunos explorar o significado do cartaz publicitário, confrontando-o com a visualização de um mapa com as colónias portuguesas.  <b>Grande grupo:</b> Visualização do vídeo, ao qual	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Gravações das interações em suporte áudio.</li> <li>• Ficha de Interpretação.</li> </ul>

	bandas desenhadas;	<p>“Retornados, Lágrimas e sorrisos de África”</p> <p>- Exploração de excertos de fontes historiográficas.</p> <p>- Leitura e análise da prancha de Victor Mesquita e da prancha da obra “Portugal 8 Séculos em Banda Desenhada”</p> <p>- Ficha de interpretação da BD</p>	<p>apresenta a perspectiva de cidadãos que vivenciaram este acontecimento.</p> <p><b>Grande Grupo:</b> Leitura partilhada em voz alta das fontes disponibilizadas, com o intuito de enriquecer o conhecimento dos alunos.</p> <p><b>Grande Grupo/Pares:</b> Leitura partilhada em voz alta dos excertos das obras que retratam os acontecimentos históricos, desde o 25 de abril até à aprovação da nova constituição.</p> <p><b>Individual:</b> Realização da ficha de interpretação, com base na leitura da banda desenhada, de modo a aferir a interpretação dos alunos, consoante as questões patente na ficha.</p>	
<p><b>5ª Sessão</b></p> <p>Constituição de 1976 e construção da BD sobre o 25 de Abril.</p> <p>Duração: 90 minutos</p>	<p>2. Verificar a aplicação do conhecimento adquirido, através da construção de uma banda desenhada;</p>	<p>- Chuva de Ideias sobre o 25 de Abril de 1974;</p> <p>- Planificação e construção da BD;</p> <p>- Ficha de trabalho</p>	<p><b>Grande grupo:</b> Realização de levantamento de ideias dos alunos, sobre a temática da revolução do 25 de Abril.</p> <p><b>Individual:</b> Construção da banda desenhada sobre o 25 de Abril, com o intuito de aferir a aplicação do conhecimento do aluno, através do desenho.</p> <p><b>Individual:</b> Realização de uma ficha de trabalho sobre os conteúdos programáticos abordados até ao</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Produção da BD</li> <li>• Gravações das interações em suporte áudio.</li> </ul>

<p>4/05/2016</p> <p>+ 90 minutos ( Oferta Complementar)</p>			<p>momento, de forma a colmatar alguma das dificuldades existentes.</p>	
<p><b>8ª Sessão</b></p> <p>Organizações ao qual Portugal se insere</p> <p>Duração: 90 minutos</p> <p>25/05/2016</p>	<p>1. Avaliar o conhecimento adquirido dos pelos através do estudo</p>	<p>- Ficha de Metacognição</p>	<p><b>Individual:</b> Realização de uma ficha de metacognição.</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Ficha de Metacognição</li> <li>• Gravações das interações em suporte áudio.</li> </ul>

## **CAPÍTULO V - ANÁLISE DE DADOS**

Neste capítulo pretende-se analisar os dados obtidos da implementação do projeto, no 1.º e 2.º Ciclo do Ensino Básico, resultantes da aplicação dos instrumentos de recolha de dados e dos procedimentos descritos no capítulo III, referente à descrição da implementação das atividades. Procedeu-se à análise e categorização das respostas dos alunos por ciclos, tendo por base, alguns estudos citados anteriormente, como por exemplo, Mota (2012) e/ou Fronza (2007). No final de cada ciclo, apresentam-se as conclusões da análise e discussão dos dados obtidos nas duas turmas do 1.º e 2.º Ciclo, resultantes da implementação do estudo.



## 5.1 Análise de dados dos alunos do 1.º Ciclo

No presente capítulo apresentam-se os resultados obtidos do projeto implementado no 4.º ano de escolaridade (26 alunos) implementado ao longo de 4 sessões (a sessão 1, 2, 4 e 5) subordinado à exploração da BD como fonte histórica para o ensino de História.

Na 1.ª sessão, foi abordada a Banda Desenhada, sendo um dos tópicos programáticos no ensino do Português, no 4.º ano de escolaridade. Contudo, é de salientar que esta temática não é desconhecida para os alunos, uma vez que, estes já teriam abordado a mesma, no 3.º ano. Perante isto, foi introduzido uma ficha de levantamento de ideias prévias (Anexo I), com o objetivo de aferir os conhecimentos que os alunos possuíam sobre a temática em estudo (BD histórica). A respetiva ficha era constituída por quatro questões, tendo sido realizada por 25 alunos (n=25).

Na questão 1. “O que é para ti uma banda desenhada?”, pretendia-se que os alunos, por palavras suas, apresentassem uma definição sobre este género literário. A partir da análise das respostas dos alunos elaboramos o seguinte sistema de categorização e respetivos descritores (quadro n.º 1):

**Quadro nº 6** | Sistema de categorização (categorias e descritores) das respostas dos alunos sobre a definição do conceito de Banda desenhada na ficha de levantamento de ideias prévias do 1.º Ciclo.

Categorias	Descritores	Ocorrências
Resposta alternativa/vaga	Respostas em que os alunos apresentam uma conceção alternativa/vaga sobre banda desenhada.	9
Resposta válida incompleta	Respostas em que os alunos apresentam uma conceção pouco elaborada, suportada pela mobilização de alguns conhecimentos sobre banda desenhada.	13
Resposta válida completa	Respostas em que os alunos apresentam uma conceção mais elaborada, suportada pela mobilização de conhecimentos prévios sobre banda desenhada.	2
Não respondeu	Ausência de resposta	1

O quadro anterior expressa a categorização das respostas dos alunos sobre a definição de banda desenhada, emergindo três categorias.

A primeira categoria designa-se por “Resposta alternativa/vaga” em que considerámos as respostas dos alunos que apresentam uma conceção alternativa, por vezes vaga sobre banda desenhada. Seguidamente pode-se verificar algumas das contribuições dos alunos, nesta categoria, em que as suas respostas apresentam pouca ou nenhuma explicitação do conceito, sem a ocorrência de

alguma característica que a tipologia de texto apresenta, como é o caso dos das seguintes excertos dos alunos:

(A26) *“A banda desenhada é um livro engraçado”;*

(A25) *“A banda desenhada é um livro de aventura e histórias que gosto de ler”;*

(A1) *“Uma banda desenhada para mim é como um texto normal”.*

A segunda categoria designa-se por “Resposta válida incompleta”, em que foram consideradas as respostas em que os alunos apresentam uma conceção pouco elaborada, suportada pela mobilização de alguns conhecimentos sobre banda desenhada, como podemos constatar nos seguintes excertos dos alunos:

(A12) *“Para mim uma banda desenhada são papéis que demonstram bonecos ou personagens com balões de falas”;*

(A10) *“Para mim uma banda desenhada é um texto com várias ilustrações”;*

(A11) *“Para mim uma banda desenhada é uma história com imagens divididas e balões com falas”;*

A última categoria designa-se por “Resposta válida completa”, em que as respostas dos alunos apresentam uma conceção mais elaborada, suportada pela mobilização de conhecimentos prévios sobre banda desenhada, como o expressam os seguintes excertos de respostas dos alunos:

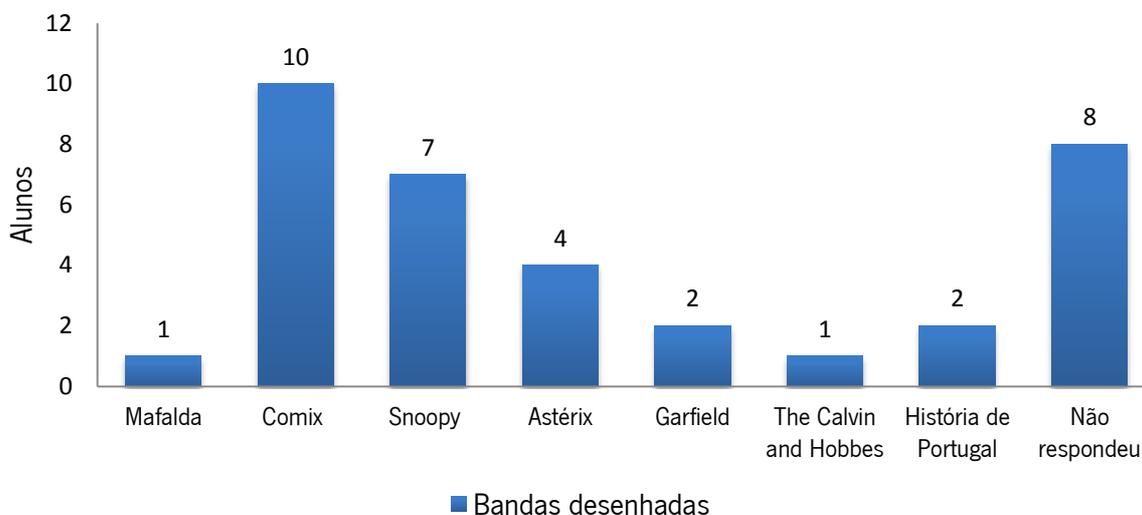
(A14) *“Para mim uma banda desenhada é como uma história só que contada de maneira diferente. Uma banda desenhada expressa-se melhor do que uma outra história porque tem vários balões (pensamento, grito, fala normal, ...)”;*

(A22) *“Para mim uma banda desenhada é um texto só tem muitos desenhos e balões de falas, pensamento, entre outras... é organizada por pranchas, vinhetas e tiras”.*

De acordo com as respostas dos alunos podemos constatar que a maioria dos alunos da turma apresentaram uma resposta válida incompleta, pouco desenvolvida, recorrendo a alguns conhecimentos de forma superficial, isto apesar de este género literário ter sido já estudado pelos alunos no 3.º ano, poucos o souberam explicar de forma mais detalhada e precisa.

A questão 2. “Quais são as bandas desenhadas que conheces?”, desejava-se verificar qual o conhecimento dos alunos relativamente a obras, que costumam ler ou que já tiveram a possibilidade de estar em contacto. Podemos constatar a partir do gráfico n.º 1 que a maioria das crianças inquiridas (10 alunos em 25), indicaram que conheciam a “Comix”, uma das revistas mais famosas de Banda Desenhada para os mais jovens. Porém, é de salientar que 32% dos alunos não responderam à questão.

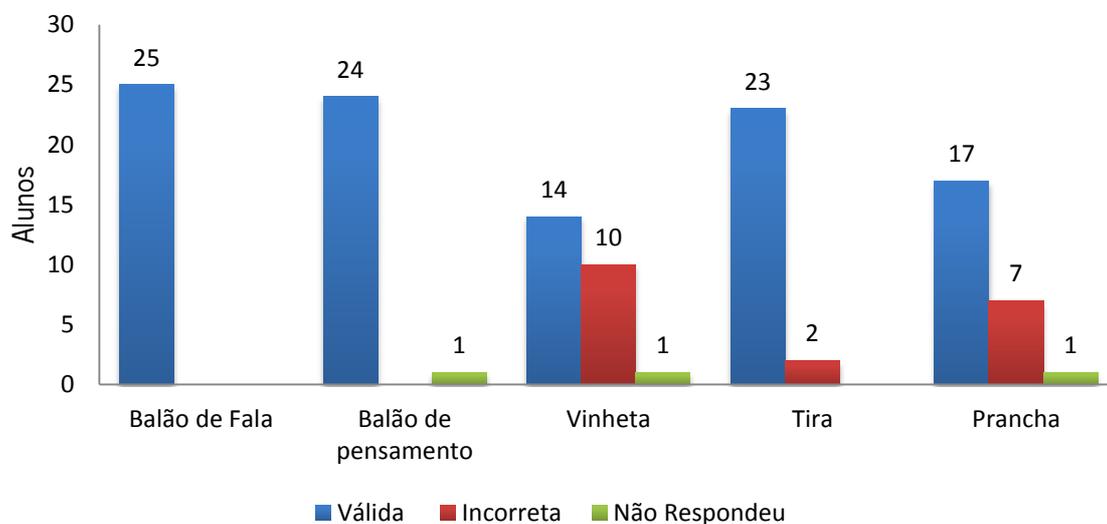
**Gráfico nº1 |** Conhecimento de Bandas Desenhadas pelos alunos do 1.º Ciclo.



Relativamente à questão 3. “Costumas ler banda desenhada? Se sim, quais?”, os inquiridos tinham que assinalar a opção, sobre os seus hábitos de leitura ( Muitas vezes, Às vezes, Nunca) e posteriormente indicar as obras, caso fossem leitores. Com esta pergunta, pude averiguar que 52% dos alunos (n=13) selecionaram a opção “Nunca”, 28% (n= 7) indicaram “Às vezes”, 16% (n= 4) assinalaram que realizavam “Muitas vezes” leituras de Banda Desenhada e 4% dos alunos (n=1) não respondeu a esta questão. Perante estes resultados é bastante evidente que a maioria da turma, não possui grandes hábitos de leitura deste género de literatura. Contudo, os alunos que mencionaram ter hábitos de leitura, estes referiram que as suas preferências incidiam-se nas obras, “Comix” (6 alunos), seguindo-se do “Snoopy” (3 alunos) e do famoso gaulês “Astérix” (3 alunos).

Por fim, os alunos foram confrontados com a questão 4, que era composta por cinco alíneas para identificarem os diferentes tipologias de balão e constituintes da BD: balão de fala, balão de pensamento, vinheta, tira e prancha, estabelecendo a efetiva correspondência. De salientar que cada alínea possui um conjunto de três imagens, sendo que só uma das opções é correta. Conforme o gráfico nº2, averiguamos que os inquiridos, não tiveram dificuldade em indicar o balão de fala e de pensamento, sendo que no segundo balão (balão de pensamento), apenas 1 aluno não respondeu à respetiva alínea. No que diz respeito, às características da banda desenha, nomeadamente ao significado de prancha, vinheta e tira, denota-se que houve um maior consenso na identificação da tira, uma vez que, só 8% dos alunos (n=2) é que não acertaram na opção correta.

**Gráfico nº 2 |** Identificação dos elementos constitutivos de uma BD pelos alunos do 1.º Ciclo.

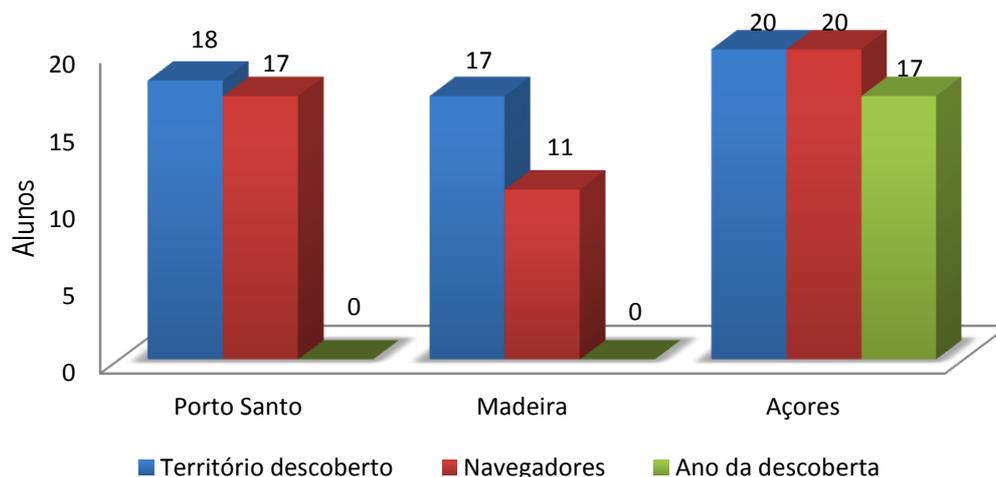


Na 2.ª sessão foi realizado uma ficha de trabalho (Anexo II) para orientar a leitura e interpretação da BD disponibilizada, nomeadamente as pranchas da pp. 29-30 da obra “A grande Aventura” dos autores Reis, A. & Garcês, J.. As respetivas pranchas abordavam os acontecimentos históricos das descobertas das ilhas da Madeira, de Porto Santo e Açores. A pertinência nesta ficha consistia, numa primeira fase, avaliar a capacidade dos alunos, para a interpretação da informação patente na Banda Desenhada e proceder a inferências e deduções posteriormente. Por outro lado, pretendia-se que os alunos começassem a familiarizar-se com esta estratégia e de eventuais mudanças operadas nas competências de interpretação dos alunos em relação a tipo de fontes ao longo do projeto. Podemos averiguar, numa primeira fase, que os alunos de modo geral, não demonstraram grandes dificuldades na realização da respetiva ficha, tomando como exemplo a questão, em era solicitado a identificação da praça do Norte de África, que foi conquistada pelos portugueses, tendo 92% dos alunos respondido acertadamente, a cidade de Ceuta. Porém, na pergunta 1.3 “Indica as descobertas realizadas neste período, os respetivos navegadores e a data em que foram alcançadas.”, os alunos tiveram algumas dificuldades em organizar a informação, consoante o que era pretendido.

Com base nos dados observados no gráfico nº3, podemos averiguar que a organização da informação, relativamente à descoberta dos Açores (inicialmente em 1427 alcançaram algumas das ilhas do Arquipélago- Santa Maria, S. Miguel e mais 5 ilhas), foi aquela que obteve maior êxito, perante os 26 alunos (n=26), que realizaram esta ficha de trabalho. Conseguimos apurar que 20 alunos conseguiram referenciar o arquipélago dos Açores como uma descoberta, tendo sido alcançada pelo

navegador Diogo Silves, no ano de 1427, sendo que o ano da descoberta foi apenas assinalada por 17 alunos. Por outro lado, houve alguns alunos (n=11), que neste exercício referenciaram Ceuta, como um dos territórios descobertos pelos navegadores portugueses. Com este resultado, podemos apurar a desconcentração dos alunos, uma vez que antes da abordagem destas descobertas, foi trabalhado com eles a conquista de Ceuta, tendo sido referido a importância desta praça, a nível comercial e por outro lado, durante a exploração da Banda Desenhada apresentada, esta fazia referência a Ceuta como uma conquista e não como território descoberto pelos nossos navegadores. Denota-se que alguns alunos ainda confundem conquista com descoberta em relação a alguns territórios alcançados pelos portugueses.

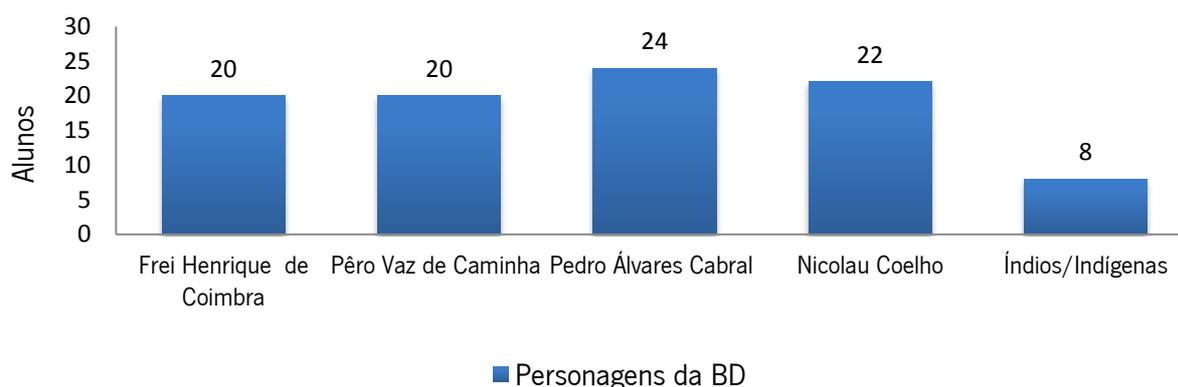
**Gráfico nº 3 |** Conhecimento substantivo referente à descoberta das ilhas de Porto Santo, Madeira e Arq. dos Açores.



A sessão 4 teve como temática em estudo, a descoberta do Brasil, feito alcançado pelo navegador Pedro Álvares Cabral na sua viagem que tinha como destino a Índia. Nesta sessão, foram aplicados dois instrumentos de recolha de dados, sendo que cada um deles tinha funções específicas para o presente estudo deste projeto. Num primeiro momento da aula, foi introduzido a ficha de trabalho de “Interpretação” da BD (Anexo IV), aplicada após a leitura do excerto da obra “A grande Aventura”, que retratava numa prancha, os acontecimentos mais marcantes da viagem dos navegadores portugueses e da sua chegada à Terra de Vera Cruz (Brasil).

Na questão 1.1 “Qual o acontecimento histórico retratado na BD?”, não houve margem para dúvidas que a Banda Desenhada em estudo retratava a descoberta do Brasil, tendo todos os alunos (n=26) afirmado esse acontecimento histórico. Seguidamente, os alunos foram confrontados com a questão “Quais as personagens que identificas na Banda Desenhada?”, em que se pretendia que identificassem todas as personalidades históricas ilustradas na banda desenhada em análise. O gráfico n° 4 exhibe as contribuições dos alunos:

**Gráfico n°4 |** Identificação das personagens presentes na BD pelos alunos do 1.º Ciclo



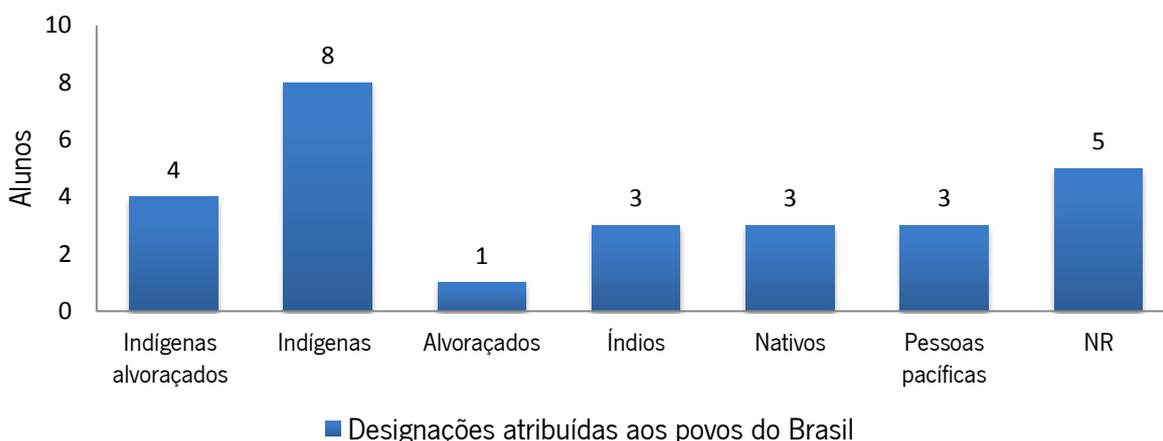
Perante os resultados apresentados, podemos verificar que todos os alunos (n=24) indicaram o navegador Pedro Álvares Cabral, seguindo-se o Nicolau Coelho (n=22). Este tipo de questão, de resposta mais direta, não causa grandes dificuldades para os alunos, pois estes estão mais familiarizados com esta tipologia por ser a mais frequente a ser utilizada tomando como exemplo, os cadernos de atividades, que apresentam na sua maioria esta estrutura de questões, que implica apenas constatação de informação retirada da fonte. Na seguinte questão foi questionado aos alunos, “Como foi chamado o monte avistado? Porquê o assim designaram?”, onde os alunos mais uma vez não demonstraram dificuldade, uma vez que 96% indicaram que o monte avistado teve a designação de Monte Pascoal, sendo que a justificação para a atribuição desta denominação, segundo 84% dos alunos foi por nessa altura encontravam-se na “Festa da Ressureição”. Por outro lado, 8% dos alunos justificou que o motivo da atribuição desse nome ao monte deveu-se pela “Restauração”, ao qual demonstra uma distração, por parte de dois alunos, uma vez que na Banda Desenhada, encontrava-se referenciado o motivo, sendo uma questão de interpretação, ao nível do Português.

Posteriormente, a questão apresentada tinha como objetivo que os alunos indicassem o nome dado ao território descoberto. Apesar de a maioria ter indicado corretamente a designação de Terra de

Vera Cruz (n=23), os restantes três alunos indicaram o nome atual desse território, Brasil. Consoante este resultado, penso que os alunos poderão ter sido induzidos em erro, devido a este acontecimento ser sempre referenciado como “descoberta do Brasil”, deduzindo que se trataria do Brasil.

No seguimento da ficha de trabalho, foi solicitado aos alunos, na questão 1.5 “Indica com base na BD, que designação foi dada aos habitantes do território descoberto?”. Nesta questão, foram muitas as designações utilizadas pelos alunos, para responderem a esta questão, como podemos constar no gráfico n.º 5, sendo que 30% dos alunos referiram que a designação atribuída aos habitantes de Vera Cruz foi “indígenas”. Salienta-se ainda que quatro alunos completaram a sua resposta com adjetivação como foi o caso do aluno (A16) “A designação que foi dada nos habitantes foi indígenas alvoraçados.”

**Gráfico n.º5 |** Designações atribuídas ao povo do Brasil pelos alunos do 1.º Ciclo.



Posteriormente a questão 1.6 “*Como são descritos estes habitantes na BD*”, pretendia-se que os alunos com base na exploração da Banda Desenhada apresentassem a sua interpretação respondendo à questão acima formulada. Procedeu-se à seguinte categorização das respostas dos alunos, (quadro n.º 1). A partir das respostas dadas pelos alunos, foi possível organizar três categorias de respostas.

**Quadro nº71** Sistema de categorização (categorias e descritores) das respostas dos alunos sobre a descrição dos habitantes da Terra de Vera Cruz.

Categorias	Descritores	Ocorrências
Resposta de descrição física	Respostas em que os alunos apresentam uma descrição dos habitantes ao nível físico.	3
Resposta de descrição psicológica	Respostas em que os alunos apresentam uma descrição dos habitantes ao nível psicológico.	17
Não respondeu	Ausência de resposta	6

Conforme podemos aferir, na primeira categoria, *Resposta de descrição física*, os alunos (n=3) apresentaram na sua resposta uma descrição dos habitantes da Terra de Vera Cruz ao nível físico, nomeadamente, referirem andarem estes no seu quotidiano sem alguma peça de vestuário, como o expressam as seguintes respostas dos alunos:

- (A12) “*Os habitantes descritos na banda desenhada estão completamente nus*”;
- (A10) “*São descritos estes habitantes na BD completamente nus*”;
- (A2) “*Os habitantes na BD são descritos completamente nus*”.

Na segunda categoria, *Resposta de descrição psicológica*, categoria com maior frequência de respostas (n=17), tendo sido consideradas todas as respostas que descrevem os Índios a nível psicológico, como podemos comprovar nos seguintes excertos dos alunos:

- (A24) “*Estes habitantes na BD são descritos como pessoas pacíficas*”;
- (A22) “*São pessoas pacíficas. À noite, dois nativos vêm à Nau capitaina*”;
- (A14) “*Estes habitantes na BD são descritos como índios e pessoas pacíficas*”.

Por fim, na última categoria, *Não respondeu*, diz respeito aos alunos (n=6) que não obtiveram qualquer interpretação sobre este assunto, de modo a não desenvolver uma resposta para a questão apresentada.

Conforme as respostas apresentadas pelos alunos, podemos averiguar que a maioria deles apresentou uma descrição dos habitantes da Terra de Vera Cruz, ao nível psicológico, esta descrição era bastante evidente na última vinheta da segunda tira, onde na legenda indica que os habitantes “são pessoas pacíficas”.

Os alunos que fizeram uma descrição de carácter físico remetem para uma interpretação da Banda Desenhada, ao nível do texto pictórico, uma vez que em nenhuma parte do texto verbal aparece a descrição dos indígenas, como sendo pessoas que andavam nuas pelo território. Porém, isso é possível verificar, na prancha explorada na sala de aula, devido às ilustrações.

Posteriormente, segue-se a análise das respostas à questão 1.7 “*Como reagiram os habitantes desta terra à chegada dos portugueses ao seu território?*”, categorizadas as suas contribuições em quatro categorias de análise.

**Quadro nº8** | Sistema de categorização (categorias e descritores) das respostas dos alunos sobre a reação dos habitantes da Terra de Vera Cruz à chegada dos portugueses ao seu território.

Categorias	Descritores	Ocorrências
Resposta vaga	Respostas em que os alunos apresentam uma interpretação vaga sobre a reação dos habitantes da Terra de Vera Cruz à chegada dos portugueses ao seu território.	5
Resposta válida/incompleta	Respostas em que os alunos apresentam uma interpretação da reação válida dos habitantes, sem fundamentarem a sua resposta reproduzindo e articulando com informação da banda desenhada.	11
Resposta inválida	Respostas em que os alunos apresentam uma interpretação da reação inválida dos habitantes da Terra de Vera Cruz à chegada dos portugueses ao seu território.	1
Não respondeu	Ausência de resposta	9

Na primeira categoria *Resposta alternativa/vaga* foram contabilizadas todas as contribuições dos alunos que apresentavam uma resposta alternativa para a respetiva questão, sendo que as suas respostas não estão diretamente claras, no que diz respeito à reação dos Índios, perante a presença dos navegadores portugueses no seu território. Para isso, podemos verificar as seguintes repostas dos alunos:

(A13) “*Os habitantes desta terra foram falar com Nicolau Coelho.*”

(A6) “*Reagiram bem. Eles celebraram uma missa.*”

Na categoria seguinte, *Resposta válida/incompleta*, foram selecionadas todas as respostas em que os alunos interpretaram de forma válida a reação dos nativos perante a chegada dos portugueses ao seu território, porém as suas contribuições não foram fundamentadas, tendo por exemplo integrado algumas passagens da BD (corta-cola), onde pudessem justificar a sua resposta, tomando como exemplo os alunos:

(A2) “*Os habitantes reagiram bem.*”

(A4) “*Os habitantes desta terra ficaram alvoraçados à chegada dos portugueses ao seu território.*”

(A8) “*Reagiram bem sem serem pessoas muito agressivas.*”

(A10) “*Os habitantes desta terra reagiram bem à chegada dos portugueses.*”

Na terceira categoria, *Resposta inválida*, apenas um aluno fez uma interpretação incorreta da atitude dos nativos à chegada dos portugueses, isto porque o aluno A13 “*Reagiram mal à chegada dos portugueses.*”, sendo que em nenhum momento da prancha da Banda Desenhada explorada, apresenta no texto verbal e/ou texto pictórico qualquer indicio de receção menos calorosa, por parte dos Índios aos navegadores portugueses.

Por fim na última categoria, remete para os alunos que não tiveram qualquer resposta para apresentar para a respetiva resposta, sendo esta uma das categorias com um elevado número de alunos.

No que diz respeito a esta categorização das respostas dos alunos, podemos aferir que houve um conjunto de respostas diversificadas, sendo que nenhum dos alunos apresentou uma resposta que aprofundasse a questão a partir do recurso explorado. Conforme os dados a segunda categoria foi a que contempla um maior número de respostas dos alunos, onde estes apesar de fazerem uma interpretação válida da exploração da BD, quer ao nível do texto verbal como no texto pictórico, estes apresentam uma resposta muito pobre ao nível da fundamentação.

Seguidamente apresenta-se a análise de dados proveniente da realização da ficha de trabalho – Comparações (Anexo VIII), efetuadas pelos alunos, na sessão 4. Através do seguinte quadro nº3, pretender-se – á aferir as semelhanças e/ou diferenças que os alunos encontraram durante a exploração dos excertos das banda desenhadas “ A grande Aventura” e “ O Achamento do Brasil – A carta de Pero Vaz de Caminha a El-rei D. Manuel”, ambas subordinadas à temática da descoberta do Brasil.

De acordo com as contribuições dos alunos no preenchimento desta ficha de trabalho foi possível categorizar as suas respostas em sete categorias de análise.

**Quadro nº9|** Sistema de categorização (categorias e descritores) das semelhanças e diferenças das BDs segundo as respostas dos alunos do 1.º Ciclo.

Categorias	Descritores	Ocorrências	
		Semelhanças (N=26)	Diferenças (N=26)
Temática	Resposta em que os alunos mencionam semelhanças ou diferenças nas bandas desenhadas no que diz respeito à temática que está retratada nas obras.	14	1
Ilustração	Resposta em que os alunos mencionam semelhanças ou diferenças nas bandas desenhadas no que diz respeito às ilustrações nas obras.	1	20
Religioso	Resposta em que os alunos mencionam	17	12

	semelhanças ou diferenças nas bandas desenhadas no que diz respeito às cerimónias religiosas celebradas por Frei Henrique.		
Personagens	Resposta em que os alunos mencionam semelhanças ou diferenças nas bandas desenhadas no que diz respeito às personagens que se destacaram no acontecimento histórico (Pedro Álvares Cabral, Frei Henrique de Coimbra, Vasco de Ataíde)	3	0
Embarcações	Resposta em que os alunos mencionam semelhanças ou diferenças nas bandas desenhadas no que diz respeito às embarcações utilizadas pelos navegadores (naus, caravelas, navio, batel)	12	0
Caraterização dos nativos	Resposta em que os alunos mencionam semelhanças ou diferenças nas bandas desenhadas no que diz respeito à caraterização dos nativos em termos físicos e ao nível dos adereços (penas, lanças, pinturas, tanga)	15	2
Conteúdo histórico	Resposta em que os alunos mencionam semelhanças ou diferenças nas bandas desenhadas no que diz respeito ao conteúdo histórico que se encontra patente nas duas obras exploradas.	4	14

Em análise a todas as respostas dadas pelos alunos, podemos averiguar que na categoria *Temática*, alguns alunos da turma (n=14), indicaram que ambas as obras exploradas retratavam a descoberta do Brasil, como podemos verificar na resposta do aluno A16 “*Descoberta do Brasil*”. Porém houve alunos que não especificaram o acontecimento em concreto, apontando como semelhança os excertos abordarem os descobrimentos, como apresenta o aluno A3, “*Falam dos Descobrimientos*”, demonstrando uma carência de rigor no que diz respeito ao acontecimento histórico, uma vez que ao longo deste período houve vários acontecimentos que marcaram, sendo a descoberta do Brasil um deles.

No que diz respeito às diferenças, apenas um aluno (A26), apresenta uma perspetiva diferenciada em relação ao grupo turma, isto porque segundo este aluno, “*uma fala sobre as descobertas do Brasil e a outra fala do Brasil*”. Poderá esta resposta, embora possa ser intuitiva, estar relacionada com a perceção deste aluno de perspetivas diferentes das suas obras, a descoberta do Brasil na perspectiva portuguesa e o Brasil na perspectiva dos brasileiros.

Ao nível ilustrativo, na categoria *ilustração*, podemos afirmar que a maioria dos alunos indicou que havia uma grande diferenciação entre a obra portuguesa e a brasileira, isto porque segundo os alunos, uma das BDs exploradas apresentava, por exemplo um mapa que indica a rota dos

portugueses desde a sua saída de Lisboa até a sua chegada a Terra de Vera Cruz, sendo isso possível de verificar na BD brasileira na prancha da página 9, como mencionam os alunos:

(A1) *“Desenhos. Numa tem mapa e noutro não tem”*

(A9) *“As duas têm desenhos diferentes.”*

Claro que as obras em questão as suas ilustrações seriam diferentes, uma vez que cada uma tem os seus ilustradores, porém ao nível ilustrativo “O Achamento do Brasil – A Carta de Pero Vaz de Caminha a El-Rei D Manuel” dos autores Simões, H. e Gonzaga, R., apresenta uma ilustração mais apelativa, realista e bastante fidedigna do acontecimento histórico. Segundo Dale (1964) citado por Gonçalves (2013) a visão “é responsável por mais de 80% de tudo que se aprende”, e neste sentido a ilustração pode influenciar os alunos no tipo de interpretação que realizam se estas evidenciarem técnicas diferentes, podendo interferir nas inferências produzidas pelos alunos.

Porém apenas um aluno (A5) apresenta uma semelhança no que diz respeito às obras, sobre as ilustrações, dizendo que *“Em ambas os desenhos são expressivos”*.

Outro ponto de análise diz respeito à categoria *Religioso*, que integra as cerimónias litúrgicas celebradas pelo Frei Henrique de Coimbra, onde foi possível verificar durante a exploração das duas BDs históricas, que o Frei Henrique de Coimbra realizou duas eucaristias. Podemos apurar que a maioria dos alunos (n=17) menciona que em ambas as BDs é representada as eucaristias celebradas pelo Frei Henrique de Coimbra. No entanto estes alunos, não salientam que na versão portuguesa só é indicada uma das cerimónias, sendo neste caso a ultima celebração religiosa do Frei Henrique de Coimbra, com a participação dos navegadores portugueses e os nativos, conforme podemos verificar as contribuições dos alunos:

(A15) *“Missa do Frei Henrique”;*

(A24) *“Ambas têm missas.”;*

(A25) *“Indica que a missa foi dada por Frei Henrique”.*

Contudo alguns alunos (n=12) refutam esta semelhança identificando diferenças na abordagem deste episódio, pois como afirma o aluno (A5) *“A cerimónia é celebrada de maneira diferente.”*; enquanto que, o aluno (A10) menciona que *“Num foram duas missas e no outro foram uma”*.

Na categoria *personagens*, os alunos não tiveram uma grande opinião sobre as semelhanças/diferenças, pois ao nível das semelhanças apenas três alunos indicaram que ambas as obras falavam de Pedro Álvares Cabral, como podemos verificar na resposta do aluno A16 *“Nas duas fala de Pedro Álvares Cabral”*. Porém em outras categorias de análise (religioso e conteúdo histórico)

podemos verificar que estes relatam outras personalidades como é o caso do Frei Henrique de Coimbra e o navegador Vasco d'Ataíde.

Na quinta categoria, *embarcações*, nenhum dos alunos encontrou alguma diferença entre as obras analisadas, porém, no que diz respeito às semelhanças apenas doze alunos demonstraram apresentar uma resposta no que diz respeito ao meio de transporte utilizado pelos navegadores portugueses, durante a expedição. Contudo, é possível averiguar de acordo com as respostas dos alunos, que estes apresentam algumas dificuldades na terminologia a ser adotada, uma vez que *batel*, *nau*, *caravela*, *navio* ou *barco* são os termos mais utilizados, como as seguintes respostas o comprovam:

- (A21) "*Nas duas têm caravelas portuguesas e naus portuguesas.*";
- (A11) "*Têm naus.*";
- (A8) "*Os barcos*";
- (A1) "*Caravela portuguesa, nau portuguesa*".

Na categoria *Categorização dos nativos*, ao nível das ocorrências das semelhanças, os alunos puderam encontrar nas duas obras históricas, algumas características em comum, nomeadamente de em ambas obras os Índios se encontrem nus, como relatam os alunos:

- (A23) "*Nas duas os índios estão nus*";
- (A13) "*Têm pessoas nuas*";
- (A8) "*A forma como os índios estão vestidos*".

Apesar de uma grande parte indicar que a caracterização dos nativos ser semelhante em ambas as bandas desenhadas, houve dois alunos que apresentaram uma opinião diferenciada em relação aos seus colegas de turma, nomeadamente aos adereços que são utilizados pelos índios, isto porque segundo o aluno (A16) "*Numa os índios têm chapéus de penas e nos outros estão pintados*", tendo a mesma opinião o aluno (A14) que indica que "*Numa os índios estão pintados e na outra têm penas na cabeça*".

Por fim, na categoria designada como *Conteúdo histórico*, foi possível aferir, a partir das respostas dos alunos, que alguns alunos reconheceram diferenças entre as duas BDs históricas. Na BD portuguesa, o conteúdo histórico sobre a temática da descoberta do Brasil está mais concentrado, enquanto que, na BD brasileira a exploração desta temática é abordada com mais pormenor, uma vez que esta é construída com base a carta de Pero Vaz de Caminha ao Rei D. Manuel I. Contudo, a seleção dos excertos da BD histórica dos autores brasileiros distribuída aos alunos teve em conta o que estava retratado na banda desenhada portuguesa, para que fosse possível uma comparação entre as

duas obras sobre este mesmo acontecimento. De acordo com os resultados, foi possível verificar que os alunos (n=14) acham que existem algumas diferenças de pormenor entre as obras, como podemos averiguar nas respostas dos alunos, considerando que as diferenças se relacionam mais com a quantidade de informação do que de conteúdo:

(A25) *“A grande Aventura” não indica datas; “ O achamento do Brasil” retrata o que aconteceu na nau capitãina durante a visita dos índios”;*

(A19) *“O primeiro texto não tem o domingo de Pascoela; O primeiro texto não aparece em que Vasco de Ataíde desapareceu; O primeiro texto, os índios não provaram a comida portuguesa”;*

(A18) *“Numa eles oferecem uma galinha e um carneiro”.*

Porém, uma minoria da turma (n=4) acha que existe um conjunto de semelhanças nas duas obras, destacando um conjunto de relatos de situações comuns em ambas as obras, como a ida dos índios à nau capitãnia, a chegada dos navegadores portugueses a Terra de Vera Cruz, assim como o batismo do Monte Pascoal, como se pode constatar nas seguintes respostas dos alunos:

(A24) *“Em ambas receberam bem os portugueses; Ambas falam do Monte Pascoal”;*

(A20) *“Encontraram o Monte de Pascoal; Encontraram a Terra de Vera Cruz”.*

Posteriormente apresenta-se a análise de dados proveniente da construção das bandas desenhadas subordinadas à temática da “descoberta” do Brasil, efetuadas pelos alunos. De salientar que esta análise vai ao encontro da questão de investigação: “Que conhecimento histórico os alunos aplicam na construção de uma Banda Desenhada?”. Através do seguinte quadro nº10, pretender-se-á aferir a aplicação do conhecimento histórico dos alunos, na elaboração da banda desenhada, tendo como influências as BDs exploradas na sessão 4, e o cruzamento de informação a partir de fontes historiográficas ou até mesmo da visita de estudo. De referir, que apenas 23 alunos efetuaram a construção da BD, sendo que os restantes não estiveram presentes na respetiva aula.

Em primeiro lugar, no que diz respeito à construção da banda desenhada é possível verificar que a maioria dos alunos (n=9) conseguiu ilustrar a “descoberta” do Brasil em seis vinhetas, sendo que dois alunos desenharam entre oito e nove vinhetas. Contudo, todos conseguiram respeitar as orientações previamente explicadas, antes da construção, tendo sido acordado que as BDs deviam ter no mínimo 4 vinhetas e desenhar o respetivo acontecimento histórico apenas numa prancha, sendo que esta última regra não foi respeitada por dois alunos.

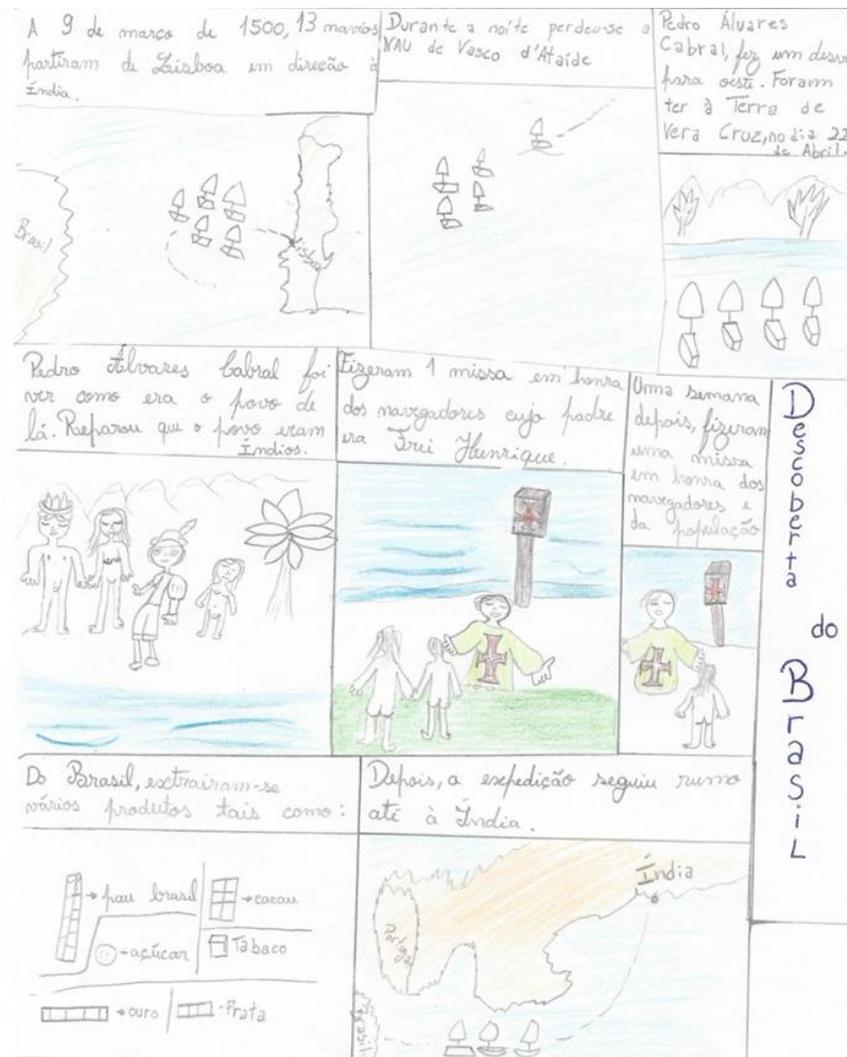
A partir da análise das BDs construídas pelos alunos (texto pictórico e verbal) e tendo por base outros estudos (Fronza, 2007 e Mota, 2012) elaboramos o seguinte sistema de categorização e respetivos descritores (quadro n.º 10):

**Quadro nº10** | Sistema de categorização (categorias e descritores) dos elementos verbais e pictóricos das BDs dos alunos do 1.º Ciclo.

Categorias	Descritores	Ocorrências	
		BD- Texto Verbal (n=23)	BD- Texto Pictórico (n=23)
Espacial	Textos verbais e pictóricos que permitem identificar no espaço a ação do acontecimento histórico (Terra de Vera Cruz, Monte Pascoal, Índia).	22	22
Temporal	Textos verbais e pictóricos que permitem identificar no tempo a ação do acontecimento histórico (9 de marco de 1500, 22 e 24 de abril, festa da ressurreição).	16	2
Religioso	Textos verbais e pictóricos que permitem identificar as cerimónias religiosas celebradas por Frei Henrique e elementos simbólicos do cristianismo (cruz, altar, cálice, vela e padrão).	15	17
Personagens	Textos verbais e pictóricos que permitem identificar as personagens que se destacaram no acontecimento histórico (Pedro Álvares Cabral, Frei Henrique de Coimbra, Vasco de Ataíde)	18	6
Embarcações	Textos verbais e pictóricos que permitem identificar as embarcações utilizadas pelos navegadores (naus, caravelas, navio, batel)	17	23
Caraterização dos nativos	Textos verbais e pictóricos que permitem caraterizar os nativos em termos físicos e ao nível dos adereços (penas, lanças, pinturas, tanga)	2	20
Vegetação	Textos verbais e pictóricos que permitem identificar a vegetação existente na Terra de Vera Cruz (Coqueiros, outras árvores como palmeiras e o monte)	0	12
Produtos	Textos verbais e icónicos que permitem identificar os produtos que os navegadores portugueses trouxeram do Brasil (pau-brasil, açúcar, ouro e prata, tabaco, cacau).	2	2

Em análise a todas as Bandas Desenhadas produzidas pelos alunos, podemos averiguar que na categoria *espacial*, todos os alunos, exceto um, conseguiram retratar, explicitar e localizar espacialmente de forma legível, os acontecimentos que foram surgindo na expedição de Pedro Álvares Cabral à Índia. De um modo geral, os alunos referenciaram a saída da expedição de Lisboa, a chegada

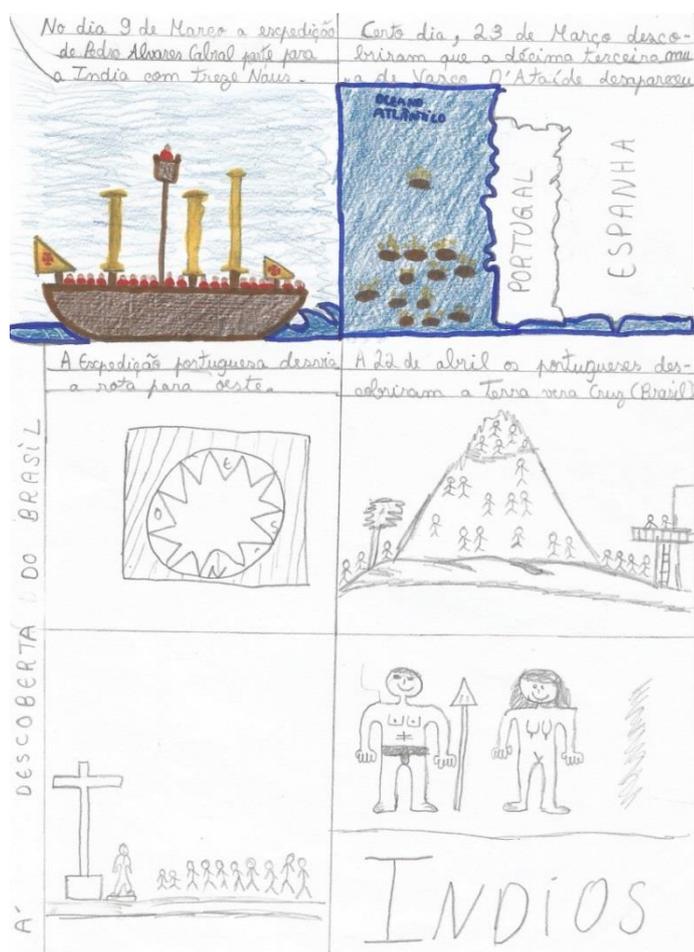
a terra e o batismo do Monte Pascoal, devido à época festiva, da Páscoa, em que este foi aportado pelos navegadores da armada de Pedro Álvares Cabral, e a Terra de Vera Cruz, nome atribuída à nova terra descoberta. Contudo, apenas o aluno A14 faz menção da continuação da expedição até à Índia, na vinheta 8 “ *Depois, a expedição seguiu rumo até à Índia*”.



**Figura nº 2** | BD do aluno A4

Ao nível da temporalidade, na categoria *temporal*, podemos afirmar que a maioria dos alunos teve uma grande preocupação em apresentar nas suas BDs marcadores temporais (datas, celebrações como a da Páscoa), o que evidencia esta preocupação em datar os acontecimentos e relatá-los por ordem cronológica, que se revela fundamental para compreensão histórica. Contactou-se que a datação dos acontecimentos expressa nas BDs dos alunos revela a forte influência que a banda desenhada “O Achamento do Brasil – A Carta de Pero Vaz de Caminha a El-Rei D Manuel” dos autores Simões e Gonzaga teve nas suas produções, reproduzindo muito dos dados cronológicos que esta apresenta.

Perante isto, foram diversas as formas como os alunos indicaram cronologicamente os acontecimentos. Vejamos o exemplo do aluno A5 que legendou na vinheta 1 "A 9 de março de 1500 partiu de Lisboa no objetivo de ir à Índia 13 navios", na vinheta 3 refere "No dia 22 de abril descobriram o Brasil (terra de Vera Cruz)" e por fim na vinheta 7 indica: "No dia 24 de abril fizeram 1 missa em honra dos navegadores portugueses". O aluno A1 não menciona o ano da expedição, contudo na vinheta 1 diz: "No dia 9 de Março a expedição de Pedro Alvares Cabral parte para a Índia com treze Naus", seguidamente na vinheta 2 apresenta "Certo dia, 23 de Março descobriram que a décima terceira nau a de Vasco D' Ataíde desapareceu" e por fim, "A 22 de abril os portugueses descobriram a Terra vera Cruz (Brasil)".



**Figura nº 3** | BD do aluno A1

Outro ponto de análise nas Bandas Desenhadas dos alunos prende-se com o marcador da religião/catolicismo expresso na categoria *religioso*, que integra não só as cerimónias litúrgicas celebradas pelo Frei Henrique de Coimbra, mas toda os elementos simbólicos associados a doutrina

cristã, como seja a cruz, o altar, o padrão, o sacerdote) Aquando da exploração das duas BDs históricas, os alunos constataram que durante a estadia dos navegadores portugueses em Terras de Vera Cruz, o Frei Henrique de Coimbra realizou duas eucaristias, sendo que a primeira teve a participação dos navegadores e a segunda a participação dos navegadores e dos nativos, tendo estas um intervalo de tempo de 1 semana. Perante isto, podemos apurar que os alunos apresentam algumas lacunas em termos de conhecimento histórico substantivo sobre este assunto, isto porque segundo as ilustrações analisadas na sala aula das duas BDs, os alunos puderem constatar que na segunda cerimónia, o altar era junto de uma cruz de madeira, construída e transportada pelos nativos e os navegadores e não junto a um padrão dos descobrimentos (padrão de pedra), como a maioria dos alunos dos alunos desenhou. Apenas oito alunos é que ilustraram a cruz de madeira na eucaristia do Frei Henrique. Outro aspeto a salientar é o caso do aluno A4, em que o texto verbal não condiz com a representação pictórica, isto porque nas vinhetas 5 e 6, o aluno apresenta as cerimónias religiosas e na vinheta 5 a legenda diz “Fizeram 1 missa em honra dos navegadores cujo padre era o Frei Henrique”, contudo na ilustração surge o Frei Henrique a pregar para os nativos. Na vinheta 6 o aluno refere: “ Uma semana depois, fizeram uma missa em honra dos navegadores e da população”, porém na ilustração aparece o Frei Henrique a celebrar apenas para um nativo do sexo feminino. Ora podemos atestar que o aluno não soube conciliar o texto verbal com a representação pictórica, uma vez que ao nível pictórico apresenta falhas.



**Figura nº 4 |** BD do aluno A11 (part.2)

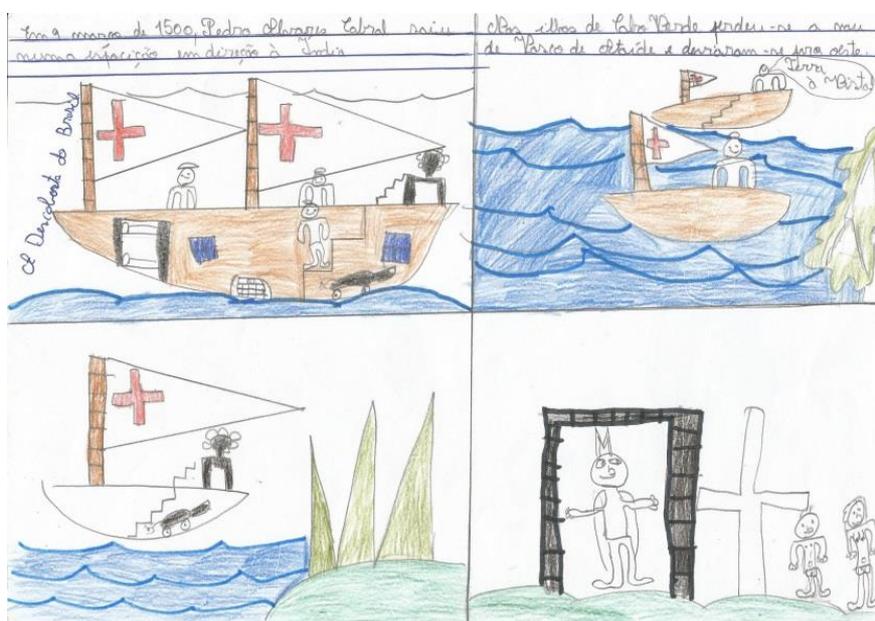
No que diz respeito à categoria personagens, os alunos demonstraram grandes dificuldades na representação pictórica das personalidades relacionadas com o acontecimento histórico. A maioria das ilustrações têm uma forte ligação com o texto verbal, ajudando o leitor a perceber qual a intenção da mensagem que o aluno queria transmitir. Nesta categoria, só através do texto verbal é que temos precissão das personalidades históricas que a maioria dos alunos identificam, sendo neste caso três personalidades: Pedro Álvares Cabral, Vasco de Ataíde e Frei Henrique de Coimbra. Temos como exemplo o caso do aluno A16 que faz referência na vinheta 3 ao navegador português: “Pedro Álvares Cabral sofreu um desvio para oeste e foi dar à Terra de Vera Cruz. (22 de abril) ”, e Vasco de Ataíde, ao qual o aluno A9 diz que “ No dia 23 de março perdeu-se Vasco de Ataíde e só ficaram 12 naus” e o Frei Henrique de Coimbra, onde o aluno A15 indica na última vinheta da sua BD, “Missa do Frei Henrique de Coimbra. Os índios foram a essa missa.”. Perante estes exemplos retirados das BDs dos alunos, verificamos que estas personalidades históricas são as mais referenciadas.



**Figura nº 5 |** BD do aluno A16

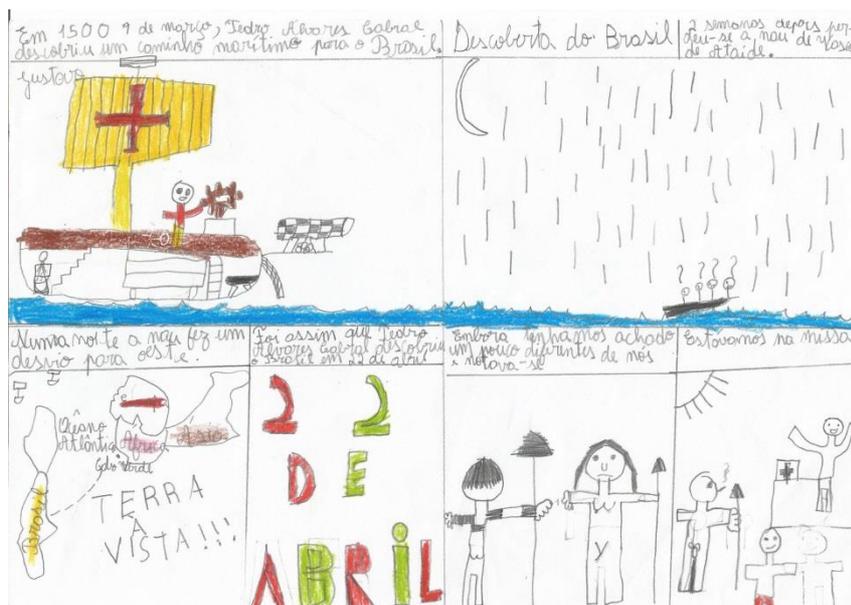
Relativamente à Categoria *embarcações* é possível concluir que todos os alunos ilustraram as embarcações que os navegadores portugueses utilizaram na altura da expedição, contudo essa representação não é uniforme, nem muito fidedigna, pois existem representações das embarcações que possuem na sua maioria apenas uma vela e, por sua vez, a apresentação da dimensão das embarcações é bastante diversificada em todas as propostas dos alunos. Contudo, ao nível verbal, apenas dezassete alunos fazem referência à tipologia de embarcação utilizada pelos portugueses. Porém, não existe consenso na sua designação, sendo que alguns alunos, como por exemplo o aluno

A3 diz que “A de 9 de março de 1500 um navegador Pedro Álvares Cabral partiu para a Índia numa caravela”; o aluno A26 faz referência na segunda vinheta que “ Nas ilhas de Cabo Verde perdeu-se a nau de Vasco de Ataíde e desviaram-se para oeste.”, ou por exemplo, a aluno A4 que cita “ A 9 de março de 1500, 13 navios partiram de Lisboa em direção à Índia”. No que diz respeito ao número de embarcações usadas na expedição à Índia, apenas onze alunos fazem referência aos treze navios da armada de Pedro Álvares Magalhães. Esta especificidade de mencionar o número exato de embarcações encontramos na BD dos autores brasileiros, da qual inferiram nela esta informação que reproduziram nas suas BDs. Outro aspeto curioso na ilustração das naus nas bandas desenhadas dos alunos remete para o desaparecimento da nau de Vasco de Ataíde, porque quatro alunos ilustraram na vinheta que diz respeito ao desaparecimento do navegador, o desvio da rota que este poderá ter efetuado naquela altura, e por isso nunca ter conseguido alcançar a expedição. Contudo, o aluno A11, dá uma perspetiva diferente da dos seus colegas, pois na sua ilustração desenhou uma nau, tendo uma seta a referenciar “ Nau de: Vasco d’Ataíde” e uma outra seta no sentido descendente da vinheta, com ondas sob a nau. Nesta leitura pictórica, o leitor tem a perceção que a embarcação deste navegador poderá ter desaparecido por naufrágio no Oceano Atlântico. Outro aspeto a salientar, remota para a ilustração do aluno A26, na sua representação de embarcação na vinheta 1. Consoante a sua ilustração, podemos averiguar que o aluno tenta ilustrar o interior da embarcação portuguesa, de modo o leitor conhecer a sua organização, nomeadamente aos quartos dos navegadores ou o local para o armazenamento dos produtos. Com esta apresentação é possível verificar a evidência da visita de estudo, ao Museu Interativo & Parque temático “World of Discoveries”, uma vez que na sala das embarcações, os alunos puderam visualizar o interior de uma embarcação daquela época, ao qual o aluno em questão, tentou demonstrar na sua ilustração esse pormenor.



**Figura nº 6 |** BD do aluno A26

No que diz respeito à categoria *caraterização dos nativos*, ao nível das ocorrências em texto verbal, apenas dois alunos referenciam as diferenças dos nativos em relação aos navegadores portugueses. O aluno A13 na 5.ª vinheta, que corresponde ao aparecimento dos nativos, este diz “Embora tínhamos achado um pouco diferentes de nós e notava-se”. Contudo, esta pequena apresentação verbal está muito auxiliada pela presença pictórica dos nativos. Por outro lado, a apresentação dos nativos na BD do aluno A5 está um pouco descontextualizada conforme a legenda da vinheta onde aparece o nativo, pois na vinheta 4 esta indica: “ Pedro Álvares Cabral quis ir ver como era a nova terra.”, sendo que a ilustração da vinheta é um nativo, estando assinalado em texto a palavra “índio” e apresenta uma legenda na vertical a dizer: “Estavam nus”. As representações dos nativos ao nível pictórico são bastante heterogéneas, pois existe algumas propostas, em que os nativos surgem completamente nus (n=11), revelando uma grande influência as ilustrações patentes na banda desenhada dos autores brasileiros que tinha sido explorada na sessão 4. Podemos verificar que o aluno A4, para além de ilustrar os nativos nus, este teve a preocupação de embelezar a personagem, com um objeto decorativo, uma coroa de penas. Por outro lado, apenas dois alunos representam os nativos com uma veste branca em volta da cintura (espécie de tanga), possivelmente influência da visita de estudo, uma vez que na viagem de barco, a representação da descoberta da Terra de Vera Cruz, os nativos são exibidos com este tipo de indumentária, de modo a tapar as “vergonhas”. Por conseguinte, os restantes alunos ilustram a figura dos nativos de forma muito primitiva e pouco pormenorizada, sendo por vezes necessário auxiliar a leitura da legenda, para poder descodificar a mensagem do aluno.



**Figura nº 7 |** BD do aluno A13

Relativamente à categoria *vegetação*, podemos verificar que nenhum dos alunos fez referência às plantas existentes neste território, ao nível do texto verbal. Por outro lado, apenas doze alunos apresentam nas suas ilustrações alguma vegetação. Por exemplo o aluno A3 apresenta na vinheta 2, cinco coqueiros, ao qual um português exclama: “Cocos!”. Contudo, durante a exploração da “descoberta” do Brasil, nunca foi referenciado este tipo de árvore, possivelmente pode expressar uma conceção alternativa do aluno que associa o Brasil ao coqueiro, árvore de fruto tropical.



**Figura nº8** | BD do aluno A22

Por fim, apenas dois alunos, A4 e A5, fazem referência aos produtos que os portugueses encontram na sua estadia por Terras de Vera Cruz, sendo evidente o anacronismo que estes alunos evidenciam pois referem produtos que só muito mais tarde serão trazidos pelos portugueses como: o ouro, o tabaco, o açúcar, o cacau. O aluno A4 diz que “ *Do Brasil, extraíram-se vários produtos tais como: pau-brasil, cacau, açúcar, tabaco, ouro e prata*”. Por sua vez, o aluno A5 menciona: “ *Trouxeram de lá algumas coisas: ouro, prata, cigarros, cana-de-açúcar e pau-brasil.*” Estas referências podem ter sido inferidas a partir do manual escolar que as indica como produtos que o Brasil tinha em abundância e que eram trazidos pelos portugueses para a metrópole.



**Figura nº 9 |** BD do aluno A5

### 5.1.1 Conclusões do Projeto de intervenção no 1.º Ciclo

Com base na análise efetuada anteriormente, dos dados recolhidos a partir dos vários instrumentos aplicados, é-nos possível tecer alguns comentários sobre a implementação do presente projeto, no contexto do 1.º Ciclo do Ensino Básico.

A realização deste projeto tinha como finalidade averiguar a pertinência da aplicação de Bandas Desenhadas Históricas como recurso e fonte historiográfica no ensino da História, sendo neste caso abordada no Estudo do Meio.

No que diz respeito à abordagem da Banda Desenhada, foi-nos possível aferir durante a primeira sessão que a maioria dos alunos do 4.º ano de escolaridade apresentava uma conceção pouco estruturada suportada pela mobilização de alguns conhecimentos sobre BD. Porém, alguns dos alunos do grupo de turma apresentavam hábitos de leitura e também conheciam algumas obras literárias, sendo na sua maioria de cariz cómico e/ou aventureiro. Contudo, esta primeira abordagem foi-nos importante para poder compreender as dificuldades que os alunos apresentavam, para assim

poder desenvolver nas sessões seguintes, atividades que ajudassem a colmatar as dificuldades existentes.

Seguidamente, foi-nos possível verificar que a aplicação prévia de exploração da Banda Desenhada Histórica foi fundamental, uma vez que os alunos não estavam muito familiarizados com a utilização deste recurso em contexto de sala de aula, de modo a estes terem a perceção de como podemos enriquecer o nosso conhecimento através do conteúdo histórico que se encontra patente neste recurso, bem como ganharem competências interpretativas de modo a puderem fazer deduções e inferências na análise dos textos pictóricos e/ou textos verbais, como ganharem um vocabulário adequado. Contudo a exploração de outras fontes históricas tornou-se imprescindível, pois permitiu que os alunos complementassem os seus conhecimentos. Por outro lado, apesar da aplicação deste recurso se ter tornado um pouco exaustiva, devido ao excesso de informação que continham, e dos alunos não terem hábitos de seleção da informação, uma vez que estes na sua maioria sublinhavam todo o conteúdo. A partir da exploração das duas BDs sobre a Descoberta do Brasil foi possível verificar que os alunos conseguiram demonstrar uma capacidade de interpretação e de compreensão do conteúdo histórico patente nos recursos, de modo a puderem interpretar, analisar e avaliar o conteúdo histórico patente no recurso.

Este cruzamento de fontes diversas com perspetivas diferentes, dentro do mesmo género, como foi o caso de duas BDs, que retratavam o mesmo acontecimento, contribuí como defende Fronza (2009, p. 219) para perceberem que podem existir interpretações diversas, resultantes de várias circunstâncias: perspetivas dos autores, contexto de produção ou ponto de vista em foco. Este trabalho com os alunos, de desenvolver competências de interpretação de fontes com narrativas diversas é crucial para desenvolver a compreensão e o pensamento histórico, tal como é defendida pela investigação em educação histórica.

Por isso, aquando a aplicação da ficha de comparação das duas BDs históricas foi-nos possível aferir um conjunto de semelhanças e/ou diferenças destas duas obras, que relatavam o mesmo assunto histórico, sendo que os alunos conseguiram identificar convergências, divergências, por vezes associadas a um maior número de informação e pormenor que uma das obras apresentava (a versão brasileira). Deste modo, podemos constatar que a aplicação desta ficha de trabalho permitiu demonstrar uma capacidade de interpretação e de crítica, por parte dos alunos, uma vez que estes constatarem evidências diferenciadas nas fontes, como por exemplo, as omissões de alguns acontecimentos, como é o caso da BD portuguesa. Os alunos puderam averiguar que pode haver

várias interpretações históricas, podendo uma ser mais verosímeis que outras, sobre o mesmo acontecimento histórico.

Pudemos constatar que na construção da BD os alunos mobilizaram informação resultante da utilização dos recursos aplicados, quer das Bandas Desenhadas Histórica, como de fontes historiográficas diversas, assim como da visita de estudo realizada na terceira sessão ao Museu interativo & Parque temático “World of Discoveries” na cidade do Porto, onde os alunos puderam estar em contacto com objetos utilizados pelos portugueses, como por exemplo o astrolábio.

Por outro lado, verificou-se que os alunos aplicaram nas suas construções, outros assuntos históricos referenciados noutras fontes, para além daquelas que foram experienciadas em contexto de sala de aula, como pudemos constatar na categoria dos produtos na menção do pau-brasil, cacau, açúcar, tabaco, ouro e prata. Com esta análise é-nos possível constatar a existência de anacronismo histórico por parte destes alunos, porque os produtos citados foram trazidos anos mais tarde para o nosso país.

Por fim, com a construção da Banda Desenhada foi-nos possível concluir que os alunos apresentam um progresso ao nível da compreensão histórica e temporal, tendo por base a datação cronológica dos acontecimentos, contribuindo para a construção do conhecimento histórico.

## 5.2 Análise de dados dos alunos do 2.º Ciclo

Os seguintes dados foram obtidos da implementação do projeto numa turma do 6.º ano de escolaridade, composta por vinte e quatro alunos (N=24), implementado ao longo de cinco sessões (a sessão 1, 2, 3, 5 e 8) subordinado à exploração da BD como fonte histórica para o ensino de História.

Na 1.ª sessão foi abordada a Revolução do 25 de Abril de 1974, sendo um dos tópicos programáticos no ensino da História, no 6.º ano de escolaridade. Porém, esta temática não é desconhecida para os alunos, uma vez que, estes já teriam abordado a mesma, no 1.º Ciclo do Ensino Básico. Perante isto, foi introduzido uma ficha de levantamento de ideias prévias (Anexo VIII), com o objetivo de aferir os conhecimentos que os alunos possuíam sobre a temática em estudo (Revolução do 25 de Abril). A respetiva ficha era constituída por seis questões, com perguntas de ensaio e de escolha múltipla, tendo sido realizada por 24 alunos (n=24).

Na questão 1. “O que é para ti a Revolução do 25 de abril?”, desejava-se que os alunos, por palavras suas, apresentassem uma “definição” sobre este acontecimento histórico, que ocorreu no nosso país em 1974.

A partir das respostas dadas pelos alunos, foi possível organizar três categorias de respostas.

**Quadro nº 14** | Sistema de categorização (categorias e descritores) das respostas dos alunos do 2.º Ciclo sobre o 25 de Abril.

Categorias	Descritores	Ocorrências
Resposta vaga	Respostas em que os alunos apresentam uma conceção vaga sobre o 25 de Abril de 1974.	12
Resposta válida incompleta	Respostas em que os alunos apresentam uma conceção pouco elaborada, suportada pela mobilização de alguns conhecimentos sobre a revolução do 25 de Abril.	7
Resposta válida completa	Respostas em que os alunos apresentam uma conceção mais elaborada, suportada pela mobilização de conhecimentos prévios sobre o 25 de Abril.	5

Conforme podemos conferir, na primeira categoria, *Resposta vaga*, os alunos (n=12) apresentaram na sua resposta uma conceção da revolução de 25 de Abril de 1974 vaga, em que estes não apresentam nenhuma explicitação elaborada, embora expressem ideias válidas, mas não as desenvolvem, como podemos constatar nas seguintes respostas:

(A1) “Para mim a Revolução do 25 de abril é o dia do cravo.”;

(A8) “Para mim a revolução do 25 de abril é o fim da ditadura em Portugal.”;

(A19) “É o fim da ditadura e o início da democracia.”.

Na segunda categoria “*Resposta válida incompleta*” considerámos as respostas em que os alunos apresentaram uma conceção pouco elaborada, suportada pela mobilização de alguns conhecimentos sobre o acontecimento histórico em estudo, como podemos verificar nos alunos:

(A5) *“Para mim o 25 de Abril é o fim da ditadura Salazarista e o início da liberdade e da democracia onde os cidadãos tinham muito mais liberdade.”;*

(A20) *“Para mim a revolução do 25 de Abril é um acontecimento muito importante em Portugal pois deixamos de viver numa ditadura e passamos a viver numa democracia.”*

A última categoria designa-se por “Resposta válida completa” em que considerámos a resposta de dois alunos, que apresentaram uma conceção mais elaborada e estruturada, suportada pela mobilização de conhecimentos prévios sobre o 25 de Abril de 1974:

(A4) *“Para mim a Revolução do 25 de abril é o derrubamento do Estado e implantação da democracia, começa um novo período de liberdade em que agora os cidadãos têm os seus direitos como manifestarem-se e poder votar livremente de novo e é o fim da guerra colonial em que Portugal reconhece a independência das suas colónias.”;*

(A6) *“Para mim a Revolução do 25 de abril foi um dos acontecimentos históricos mais importantes em Portugal pois foi aí que impuseram um golpe contra o Estado Novo para devolver a liberdade aos cidadãos portugueses.”*

A questão 2. “Quais os motivos que levaram ao 25 de abril de 1974?”, pretendia-se averiguar qual o conhecimento dos alunos relativamente às motivações deste acontecimento. Conforme as respostas dos alunos inquiridas (16 alunos em 24), indicaram que a “*falta de liberdade*” no nosso país foi o grande motivo para os militares se revoltarem contra o Estado. Contudo, houve alunos que nas suas respostas apontam mais razões, para além da mencionada anteriormente, tendo como exemplo:

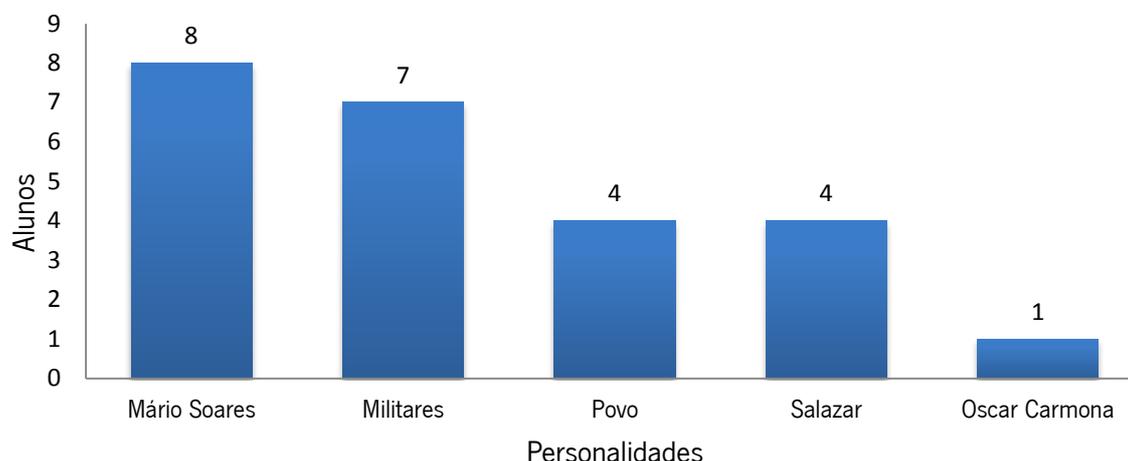
(A15) *“Os motivos que levaram ao 25 de abril de 1974 foi que na ditadura as pessoas não tinham liberdade e estavam fartas que Salazar não permitia que fizessem várias coisas como o direito ao voto, a opinião sobre o Estado Novo, etc.”*

(A4) *“Os motivos que levaram ao 25 de abril de 1974 foram eleições não livres, ou foram fraudulentas, continuação da guerra colonial devido aos mortos e despesas que trazia e isto tudo levou ao crescente descontentamento da população.”*

Relativamente à questão 3. “Que personalidades se destacaram neste acontecimento histórico?”, conforme o gráfico nº6, a maioria dos alunos destacaram o político Mário Soares, seguindo-se dos militares sem nunca mencionarem o nome de algum. Porém, nesta questão houve um conjunto de alunos (4 alunos em 24) que referiram que Oliveira Salazar foi uma das personalidades que se destacou neste acontecimento histórico, apresentando assim lacunas no conhecimento histórico. Contudo, foi-nos possível averiguar ao longo das sessões, que os alunos demonstraram alguma

dificuldade em entender que na altura do golpe militar, Oliveira Salazar já tinha falecido, sendo Marcelo Caetano a governar o país.

**Gráfico nº61** Identificação das personalidades que se destacaram no 25 de Abril de 1974 segundo os alunos do 2.º Ciclo (n=24).



Na questão seguinte, os alunos tinham que assinalar a/s opção/ões sobre quem teve um papel importante na Revolução de abril, sendo que 17 alunos assinalaram o povo, seguindo os militares com 16 alunos e, por fim, 2 alunos indicaram os políticos.

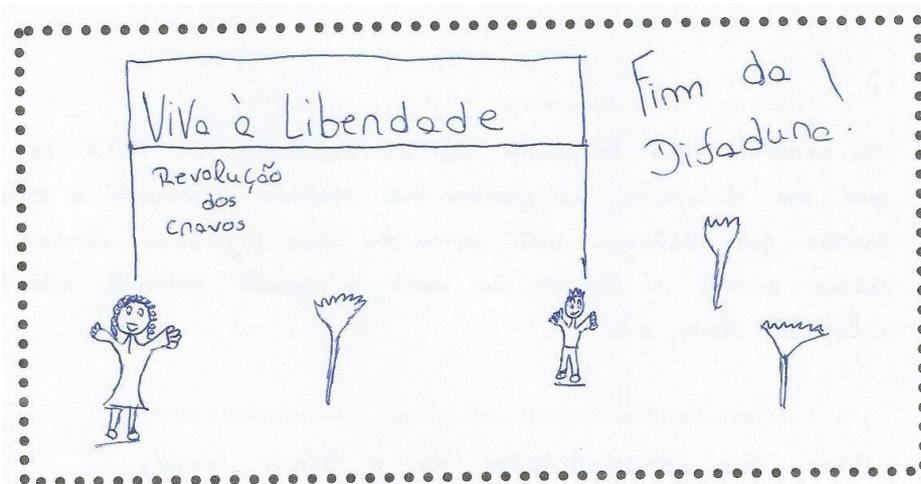
Na questão 5. “O que mudou em Portugal após este acontecimento histórico?” a maioria dos alunos referenciaram que os portugueses após a revolução ganharam mais liberdade, como por exemplo, a liberdade de imprensa e de expressão, bem como a igualdade de direitos. Tomando com exemplo as seguintes respostas:

(A8) “ *O que mudou em Portugal após o 25 de abril foi as pessoas passarem a ser livres a puderem se exprimir e a ter as suas opiniões* ”;

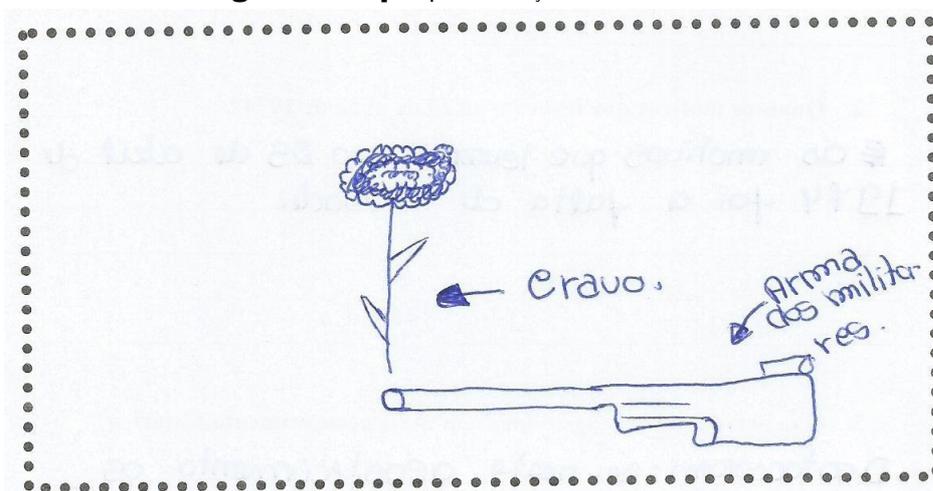
(A4) “ *Após este acontecimento histórico o que mudou em Portugal foi que as eleições voltaram a ser livres, a imprensa já não era censurada, os militares já não exerciam cargos políticos, as pessoas podiam manifestarem-se contra o governo e agora o novo regime do governo passou a ser a democracia em vez do Estado Novo*”.

Por fim, os alunos foram confrontados com a questão 6, que solicitava que estes ilustrassem uma imagem que surge no seu pensamento quando ouvem a designação “25 de abril”. Na sua maioria, os alunos da turma ilustraram o cravo como a imagem que surge no pensamento quando aparece a data histórica da Revolução. Porém, existem outros elementos pictóricos que surgem na imaginação dos nossos alunos, como por exemplo, faixas com a designação “Liberdade”, carros de

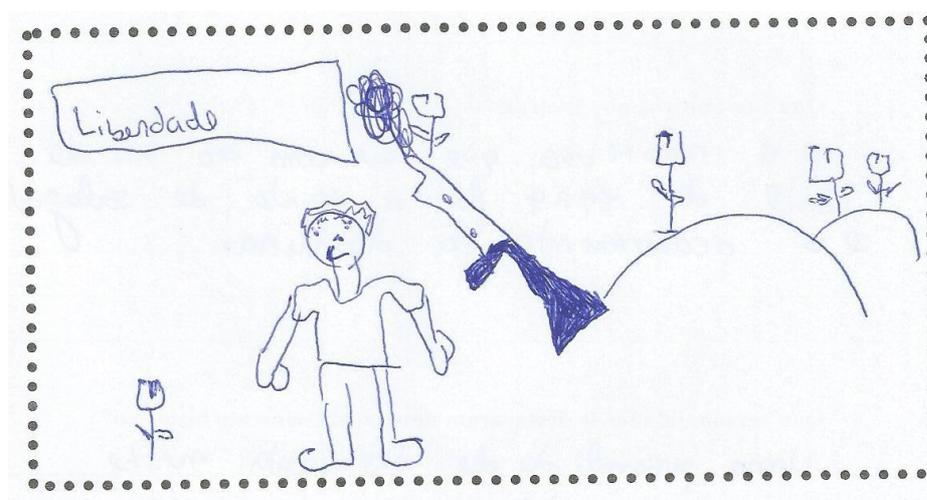
combate das Forças Armadas e/ou espingardas com cravos colocados na sua extremidade, como podemos verificar nas contribuições dos alunos:



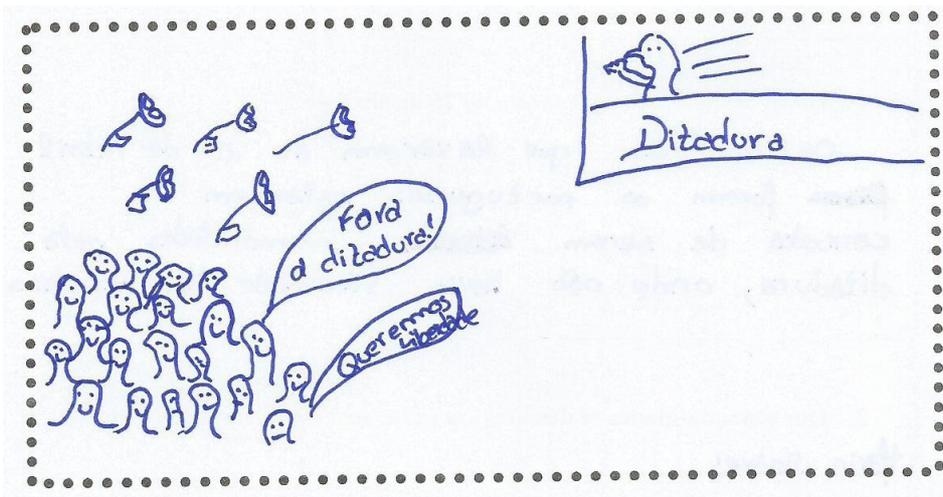
**Figura nº 10** | Representação do aluno A15



**Figura nº 21** | Representação do aluno A16



**Figura nº 32** | Representação do aluno A20



**Figura nº 53** | Representação do aluno A21

Na segunda sessão foi implementado uma ficha de literacia sobre a Banda Desenhada (Anexo IX) cuja finalidade era averiguar os conhecimentos que os alunos possuíam sobre a temática em estudo (BD histórica). Conforme ocorreu no 1.º Ciclo de escolaridade, esta ficha era composta por quatro questões, tendo sido realizada por todos os alunos da turma (N=24).

Assim sendo, na questão 1. “O que é para ti uma banda desenhada?”, pretendia-se que os alunos, expusessem uma definição sobre este género literário. Procedeu-se à categorização das respostas dos alunos sobre o significado de Banda Desenhada, identificando-se três categorias de resposta (quadro n.º 12).

**Quadro nº15** | Sistema de categorização (categorias e descritores) das respostas dos alunos sobre a definição do conceito de Banda desenhada na ficha de levantamento de ideias prévias do 2.ºCiclo.

Categorias	Descritores	Ocorrências
Resposta alternativa/vaga	Respostas em que os alunos apresentam uma conceção alternativa/vaga sobre banda desenhada.	16
Resposta válida incompleta	Respostas em que os alunos apresentam uma conceção pouco elaborada, suportada pela mobilização de alguns conhecimentos sobre banda desenhada.	7
Resposta válida completa	Respostas em que os alunos apresentam uma conceção mais elaborada, suportada pela mobilização de conhecimentos prévios sobre banda desenhada.	1

Na primeira categoria “*Resposta alternativa/vaga*” considerámos as explicações em que os alunos apresentam uma conceção alternativa/ vaga sobre a temática em estudo (Banda Desenhada). Podemos constatar conforme o quadro apresentado anteriormente, que esta categoria apresenta um elevado número de respostas dos alunos, em que estes não apresentaram nenhuma explicitação do conceito, nem a ocorrência de algumas características que a tipologia de texto apresenta, conforme podemos verificar nos alunos:

- (A21) *“Para mim uma banda desenhada é uma história contada em desenhos.”;*
- (A9) *“É uma maneira diferente de contar histórias”;*
- (A3) *“Para mim uma banda desenhada é um conjunto de imagens que querem nos transmitir uma história.”.*

Na segunda categoria “*Resposta válida incompleta*” considerámos as respostas em que os alunos apresentaram uma conceção pouco elaborada, suportada pela mobilização de alguns conhecimentos sobre Banda Desenhada, como podemos constatar nos alunos:

- (A15) *“Para mim uma banda desenhada é um livro cómico que é construído por balões de fala, tiras, vinhetas, etc...”*
- (A10) *“Para mim uma banda desenhada é uma história contada especialmente por imagens e algumas legendas e balões de falas.”;*
- (A5) *“Para mim uma banda desenhada é um conjunto de imagens que contam uma história. Uma banda desenhada é constituída por balões de fala, tiras, vinhetas e as legendas.”.*

A última categoria designa-se por “*Resposta válida completa*” à qual considerámos a resposta de um aluno, que apresentou uma conceção mais elaborada, suportada pela mobilização de conhecimentos prévios sobre BD:

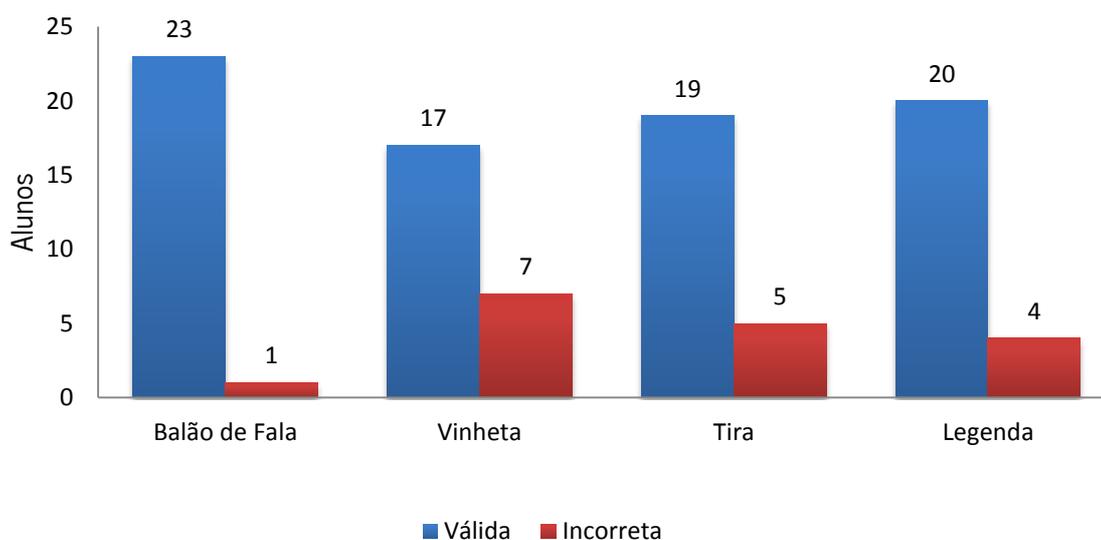
- (A4) *“Uma banda desenhada é um conjunto de imagens que conta uma história, facilitando assim a leitura e tornando mais divertida e viva a história devido ao acompanhamento de várias ilustrações.”*

Seguidamente, pretendia-se apurar quais os conhecimentos dos alunos relativamente a Bandas Desenhadas, que costumam ler ou que já tiveram a possibilidade de estar em contacto. Foi possível constatar que as crianças inquiridas possuem pouco conhecimento, no que diz respeito às obras de BD, sendo a “Comix”, “Astérix e Obélix” e o “Mickey” as mais mencionadas (n=9). Contudo, seis alunos do grupo não apresentaram qualquer tipo de conhecimento a respeito de obras desta tipologia.

Questionou-se os alunos sobre os seus hábitos de leitura de Bandas Desenhadas, onde 50% dos alunos indicaram que não possuem qualquer costume de leitura de BDs, enquanto a outra metade da turma mencionou que às vezes costumam ler BD.

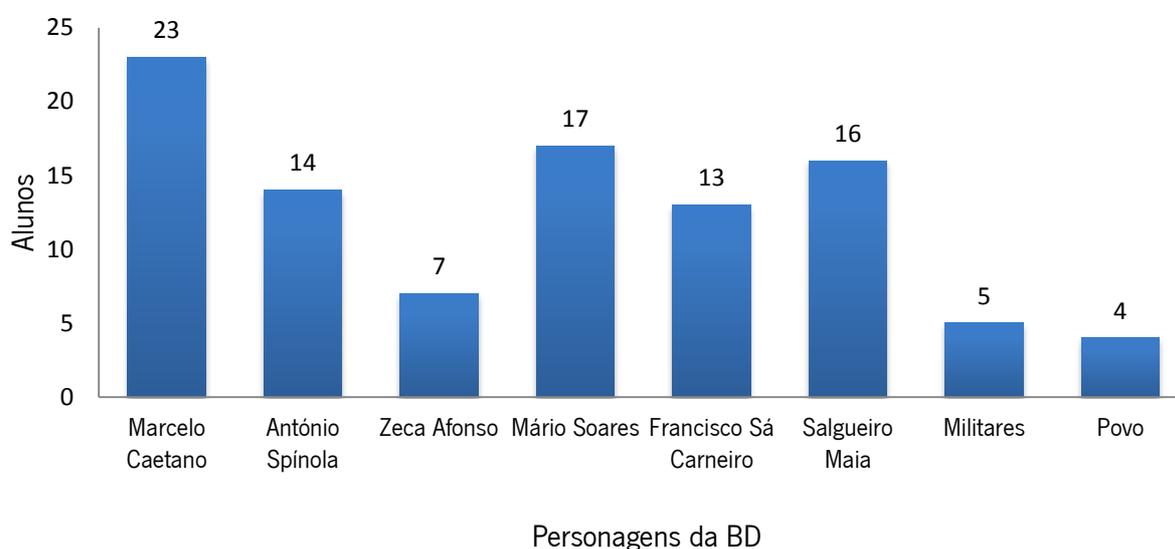
Finalizando, os alunos foram confrontados com a questão 4, que era composta por quatro tópicos para identificarem os constituintes da BD: balão de fala, vinheta, tira e legenda, estabelecendo a correspondência na prancha da obra “ Salgueiro Maia – O rosto da Liberdade” de António Martins. Como podemos observar pelo gráfico nº7, constatamos que a maioria dos alunos não tiveram dificuldade em indicar o balão de fala. No que diz respeito às características da BD, nomeadamente ao significado de legenda, vinheta e tira, denota-se que houve um maior consenso na identificação da legenda, uma vez que, só quatro alunos é que não acertaram na opção correta. Porém, na identificação da tira e vinheta os alunos tiveram uma maior dificuldade, isto porque estes trocavam entre elas a característica que estava destinada na BD.

**Gráfico nº 7 |** Identificação dos elementos constitutivos de uma BD pelos alunos do 2.º Ciclo.



A sessão 3 teve como temática em estudo, a Descolonização, em que Portugal reconhece a independência das suas colónias. Nesta sessão, foi aplicado a ficha de trabalho de “Interpretação” da BD para o 2.º Ciclo (Anexo XIII), aplicada após a leitura e análise das pranchas do resumo em BD de Victor Mesquita alusivo ao 25 de abril de 1974, extraída da obra “Uma revolução desenhada- O 25 de Abril e a BD” de João Boléo, João Lameira e João Santos e uma prancha alusiva à Descolonização e à Constituição de 1976, extraído da obra “Portugal 8 Séculos em Banda Desenhada” de Maria da Conceição Fernandes e José Morim.

Na questão 1.1 “Qual o acontecimento histórico retratado na BD?”, não houve margem para dúvidas que a Banda Desenhada em estudo retratava a Revolução do 25 de Abril de 1974, tendo a maioria dos alunos (n=22) afirmado esse acontecimento histórico. Contudo, apenas dois alunos tiveram uma interpretação diferente do restante grupo, em que um aluno referiu que o assunto retratado era a Constituição e o outro mencionou que o acontecimento histórico retratado era a revolução portuguesa. Nesta sequência, os alunos foram confrontados com a questão “*Quais as personagens que identificas na Banda Desenhada?*”, em que se pretendia que identificassem todas as personalidades históricas ilustradas nos dois excertos das BDs em análise. O gráfico nº8 expõe os contributos dos alunos:



De acordo com os resultados apresentados, podemos constatar que a maioria das respostas dadas indicaram que o último presidente do Conselho do Estado Novo, Marcelo Caetano, era uma das personagens que se encontrava patente nos excertos, seguindo-se o político Mário Soares (n=17), o militar Salmgueiro Maia (n=16) e o General António Spínola (n=14).

Na seguinte questão, “*Como surgiu este acontecimento?*”, os alunos demonstraram um conjunto de opiniões diversificadas sobre como surgiu a revolução, isto porque vários alunos (n=5) indicaram que a revolução surgiu devido ao descontentamento do povo com as políticas que o Estado Novo aplicava no nosso país, como afirma o aluno A6 “*Este acontecimento surgiu do descontentamento dos portugueses devido ao Estado Novo e à sua atitude perante a guerra Colonial*”. Por outro lado, outras contribuições de alunos (n=7) indicaram que a revolução nasceu devido a um plano militar, como menciona o aluno A20 “*Este acontecimento surgiu graças a um plano militar*”.

Porém, houve três alunos que referenciaram que o 25 de Abril de 1974 apareceu devido a um encontro num banco de jardim, conforme encontra-se ilustrado no resumo de Victor Mesquita na 1.<sup>a</sup> tira da Banda Desenhada.

Posteriormente, a questão apresentada tinha como finalidade que os alunos indicassem os códigos (senhas) que confirmaram o início das operações militares, e por sua vez, deram início à revolução. Os alunos na sua maioria indicaram que “*E depois do Adeus*” e “*Grândola Vila Morena*” foram as duas senhas que permitiram avisar os militares para dar início ao plano que estava programado para derrubar o regime do Estado Novo. Todavia, dois alunos indicaram que os códigos utilizados para anunciar o início da revolução foram um telefonema e a entrega de uma carta.

No prosseguimento da ficha de trabalho, foi solicitado aos alunos, na questão 1.5 “*A partir da BD, explica por palavras tuas, a designação da seguinte legenda: “Foi necessário pouco tempo para abater um regime que oprimiu o povo português durante 47 anos, 10 meses, 24 dias e algumas horas ....”?*”. Nesta questão, foram muitas as opiniões que surgiram aos nossos alunos, tendo elaborado o seguinte quadro (nº 13) com quatro categorias de análise, às colaborações dos alunos, referente a esta questão.

**Quadro nº 16** | Sistema de categorização (categorias e descritores) das respostas dos alunos relativamente à questão 1.5 “*A partir da BD, explica por palavras tuas, a designação da seguinte legenda: “Foi necessário pouco tempo para abater um regime que oprimiu o povo português durante 47 anos, 10 meses, 24 dias e algumas horas ....”?*”

Categorias	Descritores	Ocorrências
Não respondeu	Ausência de resposta	3
Resposta alternativa	Respostas em que os alunos apresentam uma conceção alternativa com anacronismos.	1
Resposta vaga (cópia-cola)	Respostas em que os alunos apresentam ideias vagas sobre o assunto, limitando-se na maioria a copiar a informação da legenda.	14
Resposta explicativa contextualizada	Respostas em que os alunos apresentam ideias mais elaboradas, contextualizando-as, suportada pela mobilização de alguns conhecimentos.	6

Relativamente à primeira categoria foi possível averiguar que três alunos que não prestaram qualquer opinião, sobre a legenda que se encontrava na Banda Desenhada em estudo.

Na categoria *Resposta alternativa*, apenas um aluno da turma apresentou uma conceção alternativa com anacronismos, isto porque na sua resposta, “*Esta expressão significa que demorou muito tempo para encontrar um regime que estes gostassem. Não aprovaram a Ditadura e Monarquia.*” (A13), o aluno apresenta uma ideia errada do acontecimento histórico, isto porque, em primeiro lugar, a longevidade do Estado Novo, não se deve às incertezas da tipologia de regime, mas sim pela ditadura que estava instaurada em Portugal. Deste modo, verificamos que a partir da resposta apresentada pelo aluno, podemos aferir que este apresenta um conhecimento histórico pouco estruturado e descontextualizado consoante a temática em estudo.

Na categoria *Resposta vaga (cópia-cola)*, podemos verificar que um maior número de respostas dos alunos se encontram nesta categoria (n=14), uma vez que nas suas respostas estes não apresentaram uma opinião elaborada, nem mobilizaram os seus conhecimentos para puderem fundamentar a sua resposta. Por outro lado, pude constatar que estes alunos não possuem uma grande capacidade de interpretação, uma vez que estes nas suas respostas copiaram e colaram a citação, demonstrando que apresentam dificuldade de explicitar a sua opinião. Contudo, é-nos possível aferir que os alunos estão mais aptos para perguntas de respostas direta, havendo poucos com aptidão para uma respostas de cariz mais elaborado. Perante isso, podemos verificar as respostas dos seguintes alunos, consoante esta categoria:

- (A16) “*A legenda acima significa que foi necessário pouco tempo para o regime cair*”;
- (A18) “*Para mim esta legenda significa que foi preciso pouco tempo para implantar um novo regime que durou muito tempo.*”;
- (A23) “*Na minha opinião a frase “Foi necessário pouco tempo para abater um regime que oprimiu o povo português durante 47 anos, 10 meses, 24 dias e algumas horas ...” Quer dizer que tinhas demorado pouco a acabar com algo que governava há muito tempo.*”

Por fim, na categoria *Resposta explicativa contextualizada*, foi-nos possível verificar que apenas seis alunos conseguiram elaborar uma opinião sobre a legenda referenciada anteriormente, de modo a demonstrar as suas perspetivas, mobilizando um conjunto de conhecimentos contextualizando-os, como podemos apurar:

- (A4) “*A legenda quer dizer que em pouco tempo os militares conseguiram deitar abaixo um governo que fazia as pessoas sentirem-se inseguras, sempre em alerta e confiar em poucas pessoas ou seja, as pessoas não se sentiam livres, estavam constantemente stressadas durante 47 anos, uma eternidade.*”;

(A15) *“Eu acho que significa que a população não estava contente e, por isso, os militares tiveram de tomar medidas para terminar com esse regime. Os ex-ministros partem para a Madeira onde seguirão para o Brasil.”*

(A20) *“Sim, mas só porque os militares tinham um plano bem organizado antes de avançarem para um movimento com grande perigo.”*

Por fim, a última questão solicitada aos alunos tinha como finalidade de estes apresentarem, a partir das Bandas Desenhadas exploradas, as consequências que Portugal enfrentou devido à Revolução do 25 de Abril de 1974. Perante as respostas obtidos, foi-nos possível categorizar as suas respostas em quatro categorias de análise, conforme podemos visualizar no seguinte quadro (nº14):

**Quadro nº 17 |** Sistema de categorização (categorias e descritores) das respostas dos alunos à questão 1.6. *“Com base nas BDs, apresenta a/s consequência/s deste acontecimento no nosso país?”*

Categorias	Descritores	Ocorrências
Não responde	Ausência de resposta	2
Resposta vaga	Respostas em que os alunos apresentam uma conceção vaga sobre as consequências da Revolução de abril para Portugal, apresentando apenas uma ou duas consequências.	6
Resposta válida incompleta	Respostas em que os alunos apresentam uma conceção válida embora pouco elaborada e incompleta sobre o tema, suportada pela mobilização de alguns conhecimentos.	9
Resposta válida completa contextualizada	Respostas em que os alunos apresentam uma explicação mais elaborada e contextualizada, invocando múltiplas consequências, suportada pela mobilização de conhecimentos sobre o tema.	7

Na categoria *Resposta vaga* foram contabilizadas todas as contribuições dos alunos (n=6) que apresentavam uma resposta vaga para a respetiva questão, sendo que as suas respostas não estão diretamente claras, no que diz respeito às consequências ocorridas em Portugal, devido ao golpe militar de 1974. Podemos verificar isso nas seguintes repostas dos alunos:

(A9) *“As consequências são a liberdade e a independência das colónias.”;*

(A12) *“As colónias ficaram independentes e Portugal ficou mais pequeno.”;*

(A23) *“As consequências desse acontecimento foram o fim da ditadura e o início da liberdade.”.*

Na categoria seguinte, *Resposta válida/incompleta*, foram selecionadas todas as respostas (n=9) em que os alunos interpretaram de forma válida, indicando as consequências que surgiram no nosso país, com a Revolução de Abril. Contudo, as suas contribuições foram pouco fundamentadas, tomando como exemplo os alunos:

- (A2) *“O general Spínola toma o poder, em Caxias os prisioneiros políticos são libertados.”;*
- (A7) *“O país tornou-se democrático, com outras figuras políticas e há eleições livres.”*
- (A16) *“A consequência deste acontecimento no nosso país foi pois a colonias portuguesas tornaram-se independentes e Portugal ficou mais pequeno.”.*

Na terceira categoria, *Resposta válida completa contextualizada*, apenas sete alunos apresentaram uma resposta fundamentada, aplicando os seus conhecimentos contextualizando-os e mobilizando-os conforme o conteúdo histórico que se encontrava patente nas BDs exploradas, como podemos verificar nestes excertos das respostas dos alunos:

- (A4) *“As consequências destes acontecimentos foram: os presos políticos foram libertados, as colónias portuguesas tornaram-se independentes, as pessoas agora eram livres, elaborou-se uma nova constituição, restauraram-se instituições democráticas, formaram-se de novo partidos políticos e agora as eleições são livres e universais.”;*
- (A6) *“As consequências deste acontecimento no nosso país foram que os portugueses voltavam a ter liberdade e não tinham medo de falar sobre o que sentiam e podiam fazer as coisas de acordo com a sua vontade.”;*
- (A14) *“As consequências deste acontecimento é que as pessoas podem exprimir-se livremente, formam-se partidos políticos, de novo há associações e o mais importante, há eleições livres e universais.”.*

Seguidamente, apresenta-se a análise de dados proveniente da construção das Bandas Desenhadas realizadas pelos alunos, sobre Revolução de 25 de Abril de 1974. Conforme foi mencionado na análise dos dados no 1.º Ciclo do Ensino Básico, esta atividade visa contribuir para responder à questão de investigação: “Que conhecimento histórico os alunos aplicam na construção de uma Banda Desenhada?”. Através do seguinte quadro nº15, pretender-se-á aferir a aplicação do conhecimento histórico dos alunos na elaboração da Banda Desenhada, tendo como influências as BDs exploradas na sessão 3 e as fontes historiográficas.

**Quadro nº5|** Sistema de categorização (categorias e descritores) dos elementos verbais e pictóricos das BDs dos alunos do 2.º Ciclo.

Categorias	Descritores	Ocorrências	
		BD- Texto Verbal (n=24)	BD- Texto Pictórico (n=24)
Espacial	Textos verbais e pictóricos que permitem identificar no espaço a ação do acontecimento histórico (Quartel do Carmo, Ministérios no Terreiro do Paço, Quartel da Pontinha, Estúdios RTP, RCP).	14	15
Temporal	Textos verbais e pictóricos que permitem identificar no tempo a ação do acontecimento histórico (24 e 25 de Abril de 1974).	11	1
Personagens	Textos verbais e pictóricos que permitem identificar as personagens que se destacaram no acontecimento histórico (Salgueiro Maia; Marcelo Caetano; Américo Tomás).	18	18
Senhas	Textos verbais e pictóricos que permitem identificar as senhas que ficaram conhecidas na revolução (“E depois do Adeus”, “Grândola Vila Morena”).	18	14
Símbolos do 25 de Abril de 1974	Textos verbais e pictóricos que permitem identificar os símbolos da Revolução (Cravo).	0	13
Forças armadas	Textos verbais e pictóricos que permitem identificar as operações das forças armadas (militares/soldados, veículos de combate, espingardas).	10	18

Podemos averiguar após a análise de todas as Banda Desenhadas que na categoria *espacial*, os alunos conseguiram reproduzir no papel, a revolução do 25 de Abril de 1974. Em termos gerais, alguns alunos referenciaram o encontro secreto dos militares, a transmissão das duas senhas por via rádio, as invasões aos ministérios situados no Terreiro do Paço, bem como a concentração no Largo do Carmo e o comunicado de Spínola nos estúdios da RTP. Podemos apurar que a apresentação de

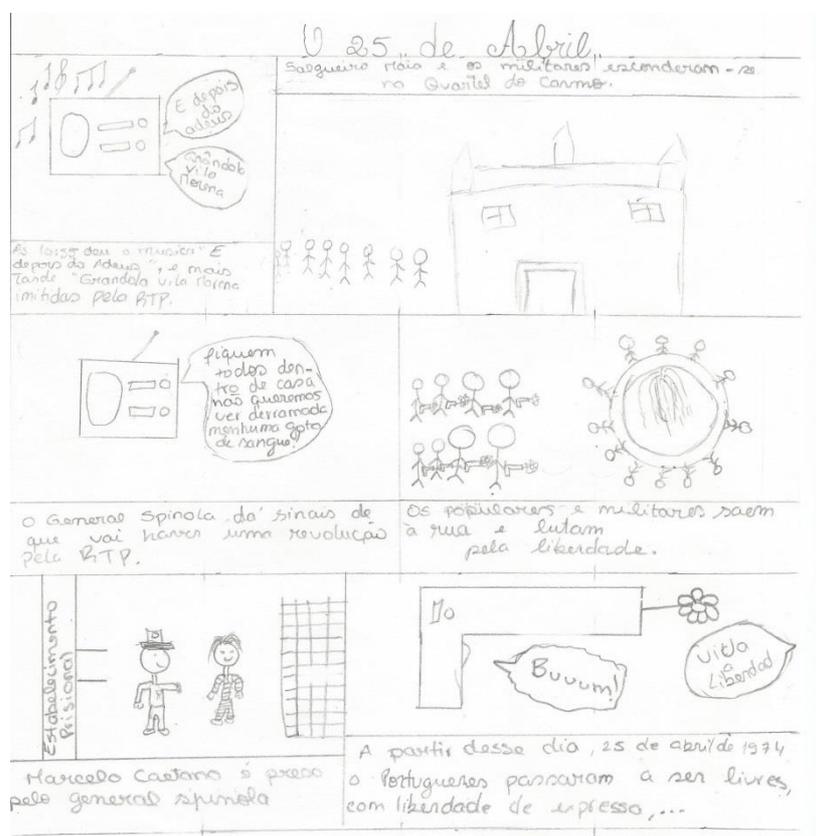




**Figura nº 15** | BD do aluno A26

No que diz respeito à categoria das *personagens* foi-nos possível verificar que os alunos demonstraram grandes dificuldades ao nível da representação pictórica das personalidades, como aconteceu também com os alunos do 1.º Ciclo do Ensino Básico. De acordo com as construções apresentadas a maioria das ilustrações possui uma ligação com o texto verbal permitindo ao leitor perceber qual a mensagem que o aluno queria transmitir. Ao nível do texto verbal, os alunos indicaram três personalidades históricas, o General Spínola, tendo como exemplo o caso do aluno A22 que faz referência na vinheta 6 ao general, na sua ida aos estúdios da RTP anunciar a constituição da Junta de Salvação: “*O António Spínola vai à RTP*”, Salgueiro Maia, conforme o aluno A29 legenda na vinheta 2 “o cerco de Salgueiro Maia e seus militares ao Quartel do Carmo”. Porém, outros alunos indicaram outras personalidades, como por exemplo, os presos políticos Mário Soares e Álvaro Cunhal, como é possível verificar na legenda da vinheta 6 do aluno A24 “*Mário Soares, Álvaro Cunhal e outros presos políticos saem livres das prisões radiantes.*” Por outro lado, foi-nos possível verificar ao nível histórico nesta categoria um anacronismo, isto porque nas suas produções de BD ainda se verificam que os alunos fazem referência a Salazar, como uma das personalidades que esteve envolvido durante a Revolução do 25 de Abril, uma vez que antes do início das minhas implementações, os alunos já

tinham abordado que Oliveira Salazar já tinha falecido quando aconteceu o golpe militar. É disso exemplo o aluno A14 que refere na vinheta 4 que os “Militares conseguem expulsar Oliveira Salazar e quem fica no lugar de Salazar é Marcelo Caetano” e na seguinte vinheta surge ilustrado um casal a festejar a liberdade, sendo que o rapaz expressa alegremente: “*eheheh! Salazar já foi!*”.



**Figura nº16** | BD do aluno A8

Na categoria *senhas* é possível apurar que os alunos apresentaram nas suas construções dois códigos (senha e contra senha) que anunciaram aos militares o início da revolução. Existe porém uma maior referenciação ao nível verbal do que pictórico, sendo que ao nível verbal, apenas dezoito alunos fazem referência às respetivas senhas, como por exemplo o aluno A23 diz que “*No dia 24 de abril às 10.55, passou no rádio a canção E depois do adeus, que era a primeira senha. Mais tarde passou a canção Grândola Vila Morena*”. É possível constar algum anacronismo nas apresentações dos alunos, no que diz respeito a esta categoria, uma vez que existe um conjunto de alunos, como por exemplo o aluno A221 que menciona que as senhas foram passadas no dia 24 de abril, num intervalo de tempo de 55 minutos e que a canção “E depois do Adeus” foi interpretada na rádio pelo cantor português Marco Paulo. Contudo, aquando a exploração das duas senhas foi visualizado um vídeo do Festival da

Canção desse mesmo ano, sendo Paulo de Carvalho a interpretar a letra de José Niza. Outro exemplo é a transmissão das canções, isto porque segundo o aluno A28 “Às 10:55 deu a música “E depois do adeus”, e mais tarde “Grândola Vila Morena emitidas pela RTP”, sendo que as canções foram transmitidas a primeira pela Emissoras Associados de Lisboa e a música de Zeca Afonso pela Rádio Renascença.



**Figura nº17** | BD do aluno A22

No que diz respeito aos *Símbolos do 25 de Abril de 1974*, ao nível das ocorrências em texto verbal, não houve qualquer aluno a fazer alguma referência a algum símbolo da revolução. No entanto, houve um conjunto de alunos (n=13), que no texto pictórico apresentaram aquele que foi comum a todos, o cravo. A sua representação deste símbolo surge de forma diversificada na produções de BD dos alunos, podendo aparecer na extremidade das espingardas dos militares e/ou nas mãos do povo em gesto de manifestação. Podemos concluir, com base a ficha de levantamento de ideias sobre o 25 de Abril de 1974, analisada anteriormente, que o cravo era um dos símbolos que faz parte das representações dos alunos quando se lhes pede para falarem ou representarem pictoricamente o 25 de Abril. Contudo, esta situação é normal, uma vez que o cravo é a flor que, na celebração deste

acontecimento histórico é utilizado como ornamentação da Assembleia da República, entre outros aspetos.



**Figura nº18** | BD do aluno A16

Por fim, menciona-se a última categoria de análise *Operação Militar*, que tem uma maior incidência no texto pictórico (n=18) do que no texto verbal (n=10). Nesta categoria pretendia-se averiguar, quer ao nível verbal como ao nível pictórico, elementos que permitissem identificar as operações militares, nomeadamente os Militares, Tanques de Guerra, e /ou as Espingardas. Nas contribuições dos alunos, ao nível verbal, é-nos possível verificar as seguintes legendas, A218 “ *Os militares anunciaram através da rádio que queriam libertar o país, e os portugueses não deveriam sair*

à rua, pois não queriam derramar sangue, mas os portugueses não o ouviram.”; A210 “ A população não fica em casa e vai para a revolução. Os carros blindados junto do Quartel do Carmo”.



**Figura nº18** | BD do aluno A12

Na última sessão do projeto de intervenção no 2.º Ciclo, os alunos realizaram uma ficha de metacognição (Anexo IV), com o intuito de averiguar as suas opiniões, relativamente à implementação deste projeto no grupo de turma. Contudo, apenas vinte e dois alunos realizaram esta ficha, sendo que os restantes encontravam-se a faltar por motivos de doença.

De acordo com a maioria dos alunos inquiridos (n=22), estes referenciaram que não tiveram dificuldades durante as aulas de História e Geografia de Portugal em interpretar os conteúdos históricos que as Bandas Desenhadas utilizadas apresentavam sobre a Revolução de Abril. Porém houve dois alunos que indicaram que a interpretação dos conteúdos presentes nas BDs ficou mais claro, aquando a utilização a outras fontes, de forma a dar apoio ao estudo da temática em questão.

No que diz respeito à realização da ficha de interpretação da BD, sobre a Revolução do 25 de Abril de 1974 e as consequências que a revolução originou no nosso país, a maioria do grupo (n=19) assinalou que não teve dificuldades na realização da respetiva ficha, devido “*a matéria estava bem explícita*” (A23); “*uma vez que eu lia muita banda desenhada e já estava bem habituado*” (A18). Todavia, houve dois alunos que demonstraram dificuldades na realização da respetiva ficha, mencionado que “*não sei muito de bandas desenhadas*” (A7) e porque não percebeu algumas das questões que foram colocadas. Apenas um aluno não respondeu a esta questão.

A seguinte questão perguntava aos alunos se com a construção da BD sobre a Revolução do 25 de Abril, estes conseguiram expressar, o seu conhecimento histórico que foi adquirido ao longo da temática. Perante esta questão, a maioria dos inquiridos (n=16) indicaram que conseguiram aplicar todo o seu conhecimento histórico na construção da sua Banda Desenhada, justificando a sua resposta:

- (A2) “*Porque percebi bem a matéria*”;
- (A3) “*Porque é fácil expressarmos em banda desenhada*”;
- (A16) “*Sim, porque eu expressar-me melhor através do desenho*”;

Por outro lado, houve alunos (n=5) que mencionaram que não conseguiram expressar todo o seu conhecimento na elaboração da BD, alegando que não tiveram tempo suficiente para aplicar todo o conhecimento sobre o 25 de Abril, como remetem os alunos:

- (A8) “*Não, porque eu não tive tempo para acabar a matéria toda que tinha de colocar lá*”;
- (A21) “*Porque não consegui fazer tudo o que queria*”;
- (A20) “*Eu respondi não, uma vez que não tive muito tempo para fazer (na minha opinião)*”.

Esta situação pode ser também uma limitação que alguns alunos podem ter, na dificuldade de organizar o seu conhecimento e exprimi-lo em BD, uma vez que este género literário integra desenho e texto, e nem todos os alunos têm aptidão para o desenho.

Por fim, foi questionado se os alunos achavam que o recurso a Bandas Desenhadas, no estudo do 25 de Abril, ajudou-lhes na aprendizagem sobre este acontecimento histórico, em que a grande maioria (n=20) justificou positivamente a aplicação das BDs no estudo da revolução, afirmando que este recurso ajudou na sua aprendizagem, tendo como exemplo os alunos:

- (A5) “*Sim, porque percebi o conhecimento de uma forma divertida e gostei muito da atividade*.”;
- (A7) “*Porque com desenho da BD os alunos divertem-se mais e interessamos mais no tema*.”;
- (A20) “*Sim, porque acho que foi uma boa fonte histórica*.”.

Contudo, apenas um aluno mencionou que não achava que a BD lhe tenha ajudado na aprendizagem do 25 de Abril, sendo que na sua justificação este indicou que “*não sei expressar com a banda desenhada*”, o que demonstra um problema de interpretação da questão, uma vez que a pergunta não estava direcionada para a elaboração da BD, mas sim para a pertinência das Bandas Desenhadas na exploração do acontecimento histórico. Por outro lado, houve um aluno que não prestou qualquer consideração a esta pergunta.

### 5.2.1 Conclusões do Projeto de intervenção no 2.º Ciclo

A partir dos dados analisados anteriormente, é-nos possível comentar de forma genérica a implementação do presente projeto, no contexto do 2.º Ciclo do Ensino Básico. Como aconteceu no 1.º Ciclo, este estudo pretendeu apurar as potencialidades que a Banda Desenhada Histórica possui para a construção do conhecimento histórico, nos alunos do 6.º ano de escolaridade.

Com base nos dados obtidos anteriormente, foi-nos possível constatar que os alunos do 2.º Ciclo apresentaram uma conceção bastante vaga sobre o recurso explorado ao longo das sessões, visto que estes não apresentaram nenhuma explicitação do conceito, sem indicarem algumas características que a tipologia de texto apresenta. Por outro lado, é-nos possível apurar que não costumam ter hábitos de leitura de BD e detêm poucos conhecimentos relativamente a obras deste género literária. Consequentemente, foi-nos possível verificar que nas primeiras abordagens de análise das BDs, os alunos sentiram imensas dificuldades em interpretar o texto pictórico, sendo necessário mobilizar um conjunto de questões bastante direcionadas para conseguirem alcançar os objetivos pretendidos. Contudo, com o evoluir do estudo, foi-nos possível aferir algumas evoluções, principalmente na identificação de personalidades e dos acontecimentos históricos. No entanto, na solicitação da descrição de uma legenda, extraída de um excerto de BD, estes demonstraram grandes carências ao nível do texto verbal, uma vez que estes não foram capazes, em modo geral, apresentar uma opinião fundamentada, mobilizando um conjunto de conhecimentos adquiridos ao longo do estudo. Todavia, concluímos que os alunos demonstram algumas inseguranças, nas “questões de desenvolvimento”, uma vez que alguns preferem não responder ou, por outro lado, não fazem uma interpretação correta do que é pretendido.

Por conseguinte, foi-nos possível verificar que a exploração das Bandas Desenhadas Históricas e das fontes historiográficas permitiram aos alunos adquirirem competências ao nível da interpretação das mesmas, de modo a enriquecerem o seu conhecimento histórico, bem como desenvolverem a

compreensão histórica. Deste modo, tendo por base a visão de Fronza (2009), este cruzamento de evidências históricas auxiliaram os alunos do 6.º ano a ganharem competências para “narrar historicamente” os acontecimentos históricos, através da construção das suas BDs. Por isso, verificou-se que os alunos aplicaram nas suas construções um conjunto de conteúdos assuntos históricos, resultantes do cruzamento das fontes, evidenciado nos textos verbais e pictóricos, que contempla cada BD. Porém, é-nos possível aferir que os alunos demonstraram alguns indicadores espaciais, como alguns marcadores temporais, sendo que este último apresentava falhas de rigor histórico ao nível cronológico, pois nas suas produções estes não apresentaram os acontecimentos de forma cronológica, tendo uma conceção errada da sequencialização dos acontecimentos, como também, uma grande maioria, não apresentou o ano do acontecimento. Por outro lado, foi-nos possível apurar uma forte presença de anacronismo histórico, porque alguns dos alunos fizeram menção a Oliveira Salazar na Revolução de Abril nas suas produções, o que permite aferir a descontextualização do conteúdo histórico.

Por fim, foi-nos possível verificar que os alunos acharam que as Bandas Desenhadas Históricas, exploradas ao longo do estudo foram um recurso diferenciado e estimulador, que os ajudaram a compreender melhor o acontecimento histórico, através de um forma lúdica e divertida. Contudo, estes também afirmaram que na construção das suas BDs, alguns não conseguiram demonstrar todos os seus conhecimentos, derivado à escassez de tempo, para a elaboração das suas produções e/ou por não terem uma grande aptidão para o desenho.



## **CAPÍTULO VI - CONCLUSÕES FINAIS, LIMITAÇÕES E RECOMENDAÇÕES**

Neste sexto e último capítulo, serão apresentadas as conclusões que foram obtidas, através da concretização do presente projeto, no 1.º e 2.º Ciclo do Ensino Básico. Deste modo, de acordo com os dados obtidos, pretende-se responder às questões de investigação, que foram elaboradas na fase inicial deste projeto.

Por fim, expressa-se um conjunto de recomendações para futuros estudos, bem como reflexões e considerações da implementação deste projeto, associadas a limitações que foram aparecendo ao longo do estudo.



## 6.1 Conclusões finais

Neste capítulo apresentamos as conclusões de todo o projeto, que se iniciou há um ano atrás, com algumas incertezas, medos e receios, mas que hoje está aqui demonstrado todo o percurso que foi desenvolvido nos contextos de ensino do 1.º e 2.º Ciclo do Ensino Básico. Apesar destes medos, esta última fase do nosso percurso académico é o momento mais esperado por todos os alunos, uma vez que esta oportunidade é aquela em que podemos aplicar todas as aprendizagens, conhecimentos e estratégias que fomos adquirindo ao longo da licenciatura e do mestrado, e por outro lado, começamos a ter uma perspetiva do Ensino em pleno território escolar, no que diz respeito às rotinas, funcionamento das turmas e a organização das escolas.

No que diz respeito à concretização deste estudo, procuramos apurar de que modo a aplicação e a exploração de Bandas Desenhadas históricas contribuíram para o enriquecimento do conhecimento histórico nos alunos dos dois ciclos de Ensino. Com este projeto tive a possibilidade de me enriquecer como pessoa e como futuro docente, uma vez que numa fase inicial não tinha conhecimento que a BD histórica poderia enriquecer as aulas de História, talvez por não ter tido nenhum professor que utilizasse este recurso como fonte historiográfica e recurso pedagógico para aprender História, e por isso foi preciso primeiramente descobrir o que a literatura abordava sobre esta temática, para assim poder delinear todo o processo de concretização deste estudo. Ao longo dessa pesquisa, foi-nos possível verificar que existe já alguns estudos a nível nacional e internacional, conforme foi citado no capítulo 2, que demonstram a pertinência da BD no ensino, quer ao nível da História, como no ensino do Português, Ciências ou Geografia.

De acordo com os contributos da revisão de literatura sobre a temática da BD no ensino de História e das perspetivas de vários autores sobre as potencialidades deste recurso pedagógico para o ensino da História para a implementação do estudo, delineou-se duas questões de investigação, “Que conhecimento histórico os alunos extraem de uma Banda Desenhada?” e “Que conhecimento histórico os alunos aplicam na construção de uma Banda Desenhada?”, que permitiu orientar todo este estudo de modo a averiguar as potencialidades deste recurso didático e fonte historiográfica, no ensino da História.

Perante isto, o estudo foi executado de igual forma para os dois ciclos de Ensino, de modo a ter uma melhor perceção de como a Banda Desenhada Histórica é interpretada pelos alunos e também como os alunos mobilizam os seus conhecimentos históricos, ao ser sugerido a construção de uma BD, conforme a abordagem temática, sendo no 1.º Ciclo a “ Expansão Marítima Portuguesa” e no 2.º Ciclo “ A Revolução do 25 de Abril de 1974”. Apesar do projeto ter uma linha de pensamento idêntica,

este teve que respeitar as orientações que os documentos oficiais determinam para cada ano de escolaridade, para que fosse possível concretizar o que estava estipulado para o 4.º ano e 6.º ano.

Este estudo desenvolveu-se segundo a metodologia de investigação-ação, de acordo com uma perspectiva construtivista, operacionalizado no modelo de aula oficina da autora Barca (2004). De seguida apresentam-se algumas conclusões que apuramos com este projeto. No que diz respeito ao primeiro momento designado pelo “levantamento das ideias dos alunos” podemos retirar algumas ilações. Em ambas os anos de escolaridade foi aplicado uma ficha de levantamento de ideias sobre BD, onde a pertinência da aplicação deste instrumento era aferir os conhecimentos que os alunos possuíam acerca da temática em estudo. Com base nas contribuições dos alunos, foi-nos possível concluir que a maioria deles, não possuem um conhecimento detalhado sobre este género literário, nem conhecimento de obras de BD e poucos são os que as leem, apesar dos alunos terem conhecimento sobre BD de anos escolares anteriores. Contudo, em comparação com os dois ciclos, os alunos do 4.º ano (1.º Ciclo) apresentaram um maior conhecimento do que os do 6.º ano (2.º Ciclo), uma vez que alguns alunos do 4.º ano demonstraram durante o momento de observação no estágio, hábitos de leitura, durante os períodos dos recreios. Por isso mesmo, foi-nos essencial, durante as sessões os alunos familiarizarem-se com as Bandas Desenhadas Históricas, uma vez que estes não possuíam hábitos de leitura de BD e assim puderem ao longo das sessões enriquecerem o seu conhecimento histórico a partir deste recurso, uma vez que Solé (2013) defende que é necessário desenvolver com os alunos uma ligação com esta tipologia de texto, de modo a gerar uma empatia.

É de salientar que com a utilização das “histórias aos quadrinhos” em contexto de sala de aula, os leitores devem compreender a sua gramática e possuir o vocabulário específico, sendo necessário primeiramente, uma exploração das características da Banda Desenhada, conforme o autor Zink (1999) defende. Este ponto foi-nos fundamental no início do estudo, em ambos os anos de escolaridade uma vez que a maioria dos alunos não continha grandes hábitos de leitura deste género literário.

Contudo, como sustenta Fronza (2007) e Solé (2013) no que diz respeito à utilização da BD no ensino da História, foi-nos essencial complementar o estudo de ambas as temáticas, recorrendo a outras fontes históricas, uma vez que é-nos necessário “abrir” o olhar dos alunos para o conhecimento histórico, para além do que o manual escolar- recurso muito explorado pelos docentes e alunos- apresenta, e por isso a exploração dos acontecimentos históricos através das outras fontes permite alargar os horizontes dos nossos alunos. Contudo, tentamos não apresentar um excesso de fontes para os alunos, isto porque Lee (2001), Barca e Gago (2004) sustentam que o confronto de várias

perspetivas sobre o mesmo assunto pode por vezes criar algumas confusões aos alunos, e para se evitar deve-se promover nos alunos a multiperspectividade, que podem existir diferentes pontos de vista, e isso não significa que uma versão/perspetiva é mais correta do que a outra. Esta situação verificou-se com a exploração das Bandas Desenhadas Históricas, sobre a descoberta do Brasil no 1.º Ciclo, isto porque na aplicação da ficha das comparações (anexo VII) das duas obras, os alunos constataram que o tratamento do conteúdo histórico era diferente nas duas obras, pois a obra portuguesa retratava o acontecimento apenas numa prancha, onde os autores selecionaram os acontecimentos, conforme a sua visão, enquanto na obra brasileira a descoberta estava elaborada conforme a carta de Pêro Vaz de Caminha ao rei D. Manuel, e por isso apresentava com maior pormenor os acontecimentos relacionados com a “descoberta do Brasil”. Deste modo, apesar de ambas as obras tratarem do mesmo assunto, a seleção dos acontecimentos foi diferenciada, o que permitiu aos alunos compararem as obras e terem a perceção que ambas são historicamente válidas, mas que a sua informação histórica foi selecionada, conforme a visão dos autores. Neste sentido, foi-nos possível apurar que os alunos com esta atividade demonstraram um desenvolvimento do “pensamento crítico”, conforme defende Guay e Charrette (2009) citado por Gonçalves (2013), uma vez que estes realizaram uma “avaliação” das duas obras, demonstrando a sua opinião sobre as semelhanças /diferenças, ao nível do rigor histórico, ilustrativo e/ou cronológico.

Outro aspeto a salientar, relativamente à capacidade dos alunos construírem conhecimento histórico a partir da interpretação da BD histórica, foi-nos possível avaliar, numa primeira fase, a capacidade dos alunos do 1.º Ciclo de interpretar a informação patente na BD sobre a abordagem da Conquista Ceuta e nas descobertas da Madeira, Porto Santo e Arquipélago dos Açores, tendo-se constatado que os alunos do 4.º ano não demonstraram grandes dificuldades na interpretação da BD como fonte e a partir desta tirar algumas inferências e deduções sobre os acontecimentos explorados. Dos dados recolhidos dos instrumentos aplicados (fichas de interpretação- anexo IV e anexo XIII), foi-nos possível apurar que os alunos estão mais aptos para responderem a questões de resposta direta, onde estes não necessitam de uma grande mobilização do conhecimento, porém as questões que implicam uma relação e explicação, os alunos demonstraram uma maior dificuldade, isto porque ao longo do seu percurso escolar, estes são confrontados permanentemente com fichas, cuja maioria das questões é de resposta direta, apelando a uma simples memorização dos conteúdos. Porém, no 2.º Ciclo, sobressaiu um grupo de alunos, onde nas questões que eram necessário uma maior interpretação e mobilização da informação histórica que as BDs apresentavam, estes souberam

responder de forma contextualizada, destacando-se dos restantes elementos da turma, que revelaram mais dificuldade.

De acordo, com os vários momentos da implementação deste projeto nos dois ciclos de ensino, procurámos responder à questão de investigação: “Que conhecimento histórico os alunos extraem de uma Banda Desenhada?”. Da análise dos resultados obtidos e apresentados no cap. V foi-nos possível averiguar que os alunos do 1.º Ciclo e do 2.º Ciclo do Ensino Básico apresentaram competências de interpretação das Bandas Desenhadas Históricas exploradas nas sessões, uma vez que no geral estes conseguiram aplicar o conhecimento histórico patente nas BDs e aplicá-lo de forma correta nas questões solicitadas. Isso é-nos possível apurar nos resultados obtidos nas fichas de interpretação (anexo IV e anexo XIII), onde os alunos nas questões de resposta direta (identificação dos acontecimentos históricos, das personagens e/ou personalidades retratadas nos recursos explorados), estes conseguiram interpretar o conteúdo histórico presente nas BDs e aplica-lo nas suas respostas. Porém, nas questões em que os alunos tinham que apresentar uma maior interpretação do conteúdo histórico presente nas BDs, estes demonstram maior dificuldade, como foi-nos possível verificar no 1.º Ciclo (Quadro nº 8), onde os alunos reproduziram nas suas respostas passagens extraídas das Bandas Desenhadas, sem que haja uma fundamentação e explicação do conteúdo histórico. No que diz respeito aos dados obtidos no 2.º Ciclo, estes não são muito diferentes em relação aos ciclo anterior, uma vez que no quadro nº 15, é-nos possível verificar que a maioria dos alunos apresentou uma resposta com ideias vagas sobre o assunto, limitando-se a copiar a informação da legenda demonstrando neste sentido dificuldade em mobilizar o conhecimento, de forma fundamentada e contextualizada, com o intuito de explicitar uma opinião sobre o assunto a ser retratado.

Neste sentido, podemos concluir que o conteúdo histórico presente nas BDs permitiu aos alunos enriquecerem as suas aprendizagens históricas, assim como, adquirirem algumas capacidades ao nível da interpretação e da compreensão histórica, no entanto os alunos demonstram algumas carências na explicitação do conhecimento adquirido.

No que diz respeito à questão de investigação “Que conhecimento histórico os alunos aplicam na construção de uma Banda Desenhada?”, foi solicitado nas duas turmas a construção uma BD sobre os acontecimentos retratados, sendo neste caso construído no 1.º Ciclo uma BD sobre a “Descoberta do Brasil” e no 2.º Ciclo a “Revolução do 25 de Abril de 1974”.

A realização desta atividade revelou-se muito interesse e motivante para os alunos, onde estes demonstraram os seus conhecimentos históricos de uma forma diferente ao que habitualmente realizam, rompendo assim com as práticas rotineiras que os alunos estão habituados. De modo geral,

a maioria dos alunos concretizou esta atividade com uma grande motivação e alegria. Contudo, é-nos possível afirmar que esta atividade teve maior êxito com os alunos do 1.º Ciclo do Ensino Básico em comparação com os alunos do 2.º Ciclo, isto porque na minha opinião os alunos do 4.º ano de escolaridade apresentaram uma maior abertura, disponibilidade, criatividade e entrega para a concretização desta atividade do que os alunos do 6.º ano, em que a criatividade aliada à aplicação de conhecimento nem sempre é valorizada e está ausente das tarefas a realizar em sala de aula.

De acordo com a categorização efetuada para as construções das BDs dos alunos, dos dois ciclos de ensino, com temáticas diferenciadas, as categorias mais frequentes nas suas construções, relacionam-se com o nível espacial, temporal e personagens, onde a preocupação com a localização temporal e espacial se revelou essencial nas suas produções, bem como a identificação de personagens relevantes para o acontecimento histórico representado. Podemos apurar, em comparação com os resultados obtidos em ambas as categorias que os alunos do 1.º Ciclo, apresentaram melhores resultados, no texto verbal e pictórico, nas categorias espacial e temporal, uma vez que estes conseguiram retratar, explicitar e localizar com grande sucesso espacialmente e temporalmente de forma legível, os acontecimentos que foram surgindo na expedição de Pedro Álvares Cabral à Índia, que o levou a descobrir o Brasil. Estes alunos demonstraram uma capacidade da compreensão histórica e temporal, tendo por base a datação cronológica dos acontecimentos. Em contrapartida os alunos do 2.º Ciclo não demonstraram essa preocupação na construção das suas BDs, uma vez que nos dados referenciados no cap. V foi-nos possível constatar que apenas onze alunos apresentaram no texto verbal, o marcador temporal do acontecimento, sendo que esta referência não é explícita em todas as contribuições assinaladas. No que diz respeito à categoria das personagens, em ambos os ciclos os alunos demonstram grandes dificuldades na representação pictórica das personagens, uma vez que é-nos necessário recorrer ao texto verbal para “descodificar” a personagem que o aluno quer apresentar ao leitor.

Por outro lado, verificamos em ambos os anos, alguns anacronismos históricos, na mobilização e aplicação do conhecimento histórico, por exemplo no 1.º Ciclo, em que se constatou que alguns alunos representaram nas suas BDs no texto pictórico e verbal, produtos produzidos no Brasil (açúcar, cacau, café, ouro) que foram trazidos para a metrópole, anos posteriores à descoberta, dando a entender ao leitor que estes foram trazidos logo após esta conquista portuguesa. Por outro lado, a grande “batalha” no 6.º ano foi eles entenderem que quando surgiu a revolução do 25 de Abril de 1974, Salazar já tinha falecido. Porém, alguns alunos na construção das suas BDs apresentaram esta personalidade histórica como uma das personagens que esteve inserida na revolução.

Constatou-se que, de um modo geral, os alunos conseguiram mover o conhecimento histórico desenvolvido durante a abordagem das temáticas, sendo possível constatar nas suas construções de BD referências às Bandas Desenhadas Históricas exploradas na aula, como Fronza (2007) constatou no seu estudo, sobre a construção das BDs dos seus inquiridos. Foi-nos possível averiguar que os alunos conseguiram compreender o conteúdo histórico patente nas BDs exploradas, e transpor essa informação, na elaboração das BDs, quer ao nível do texto pictórico como ao nível do texto verbal. Também foi-nos possível apurar nas construções dos alunos inferências às fontes historiográficas interpretadas, bem como influências da visita de estudo ao “World Discovery”, no caso do 1.º Ciclo.

Por outro lado, podemos comprovar que a construção das BDs permitiu de certo modo, como defende Bonifácio (2005) estimular a criatividade dos alunos do 1.º e 2.º Ciclo, quer ao nível da escrita como ao nível do desenho, sendo que nas contribuições obtidas foi-nos possível averiguar que os alunos do 1.º Ciclo demonstraram-se mais predispostos e com maior preocupação estética, na elaboração das suas BDs históricas.

Com a aplicação deste estudo podemos comprovar que este género de literatura, as Bandas Desenhadas Históricas, possuem uma grande riqueza, quer ao nível textual e/ou pictórico, pois permite que os alunos construam o seu conhecimento histórico, sendo possível averiguar que estes conseguiram desenvolver competências históricas, devido à aplicação das BDs históricas, como um recurso pedagógico no ensino da História. Constatamos tal como salienta Solé (2013) que a BD histórica proporcionou que os alunos, de ambos os ciclos, desenvolvessem alguns conceitos de segunda ordem como tempo, significância e/ou empatia histórica.

De certa forma os resultados obtidos podem ter sido condicionados, em parte, também pelas BDs escolhidas para serem exploradas pelos alunos, pois uma boa seleção é um fator condicionante para o sucesso da tarefa. Por isso, o docente deve ter em atenção, durante o processo de seleção das Bandas Desenhadas vários aspetos, como por exemplo, o conteúdo histórico e a sua adequação ao nível de escolaridade a que se destina, para posteriormente analisar toda a riqueza que este recurso apresenta aos alunos (Pereira,2013).

Em suma, podemos aferir que a utilização da Banda Desenhada Histórica como recurso pedagógico e fonte historiográfica é de extrema riqueza e de grande pertinência, na abordagem dos conteúdos históricos, pois estimula os alunos para o ensino da História, bem como, a construção de mais e melhores aprendizagens.

## 6.2 Limitações e recomendações

Ao longo do estágio, na elaboração e implementação deste projeto fomos nos deparando com algumas dificuldades por vezes limitações, que tivemos que ir ultrapassando e que se foram desvanecendo à medida que o projeto ia sendo implementado.

Uma das dificuldades sentidas na implementação deste projeto nos dois ciclos do Ensino Básico, teve a ver com as escolhas das obras a serem trabalhadas e exploradas em contexto de sala de aula, isto porque na hora de escolher as BDs, devemos ter em atenção vários aspetos, como já foram referenciados anteriormente. Apesar de as BDs serem construídas para um público de massas, atualmente não existe uma grande diversidade de BDs históricas, ricas em conteúdo histórico e acessíveis ao público em geral, o que se revelou difícil inicialmente escolher as melhores obras e as mais ajustadas aos níveis de escolaridade.

Apesar das dificuldades sentidas inicialmente, achamos que ao longo do projeto ganhamos um conjunto de competências pedagógicas e investigativas, com a aplicação deste projeto subordinado à utilização de Bandas Desenhadas Históricas no ensino da História, isto porque foi-nos possível verificar que os alunos ficaram de certo modo estimulados para a aprendizagem dos conteúdos históricos que seriam abordados, ganharam competências de interpretação deste tipo de fonte historiográfica, que integra simultaneamente texto verbal e pictórico e de certo modo demonstrou que as BDs podem ser um bom recurso pedagógico no ensino da História, mas também para outras áreas disciplinares, como por exemplo o Português.

Uma recomendação que deixo para futuros projetos é a realização de trabalhos colaborativos nas salas de aulas, isto porque apesar de este projeto ter sido implementado segundo uma filosofia construtivista e operacionalizado segundo o modelo de aula oficina, foi-nos possível verificar que os alunos ficam mais entusiasmados em realizar trabalhos de grupo e/ou pares, uma vez que nas suas rotinas diárias em sala de aula, os seus trabalhos são realizados individualmente. Optamos, por questões metodológicas, que os alunos trabalhassem individualmente, para melhor tirar conclusões sobre os níveis de compreensão histórica a partir da utilização da BD. Porém, seria interessante aplicar este tipo de estudo com recurso à BD, mas em trabalho de grupo, possibilitando a partilha de ideias, promovendo-se assim também a aprendizagem cooperativa.

Outro aspeto a ter em consideração é a distribuição da carga horária nos dois ciclos do Ensino Básico, isto porque o estágio teve uma maior duração no 1.º Ciclo Básico em relação ao 2.º Ciclo, o que influenciou de certo modo a realização do estudo, principalmente na segunda parte do estágio, pois o período de intervenção é mais curto, devido à carga horária que a unidade disciplinar de História e

Geografia de Portugal possui no ensino escolar e também porque de certo modo a nossa ida para o contexto do 2.º Ciclo aconteceu já a meio do 2º Período, uma vez que, os últimos períodos do ano letivo são aqueles mais curtos. Por outro lado, a indicação dos contextos onde os projetos serão implementados, são desvendados muito em cima da hora, o que seria importante essa informação ser revelada mais cedo, para assim os alunos terem a oportunidade de entrar em contacto com os contextos e com os professores cooperantes. Contudo, tenho a plena consciência que por vezes é difícil conseguir professores cooperantes que abram as portas para receber estagiários.

Neste sentido deixo um conselho para os futuros colegas, que mal saibam qual o contexto escolar e os professores cooperantes, que vão ter ao longo do estágio, tentem fazer uma abordagem com eles, para que haja uma maior articulação da problemática a ser objeto de estudo nos dois ciclos de ensino, que deverá ser sempre ajustada a cada contexto e ao programa curricular de cada ano de escolaridade. Este apoio por parte dos professores cooperantes em parceria com os professores supervisores é fulcral para a concretização do projeto que visamos implementar nos contextos em que estamos a realizar estágio.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Alonso, L. (1996). *Desenvolvimento Curricular e Metodologia de Ensino* (Manual de apoio ao desenvolvimento de Projectos Curriculares Integrados). Braga: Universidade do Minho / Instituto de Estudos da Criança - Projeto PROCUR.
- Barca, I. (2004). Para uma Educação Histórica de Qualidade. In Isabel Barca (Org.), *Actas das IV Jornadas Internacionais de Educação Histórica: Para uma Educação Histórica de Qualidade* (pp.131-144).Braga: CIED, Universidade do Minho;
- Barca, I. & Gago, M. (2004). Usos da Narrativa em História. In Maria do Céu de Melo & José Manuel Lopes (Org.). *Narrativas históricas e ficcionais: recepção e produção para professores e alunos: actas do Encontro sobre Narrativas Históricas e Ficcionalis* (pp. 29-40). Braga: Centro de Investigação em Educação do Instituto de Educação e Psicologia da Universidade do Minho.
- Bonifácio, S. (2005). *Histórias e(m) quadradinhos: análise sobre a História ensinada na arte sequencial*. Dissertação obtenção do título de Mestre em Educação, no Programa de Pós-Graduação em Educação, Linha Saberes, Culturas e Práticas Escolares – Universidade Federal do Paraná.
- Carvalho, G. & Freitas, M. (2010). *Metodologia do Estudo do Meio* – Colecção Universidade – Metodologias de Ensino. Luanda: Plural Editores.
- Coutinho, C. P. [et. al] (2009). Investigação-acção: Metodologia Preferencial nas Práticas Educativas. *Psicologia, Educação e Cultura*. XIII, 2: 355-380.
- Coutinho, C. P. (2005). Construtivismo e investigação em hipermédia: aspectos teóricos e metodológicos, expectativas e resultados. In J. Baralt; N. Callaos.; B. Sánchez (Ed). – *Actas da Conferência Iberoamericana en Sistemas, Cibernética e Informática*, vol. 1, (pp. 68-73). Orlando: International Institute of Informatics and Systemcis.
- Dionísio, M. (2001). Reseña de "Concepções e Eficácia na Aprendizagem" de António Almeida. *Revista Portuguesa de Educação*, 14:311-317. Disponível em <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=37414115>
- Fertuzinhos, C. (2004). *A Aprendizagem da História no 1.º Ciclo do Ensino Básico e o uso do Texto Prosa e da Banda Desenhada- Um estudo com os alunos do 4.º ano de escolaridade*. Dissertação de Mestrado em Supervisão Pedagógica de História e Ciências Sociais. Braga: Universidade do Minho

- Fosnot, C.T. (1996). *Construtivismo e Educação. Teoria, perspectivas e práticas*. Lisboa: I. Piaget Editora.
- Fronza, M. (2009). Aprendendo História com as histórias em quadradinhos. In Maria Auxiliadora Schmidt e Isabel Barca (Org.). *Aprender História: Perspetivas da Educação Histórica* (pp.197-224). Rio Grande do Sul: Editora Unijuí da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul.
- Fronza, M. (2007). *O significado das histórias aos quadradinhos na educação histórica dos jovens que estudam no ensino médio*. Dissertação obtenção do título de Mestre em Educação, no Programa de Pós-Graduação em Educação, Linha Saberes, Culturas e Práticas Escolares. Curitiba: Universidade Federal do Paraná.
- Gonçalves, A. (2013). *A leitura e interpretação da Banda Desenhada histórica e os desenhos na expressão dos conhecimentos geográficos*. Relatório de Estágio de Mestrado em Ensino de História e Geografia no 3º Ciclo do ensino básico e secundário. Braga: Universidade do Minho.
- Lameiras, J.; Boléo, J.; Santos, J. (1999). *Uma revolução desenhada. O 25 de Abril e a BD*. Santa Maria da Feira: Edições Afrontamentos.
- Lee, P. (2001). Progressão da compreensão dos alunos em História. In Isabel Barca (Org.) *Perspetivas em Educação Histórica: actas das Jornadas Internacionais em Educação Histórica* (pp. 13-23). Braga: Centro de Estudos em Educação do Instituto de Educação e Psicologia da Universidade do Minho.
- Mota, A. (2012). *A Banda Desenhada como representação gráfica-verbal na aprendizagem de História e Geografia*. Relatório de Estágio Mestrado em Ensino de História e de Geografia no 3º Ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário. Braga: Universidade do Minho.
- Oliveira, C. & Souza, J. (2013). *Arte em Quadradinhos: A Perspectiva do Ensino de História em Quadradinhos na aula de Arte*. Monografia apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Licenciatura em Artes Visuais da Plataforma Freire do Departamento de Educação. Salvador: Universidade do Estado da Bahia.
- Pereira, M. (2013). *A banda desenhada como recurso didático para desenvolver a compreensão leitora e a expressão escrita, na aula de língua*. Relatório de Estágio Mestrado em Ensino de Português no 3º Ciclo do Ensino Básico e Ensino Secundário e de Espanhol nos Ensinos Básico e Secundário. Braga: Universidade do Minho

- Pires, C. (2010). A Investigação-acção como suporte ao desenvolvimento profissional docente. *Eduser-Revista de Educação*, 2: 66-83.
- Rego, J. (2004). Çufo ou A Aventura de um Nome. In Maria do Céu de Melo; José Manuel Lopes (Org.). *Narrativas históricas e ficcionais: recepção e produção para professores e alunos: actas do Encontro sobre Narrativas Históricas e Ficcionalis* (pp. 41-57). Braga: Centro de Investigação em Educação do Instituto de Educação e Psicologia da Universidade do Minho.
- Rusen, J. (2016). *Jorn Rusen: Contribuições para uma Teoria da Didática da História*. In M. A. Schmidt. & E. Martins (Org.). Curitiba: W.A. Editores.
- Solé, G. (2013). A primeira república na literatura infanto-juvenil: a ficção histórica na construção do pensamento histórico. In F. L. Viana, R. Ramos, E. Coquet & M. Martins (Coords.), *Atas do 9.º Encontro Nacional (7.º Internacional) de Investigação em Leitura, Literatura Infantil e Ilustração* (pp. 364-388). Braga: CIEC – Centro de Investigação em Estudos da Criança da Universidade do Minho.
- Solé, G. (2011). A Banda Desenhada Histórica como Recurso Didático- Pedagógico para a Construção de Conhecimento Histórico dos Alunos no 1.º CEB. In F. Azevedo; Â. Balça & S. Silva (Coords.) *Globalização na Literatura Infantil. Vozes, Rostos e Imagens* (pp.357-390). Raleigh, N.C: Lulu Entreprises.
- Solé, G. (2009). *A História no 1º Ciclo do Ensino Básico: a Concepção do Tempo e a Compreensão Histórica das Crianças e os Contextos para o seu Desenvolvimento*. Tese de doutoramento em Estudos da Criança, área de Estudo do Meio Social. Braga: Universidade do Minho.
- Vergueiro, W. & Pigozzi, D. (2013). Histórias em quadrinhos como suporte pedagógico: o caso Watchmen. *Comunicação & Educação/ Revista do Departamento de Comunicações e Artes da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo*, 18, (1): pp.43-63.
- Zink, R. (1999). *Literatura Gráfica? Banda Desenhada Portuguesa Contemporânea*. Oeiras: Celta Editora.
- Zink, R. (1997). *Banda Desenhada Portuguesa Contemporânea*. Tese de doutoramento. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa – Faculdade de Ciências Sociais e Humanas.

## Documentos legais

Agrupamento de Escolas Camilo Castelo Branco (2015). Critérios de Avaliação. (consultado em 21 de junho de 2016). Disponível em <http://www.aeccb.pt/documentos/criterios-de-avaliacao/>

Agrupamento de Escolas Camilo Castelo Branco (2014). Projeto Educativo do Agrupamento de Escolas Camilo Castelo Branco (2013-2017). (consultado em 21 de junho de 2016). Disponível em <http://www.aeccb.pt/documentos/legislacao/>

Agrupamento de Escolas Camilo Castelo Branco (2013). Regulamento Interno do Agrupamento de Escolas Camilo Castelo Branco. (consultado em 23 de junho de 2016). Disponível em <http://www.aeccb.pt/documentos/normativos-internos/>

ME - Ministério da Educação (2015). Programa e Metas de Português no Ensino Básico. Lisboa: Direcção Geral da Educação. Disponível em [http://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Basico/Metas/Portugues/pmcpeb\\_julho\\_2015.pdf](http://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Basico/Metas/Portugues/pmcpeb_julho_2015.pdf)

ME - Ministério da Educação (2004). Organização Curricular e Programas do Ensino Básico do 1º Ciclo. Lisboa: Departamento de Educação Básica. Disponível em [http://www.esev.ipv.pt/mat1ciclo/2007%202008/Doc%20programaticos/Prog%20\\_1CicloEB.pdf](http://www.esev.ipv.pt/mat1ciclo/2007%202008/Doc%20programaticos/Prog%20_1CicloEB.pdf)

MEC – Ministério de Educação e Ciência. Documento de Apoio às Metas Curriculares de História e Geografia de Portugal- (2.º Ciclo do Ensino Básico). Disponível em [http://www.dge.mec.pt/sites/default/files/ficheiros/doc\\_de\\_apoio\\_mc\\_hgp\\_final.pdf](http://www.dge.mec.pt/sites/default/files/ficheiros/doc_de_apoio_mc_hgp_final.pdf)

Plano de turma do 4.º Ano de escolaridade (documento facultado pela professora cooperante).

Plano de turma do 6.º Ano de escolaridade (documento facultado pela Diretora de Turma).

# **ANEXOS**

**Anexo I** – Ficha de Levantamento de Ideias sobre BD aplicada no 1.º Ciclo;

**Ficha sobre Banda Desenhada**

**Nome:** \_\_\_\_\_ **Data:** \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_

**Ano/Turma:** \_\_\_\_\_



1. O que é para ti uma banda desenhada?

---

---

---

2. Quais são as bandas desenhadas que conheces?

---

---

---

3. Costumas ler banda desenhada?

- Nunca.
- Às vezes.
- Muitas vezes.

Se sim, quais? \_\_\_\_\_

4. Assinala com um X a opção correta.

a) Qual das seguintes imagens é um balão de fala?








b) Qual das seguintes imagens é uma vinheta?

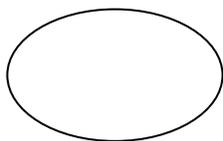


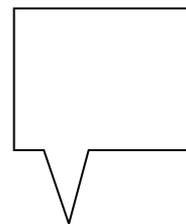





c) Qual das seguintes imagens é um balão de pensamento?








d) Qual das seguintes imagens é uma tira?








e) Qual das seguintes imagens é uma prancha?








Bom trabalho!



**Anexo II** – Ficha de Trabalho “Expansão Ultramarina Portuguesa”;

**Ficha de Trabalho: “Expansão Ultramarina Portuguesa”**

Nome: \_\_\_\_\_ Data: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_

Ano/Turma: \_\_\_\_\_

**1. Depois de efetuares a leitura das pranchas da pp.29 e 30 do livro “A Grande Aventura” dos autores Reis, A. e Garcês J., indica:**

1.1. A partir da prancha da p.29, identifica a personalidade histórica retratada na 2ª tira, com vestes negras?

\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

1.2. A que praça do Norte de África se indica que foi conquistada pelos portugueses?

\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

1.3. Indica as descobertas realizadas neste período, os respetivos navegadores e a data em que foram alcançadas.

a) \_\_\_\_\_; \_\_\_\_\_; \_\_\_\_\_

b) \_\_\_\_\_; \_\_\_\_\_; \_\_\_\_\_

c) \_\_\_\_\_; \_\_\_\_\_; \_\_\_\_\_

1.4. Qual a embarcação usada nestas primeiras descobertas?

\_\_\_\_\_

1.5. Quais as ordens que João Gonçalves Zarco recebeu do seu superior? Retira da BD o excerto que comprova a tua resposta.

\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

1.6. Que produtos foram introduzidos nas ilhas descobertas.

---

---

---

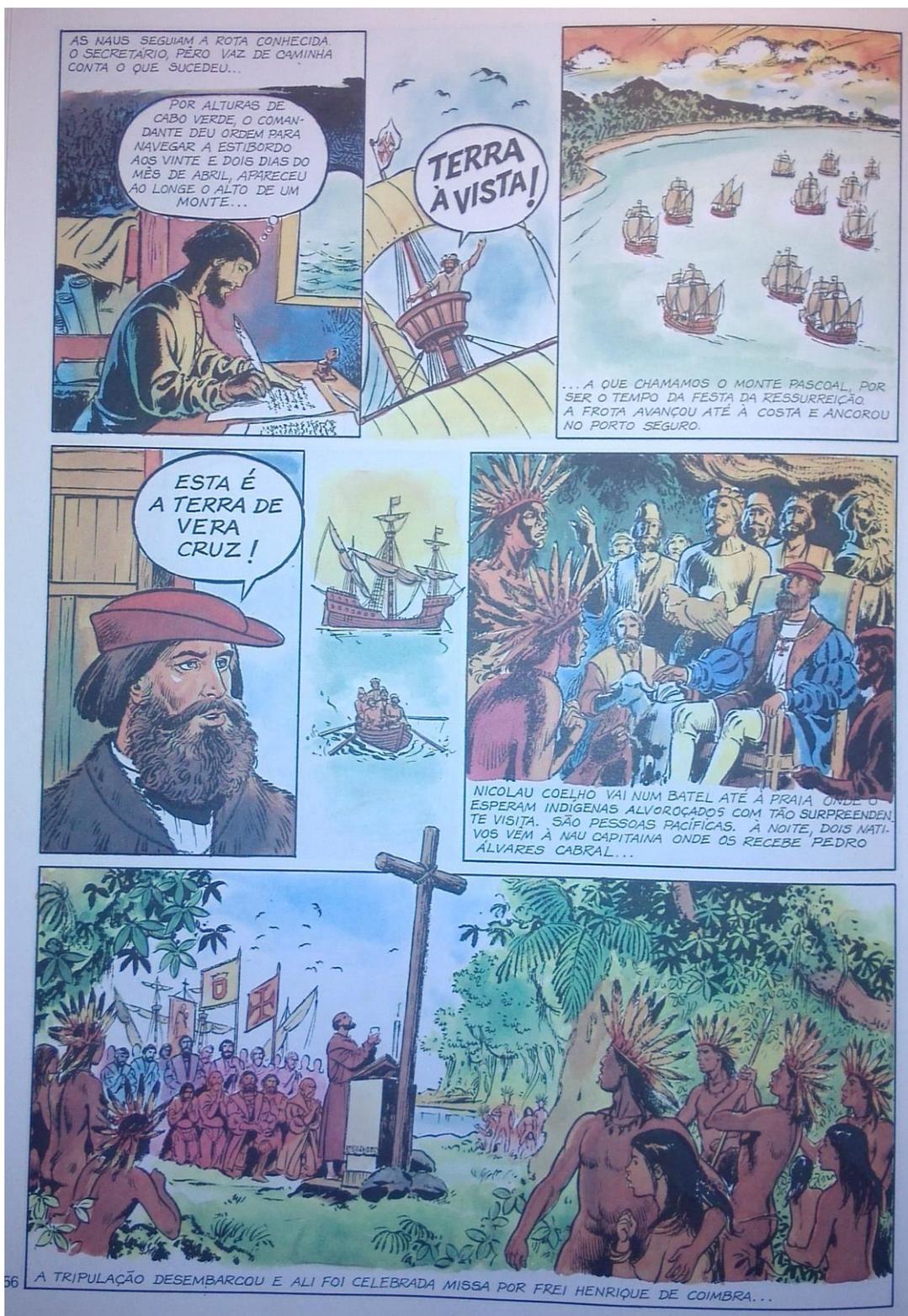
1.7. A quem pertenciam as terras descobertas?

---

---

**Boas descobertas!**

Anexo III – Excerto da BD “A Grande Aventura” de Reis, A. & Garcês, J., p.56;



**Anexo IV** – Ficha de Interpretação da BD aplicada no 1.º Ciclo;

**Ficha de Interpretação**

Nome: \_\_\_\_\_ Data: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_

Ano/Turma: \_\_\_\_\_

**1. Depois de efetuares a leitura da prancha da p.56 do livro “A Grande Aventura” dos autores Reis, A. e Garcês J., indica:**

1.1. Qual o acontecimento histórico retratado na BD?

\_\_\_\_\_

1.2. Quais as personagens que identificas na Banda Desenhada?

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

1.3. Como foi chamado o monte avistado? Porquê o assim designaram?

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

1.4. Como foi chamada a terra descoberta? \_\_\_\_\_

1.5. Indica com base na BD, que designação foi dada aos habitantes do território descoberto?

\_\_\_\_\_

1.6. Como são descritos estes habitantes na BD?

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

1.7. Com reagiram os habitantes desta terra à chegada dos portugueses ao seu território?

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

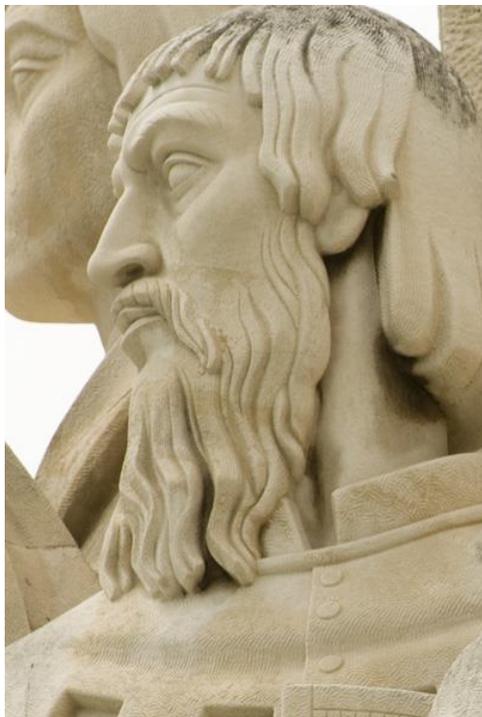
1.8. Qual a embarcação usada nesta expedição?

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

**Boas descobertas!**

## **Pedro Álvares Cabral – Navegador**



Nasceu em Belmonte, entre 1460 e 1470, vindo a morrer em Santarém, no ano de 1520.

Estava ligado às cortes de D. João II e de D. Manuel I. Sendo pessoa da confiança do rei, e dentro da política de expansão e fixação no Oriente, foi-lhe confiada uma armada, que saiu a 8 ou 9 de Março de 1500, de Lisboa com destino a Índia.

Esta armada era composta de 13 navios e cerca de 1500 homens, com a missão de estabelecer relações com o Samorim de Calecut. Durante a viagem, a 22 de Abril de 1500, descobriram ou acharam o Brasil, batizando-o de Terra de Vera Cruz. Dada a surpresa quanto a esta terra, Pedro Álvares

Cabral mandou Gaspar de Lemos de volta a Portugal, com a notícia para o rei.

Pedro Álvares Cabral, na continuação da sua missão, partiu, a 3 de Maio, em direção sudeste, a fim de ultrapassar o cabo da Boa Esperança. Perto deste cabo, e devido a uma tempestade, naufragaram as naus de Aires Gomes da Silva, de Simão de Pina e Bartolomeu Dias. Em Setembro de 1500, a armada chegava a Calecut, com apenas 6 naus. Aí, devido ao falhanço da dupla missão, diplomática e comercial, dirigiu-se para Cochim, onde teve maior sorte, quer no plano político quer no plano comercial.

Em meados de ano de 1501, regressou a Portugal. Aqui, foi-lhe oferecida uma série de honrarias. Cerca de 1502, D. Manuel I oferecia-lhe o comando de uma nova armada com destino à Índia, nomeação que não foi confirmada, não se sabe porquê. Retirou-se para Santarém, onde morreu.

**Fonte:** CAMPOS, Nuno / CARNEIRO, Isabel: O Padrão dos Descobrimentos – roteiro para visita de estudo, Coimbra, 1994. Retirado <http://www.padraodosdescobrimentos.pt/protagonistas/pedro-alvares-cabral/>

**Doc. 1: Mar Alto**

“ E domingo, 22 do dito mês, às 10 horas, pouco mais ou menos, houvemos vista das ilhas do Cabo Verde, isto é, da ilha de São Nicolau, segundo dito de Pêro Escolar, piloto.

E a noute seguinte, à segunda-feira, quando lhe amanheceu, se perdeu da frota Vasco d Ataíde, com a sua nau, sem aí haver tempo forte nem contraíro para o achar, a umas e a outras partes, e não apareceu mais.”

**(Da carta de Pêro Vaz de Caminha)**

Retirado do panfleto “À Descoberta do Novo Mundo: Centro Interpretativo de Belmonte”p.13

**Doc.2: Terra à Vista – A Chegada**

“Neste mesmo dia, a horas de véspera, houvemos vista de terra! A saber, primeiramente de um grande monte, muito alto e redondo; e de terra chã, com grandes arvoredos; ao qual monte alto o capitão pôs o nome de O Monte Pascoal e à terra A Terra de Vera Cruz.”

**(Da carta de Pêro Vaz de Caminha)**

Retirado do panfleto “À Descoberta do Novo Mundo: Centro Interpretativo de Belmonte”p.14

**Doc.3: Terra Adentro**

“Pardos, nus, sem coisa alguma que lhes cobrisse suas vergonhas. Traziam arcos nas mãos, e suas setas. Vinham todos rijamente em direcção ao batel. E Nicolau Coelho lhes fez sinal que pousassem os arcos. E eles depuseram. Mas não pôde deles haver fala nem entendimento que aproveitasse, por o mar quebrar na costa. Somente arremessou-lhe um barrete vermelho e uma carapuça de linho que levava na cabeça, e um sombreiro preto. E um deles lhe arremessou um sombreiro de penas de ave, compridas, com uma copazinha de penas vermelhas e pardas, como de papagaio. E outro lhe deu um ramal grande de continhas bran-cas, miúdas que querem parecer de aljôfar, as quais peças creio que o Capitão manda a Vossa Alteza. E com isto se volveu às naus por ser tarde e não poder haver deles mais fala, por causa do mar.”

**(Da carta de Pêro Vaz de Caminha)**

Retirado do panfleto “À Descoberta do Novo Mundo: Centro Interpretativo de Belmonte”p.15

**Doc.4: Missa do Frei Henrique**

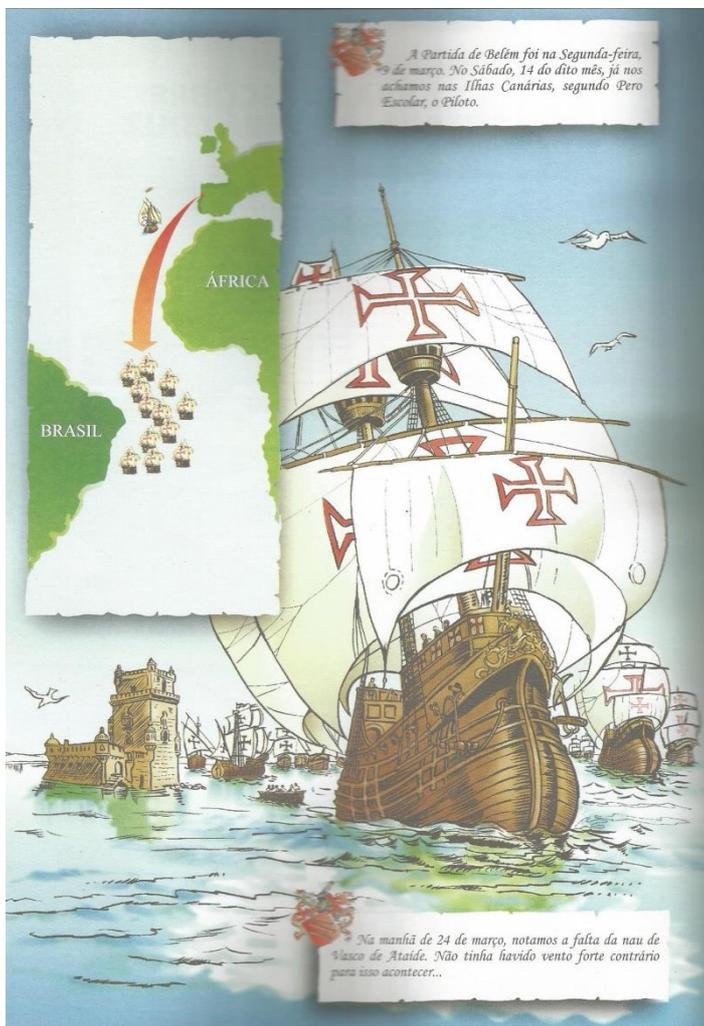
“E hoje que é sexta-feira, primeiro dia de maio, pela manhã saímos em terra com nossa bandeira e fomos desembarcar acima do rio contra sul, onde nos parece que seja melhor chantar a cruz para ser melhor vista. Ali assinalou o Capitão onde fizessem a cova para a chantar. E enquanto a ficaram fazendo, ele co todos nós outros fomos, pela cruz, rio abaixo, onde ela estava. Trouxemo-la dali com esses religiosos e sacerdotes adiante cantando à maneira de procissão. Eram já aí alguns deles, obra de sessenta ou oitenta e quando nos assim viram vir, alguns deles se foram meter debaixo dela, a ajudar. (...)

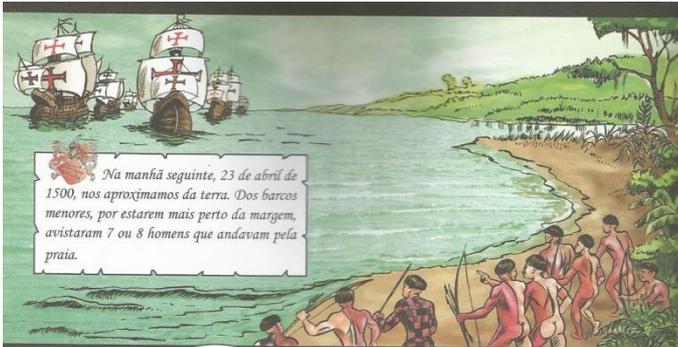
Plantada a cruz com as armas e divisa de Vossa Alteza que primeiro lhe pregaram, armaram altar ao pé dela. Ali disse missa o padre Frei Henrique, a qual foi cantada e oficiada por esses já ditos. Ali estiveram conosco a ela obra de cinquenta ou sessenta deles, assentos todos em joelhos assim como nós.”

**(Da carta de Pêro Vaz de Caminha)**

Retirado do livro “O Achamento do Brasil – A Carta de Pero Vaz de Caminha a El- Rei D. Manuel”p.56

**Anexo VI** – Excerto da BD “O Achamento do Brasil – A Carta de Pero Vaz de Caminha a El-Rei D Manuel” de Simões, H. & Gonzaga, R., pp.9-29;





Na manhã seguinte, 23 de abril de 1500, nos aproximamos da terra. Dos barcos menores, por estarem mais perto da margem, avistaram 7 ou 8 homens que andavam pela praia.



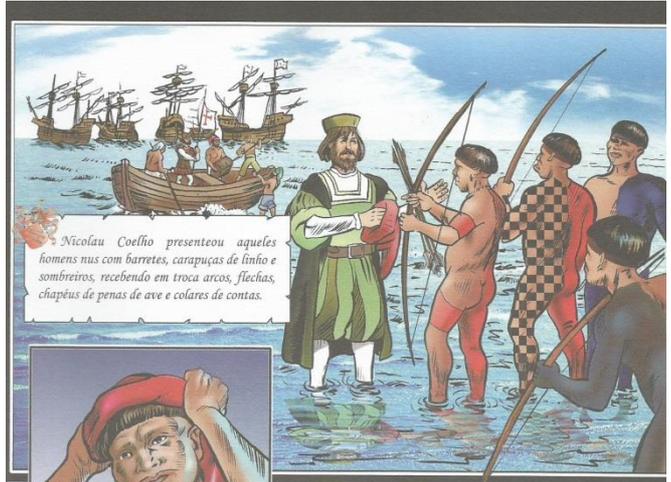
Vejam, a terra é habitada!

Será que os habitantes são pacíficos?

Temos que ir lá ver aquela gente e aquele rio.



Nicolau Coelho, vá nesse esquife e conheça aquela gente. Veja, também, se aquele rio tem boa água.



Nicolau Coelho presenteou aqueles homens nus com barretes, carapuças de linho e sombreros, recebendo em troca arcos, flechas, chapéus de penas de ave e colares de contas.



Parados, nus, sem coisa alguma que lhes cobrisse suas vergonhas. Eram belos, fortes e traziam arcos nas mãos e suas setas.



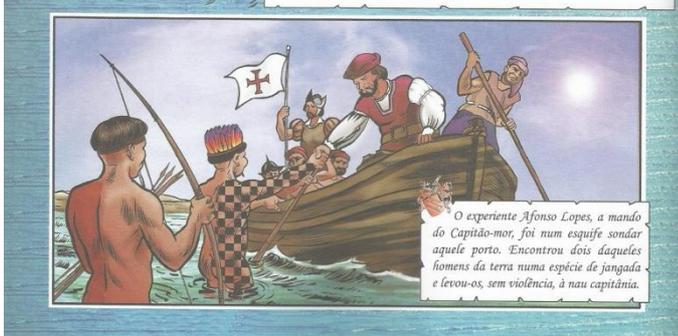
A noite seguinte ventou tanto sueste, com aguaceiros tão fortes, que arrastou a nau capitânia das suas amarras. O temporal mostrou a todos que aquele não era um bom porto.



Na Sexta-feira pela manhã, 24 de abril, fizemos vela para o norte à procura de uma boa abrigada e onde pudessemos tomar água e lenha. Na praia, 60 a 80 homens pareciam se despedir de nós.



Vejando por umas 10 léguas, encontramos um Recife com um porto dentro. As naus arribaram para lá e amainaram a uma légua de distância, ancorando em 11 braças.



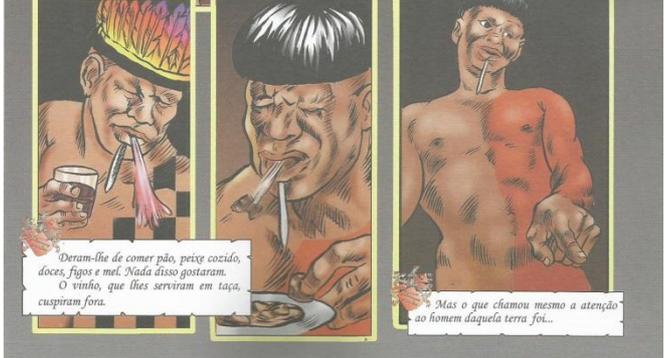
O experiente Afonso Lopes, a mando do Capitão-mor, foi num esquife sondar aquele porto. Encontrou dois daqueles homens da terra numa espécie de jangada e levou-os, sem violência, à nau capitânia.



O Capitão-mor recebeu os homens da terra com toda a pompa e cortesia. Eles pareciam não se importar com isso, pois mostraram-se bastante à vontade, a tudo observando com curiosidade.

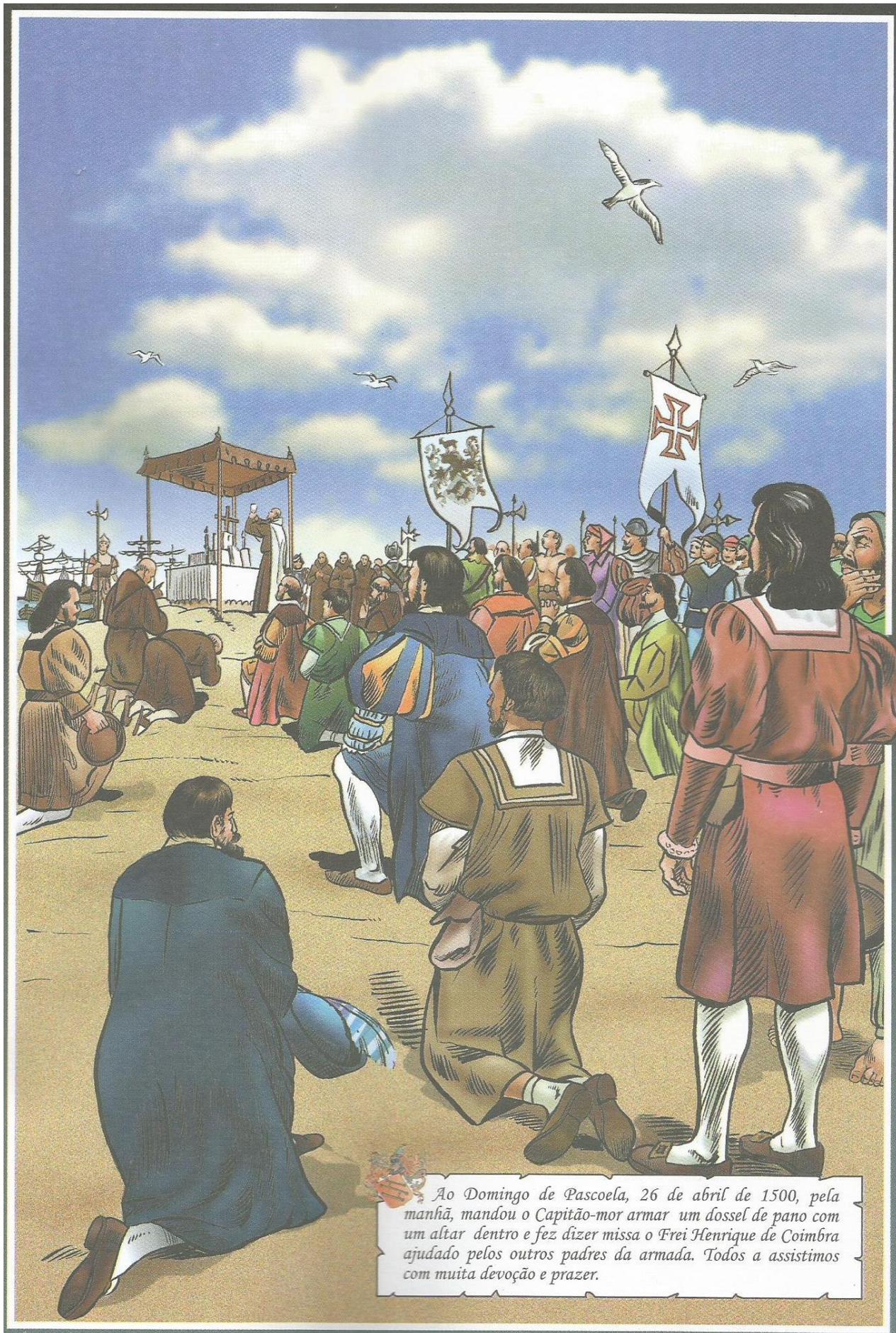


Mostraram àqueles homens um carneiro e uma galinha. Do carneiro, não fizeram caso, mas tomaram susto com a galinha.

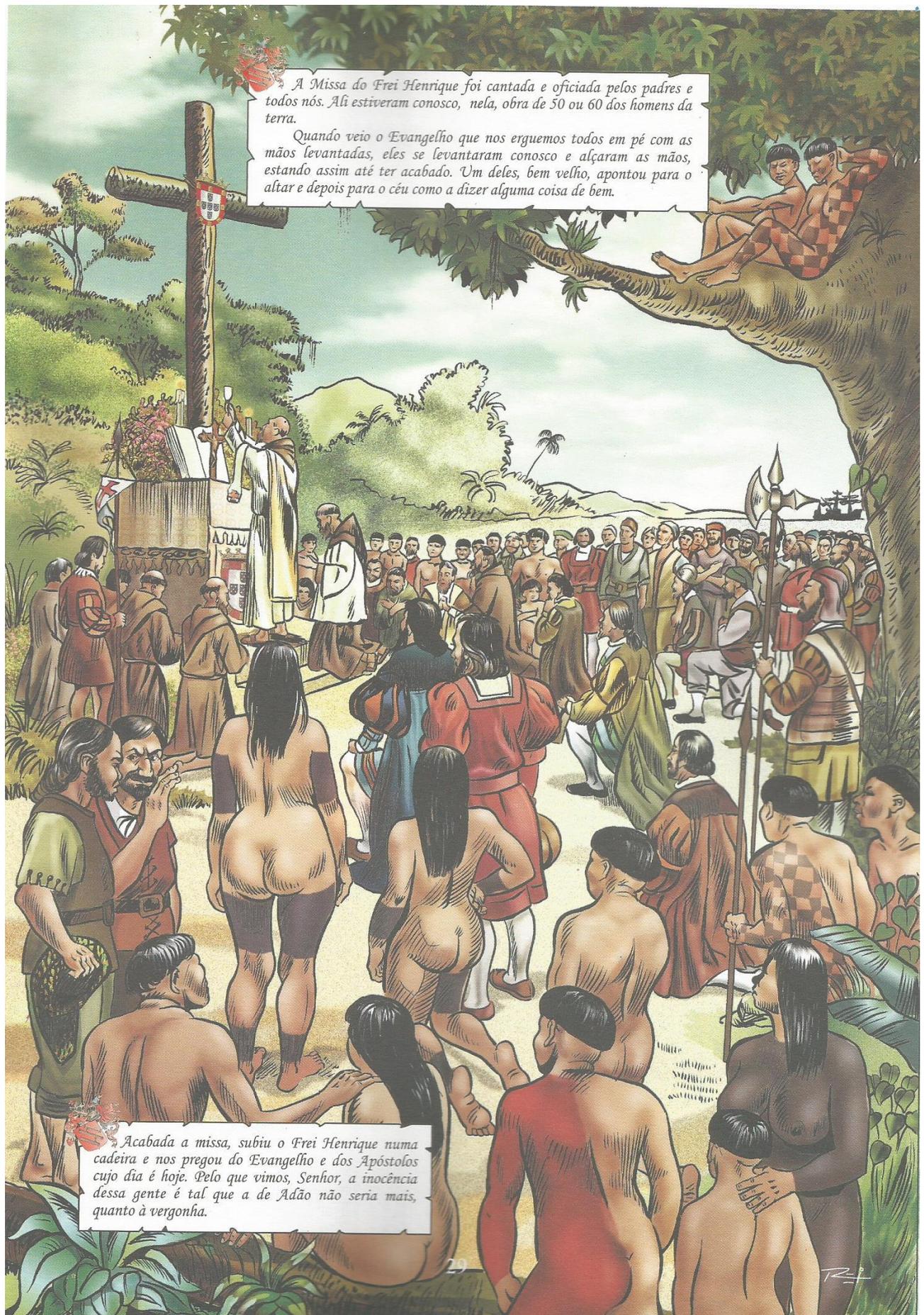


Deram-lhe de comer pão, peixe cozido, doces, figos e mel. Nada disso gostaram. O vinho, que lhes serviram em taça, cuspiram fora.

Mas o que chamou mesmo a atenção ao homem daquela terra foi...



Ao Domingo de Pascoela, 26 de abril de 1500, pela manhã, mandou o Capitão-mor armar um dossel de pano com um altar dentro e fez dizer missa o Frei Henrique de Coimbra ajudado pelos outros padres da armada. Todos a assistimos com muita devoção e prazer.



A Missa do Frei Henrique foi cantada e oficiada pelos padres e todos nós. Ali estiveram conosco, nela, obra de 50 ou 60 dos homens da terra.

Quando veio o Evangelho que nos erguemos todos em pé com as mãos levantadas, eles se levantaram conosco e alçaram as mãos, estando assim até ter acabado. Um deles, bem velho, apontou para o altar e depois para o céu como a dizer alguma coisa de bem.

Acabada a missa, subiu o Frei Henrique numa cadeira e nos pregou do Evangelho e dos Apóstolos cujo dia é hoje. Pelo que vimos, Senhor, a inocência dessa gente é tal que a de Adão não seria mais, quanto à vergonha.

**Anexo VII** – Ficha de Comparação das BDs aplicadas no 1.º Ciclo;

**Ficha das Comparações**

Nome: \_\_\_\_\_ Data: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_

Ano/Turma: \_\_\_\_\_

1. Depois de efetuares a leitura da prancha da p.56 do livro “A Grande Aventura” de Reis, A. e Garcês J. e das pranchas do livro “O achamento do Brasil e a carta de Pero Vaz de Caminha” de Simões, H. e Gonzaga, R., indica na tabela, abaixo representada, as igualdades e diferenças das bandas desenhadas.

<b>Semelhanças:</b>	
<b>1</b>	
<b>2</b>	
<b>3</b>	
<b>4</b>	
<b>Diferenças:</b>	
<b>1</b>	
<b>2</b>	
<b>3</b>	
<b>4</b>	

**Boas descobertas!**

**Anexo VIII** – Ficha de levantamento das ideias/conhecimentos sobre o 25 de Abril aplicada no 2.º

Ciclo;

<b>Ficha sobre o 25 de Abril</b>		
<b>Nome:</b> _____	<b>Ano/Turma:</b> _____	
<b>Data:</b> ___/___/___		

**1. O que é para ti a Revolução do 25 de abril?**

---

---

---

---

**2. Quais os motivos que levaram ao 25 de abril de 1974?**

---

---

---

---

**3. Que personalidades se destacaram neste acontecimento histórico?**

---

---

---

---

**4. Quem teve um papel importante na Revolução de Abril? Assinala com (X) a tua opção/opções:**

<input type="checkbox"/>	Povo
<input type="checkbox"/>	Militares
<input type="checkbox"/>	Políticos
<input type="checkbox"/>	Habitantes das colónias portuguesas

**5. O que mudou em Portugal após este acontecimento histórico?**

---

---

---

---

---

**6. Quando ouves a designação “25 de abril”, qual a imagem que surge no teu pensamento? Ilustra essa imagem.**



Bom trabalho!

**Anexo IX** – Ficha de levantamento de ideias sobre BD aplicada no 2.º Ciclo;

**Ficha sobre Banda Desenhada**



Nome: \_\_\_\_\_

Data: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_

Ano/Turma: \_\_\_\_\_

**1. O que é para ti uma banda desenhada?**

---

---

---

**2. Quais são as bandas desenhadas que conheces?**

---

---

---

**3. Costumas ler banda desenhada?**

- Nunca.
- Às vezes.
- Muitas vezes.

Se sim, quais? \_\_\_\_\_

**4. Observa a seguinte prancha da obra “ Salgueiro Maia – O rosto da Liberdade” de António Martins.**

4.1 Conforme a legenda apresentada, indica nos elementos assinalados o número que lhe corresponde.

<b>Legenda</b>	
<b>1</b>	Balão de Fala
<b>2</b>	Vinheta
<b>3</b>	Legenda
<b>4</b>	Tira

25 DE ABRIL, 1974.  
ESCOLA PRÁTICA  
DE CAVALARIA,  
EM SANTARÉM.



**A PÉ,  
PESSOAL!**  
ESTAMOS  
A ACORDAR!



MAS... É  
UMA E MEIA  
DA MANHÃ...

... É MAIS  
UMA NOITE DE  
INSTRUÇÃO?

SÃO ORDENS, PA!  
A MÚSICA PASSOU  
NA RÁDIO JÁ  
HÁ UM BOM  
BOCADO...



MÚSICA...  
MAS QUAL  
MÚSICA?

UMA DO  
ZECA...

... PARECE  
QUE ERA  
UM SINAL...

TOCADA NA RÁDIO,  
A "GRÂNDOLA" ERA  
A SENHA COMBINADA  
PARA INICIAR UMA  
OPERAÇÃO MILITAR  
EM TODO O PAÍS...



SINAL?  
É PA... ISSO  
ATE' PARECE  
UMA COISA  
A SERIO...

VAMOS JÁ  
SABER...



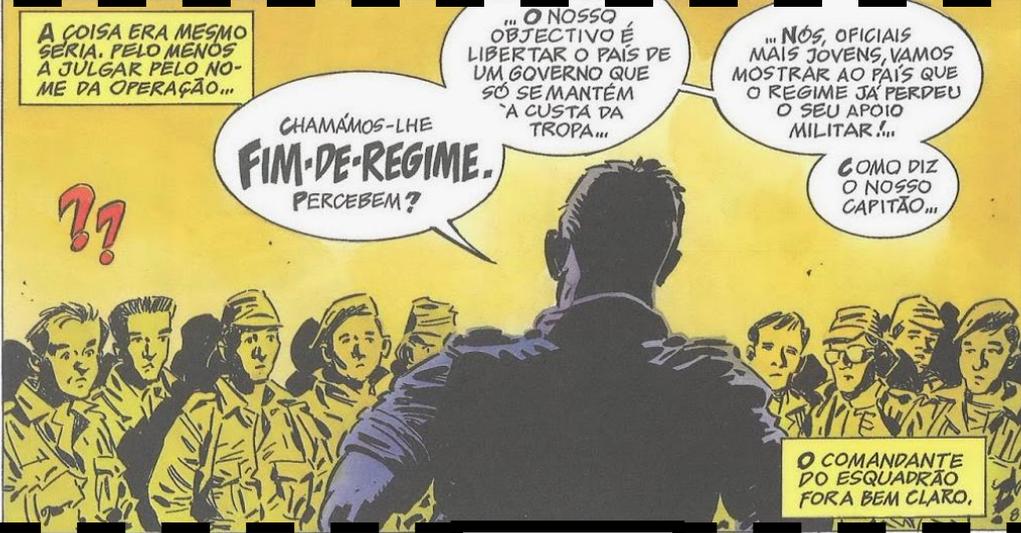
A COISA ERA MESMO  
SERIA. PELO MENOS  
A JULGAR PELO NO-  
ME DA OPERAÇÃO...

CHAMÁMOS-LHE  
**FIM-DE-REGIME.**  
PERCEBEM?

... O NOSSO  
OBJECTIVO É  
LIBERTAR O PAÍS DE  
UM GOVERNO QUE  
SÓ SE MANTÉM  
"A CUSTA DA  
TROPA..."

... NÓS, OFICIAIS  
MAIS JOVENS, VAMOS  
MOSTRAR AO PAÍS QUE  
O REGIME JÁ PERDEU  
O SEU APOIO  
MILITAR!...

COMO DIZ  
O NOSSO  
CAPITÃO...



O COMANDANTE  
DO ESQUADRÃO  
FORA BEM CLARO.

Bom trabalho!



## **Anexo X – Fontes historiográficas aplicadas no 2.º Ciclo;**

### **Doc.1:O Golpe**

“Duas canções passadas na rádio- uma delas Grândola, Vila Morena, de José Afonso – serviram de sinal para a saída das tropas. Até às quatro da manhã, tomaram a maior parte dos objetivos. O primeiro comunicado do MFA, emitido pela Rádio Clube Português, às 4h26, pedia à população que permanecessem em casa << com a máxima calma>>. Não foi claro quem estava na rua e para quê. Só às 7h30 outro comunicado aludiu à << libertação do País do regime que há longo tempo o domina>>. [...]

O posto de comando do <<movimento>>, instalado no quartel de Engenharia nº1, na Pontinha, dispunha de uma vantagem: um sistema de escutas que lhe deixou seguir as comunicações do lado do Governo, que só às 3h56 deu pelo golpe.”

Retirado da obra “ *História de Portugal*” p.711

### **Doc.2:Discurso de Spínola na RTP**

“Uma avaria técnica nos estúdios da RTP retardou durante vinte minutos a leitura daquele documento [proclamação da Junta de Salvação Nacional]. Foi cerca da 1.30 da madrugada, depois de grande expectativa e de, para ganhar tempo, ter dado algumas imagens dos acontecimentos do dia, que a Radiotelevisão fez a apresentação dos membros da Junta de Salvação Nacional [...].

E, imediatamente, o General António de Spínola leu:

“Em obediência ao mandato que acaba de lhe ser confiado pelas Forças Armadas, após o triunfo do Movimento em boa hora levado a cabo pela sobrevivência nacional e pelo bem estar do Povo Português, a Junta de Salvação Nacional a que presido, constituída por imperativo de assegurar a ordem e dirigir o país para a definição e consecução de verdadeiros objetivos nacionais, assume perante o mesmo o compromisso de:

- Garantir a Sobrevivência da Nação, como Pátria Soberana no seu todo pluricontinental;
- Promover, desde já, a consciencialização dos portugueses, permitindo plena expressão a todas as correntes de opinião, em ordem a acelerar a constituição de associações cívicas que não polarizem tendências e facilitar a livre eleição, por sufrágio directo, de uma Assembleia Nacional constituinte e a sequente eleição do Presidente da República. [...]

In Revista do Povo

Retirado da obra “ *História de Portugal: A Terceira República- Do 25 de Abril aos nossos dias*” p.21

### **Doc.3:O retorno a Portugal**

“ O êxodo dos portugueses residentes em Angola para Portugal constitui um grave problema. Para Angola e para Portugal. Para Angola que se vê privada numa altura crucial da sua história dos quadros necessários ao seu desenvolvimento. Para Portugal que acolhe, numa ocasião de profunda recessão económica, alguns milhares de pessoas, às quais não pode fornecer postos de trabalho.

Não está excluída a possibilidade de muitos dos retornados, estabilizada minimamente a situação política e militar, regressarem a Angola. Em todo o caso, durante muitos anos haverá graves dificuldades de absorção social dos indivíduos regressados.”

In Cadernos de O Jornal, de Novembro de 1975

Retirado da obra “ *História de Portugal: A Terceira República- Do 25 de Abril aos nossos dias*” p.53

**Anexo XI**– Pranchas de Victor Mesquita sobre o 25 de Abril. Fonte: Bóleo, J.; Lameira, J.& Santos, J. (1999).Uma revolução desenhada- O 25 de Abril e a BD. Porto: Ed. Afrontamento;



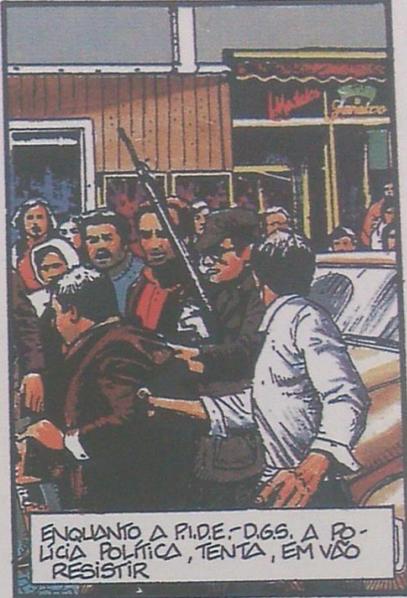


EU DESEJARIA QUE UM OFICIAL SUPERIOR ACEITE A RENDIÇÃO, O PODER NÃO DEVE CAIR NA RUA ...

MARCELLO CAETANO RECEBE O CAPITÃO SALGUEIRO MAIA ...!



A RENDIÇÃO É OFICIAL E O GENERAL SPÍNOLA TOMA O PODER ... MARCELLO CAETANO E OS MEMBROS DO GOVERNO ABANDONAM O CARMO NA CHAMITE "BULA" ...!



ENQUANTO A P.I.D.E.-D.G.S. A POLÍCIA POLÍTICA, TENTA, EM VÃO RESISTIR



VIVA O MFA!  
MFA!  
MFA!  
DEMOCRACIA!  
ELEIÇÕES! ...

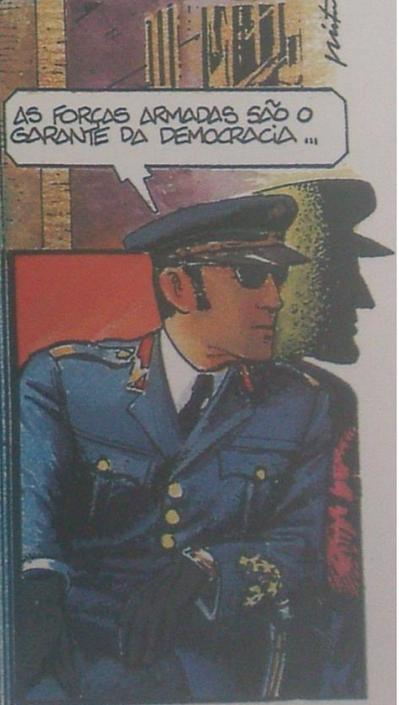
FOI NECESSÁRIO POUCO TEMPO PARA DEBATER UM REGIME QUE OPRIMIU O POVO PORTUGUÊS DURANTE " 47 ANOS, 10 MESES, 24 DIAS E ALGUMAS HORAS" ... OS MILITARES TOMAM AS RÉDEAS DO PAÍS SEM EFLUSÃO DE SANGUE ... OS EX-MINISTROS PARTEM PARA A MADEIRA DONDE SEGUIRÃO PARA O BRASIL ...



EM CAXIAS, OS PRISONEIROS POLÍTICOS SÃO LIBERTADOS COM EMOÇÃO ...



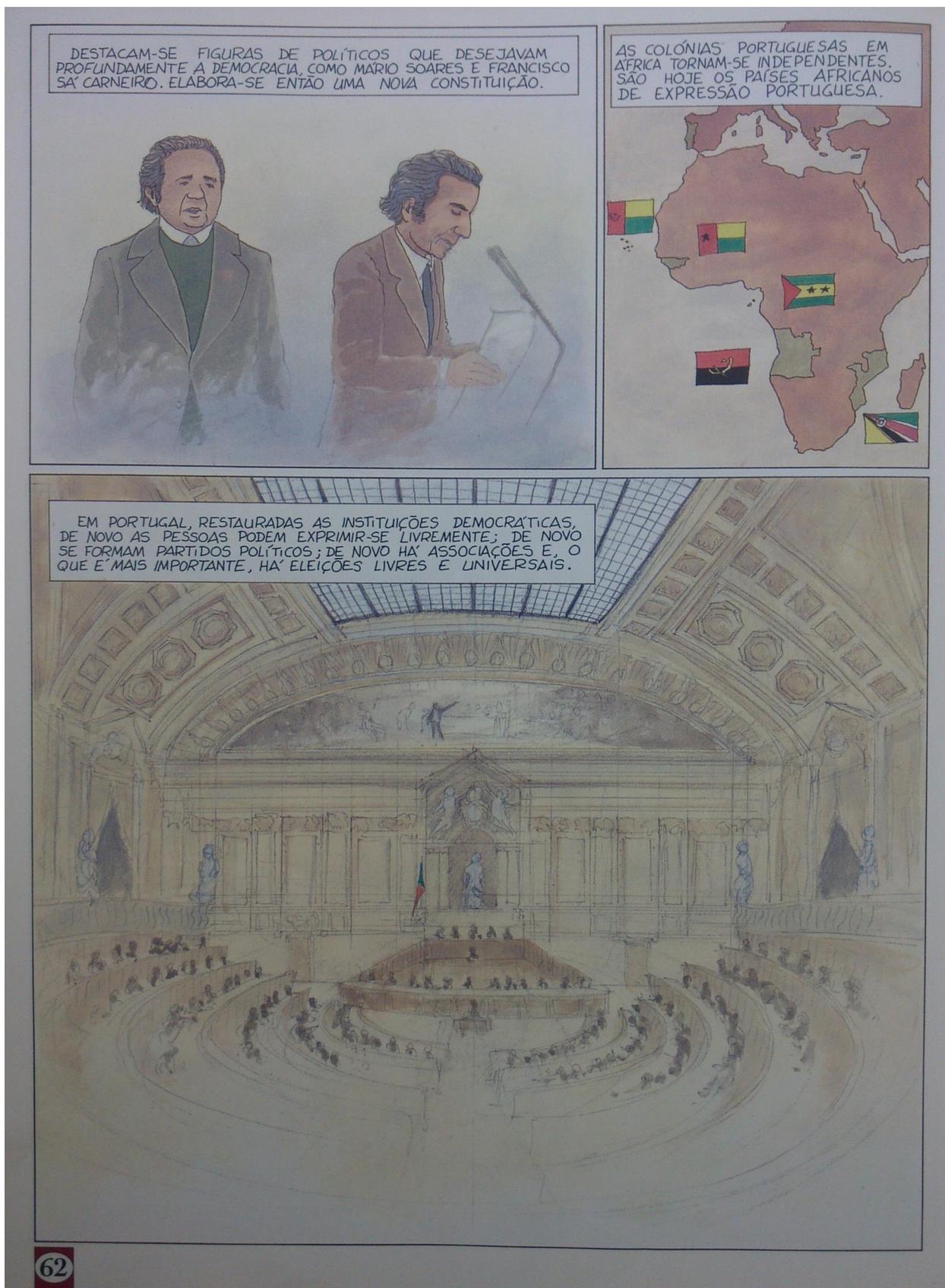
NO MEIO DA ALEGRIA POPULAR, UM NOVO PERÍODO COMEÇA PARA O RESTABELECIMENTO DAS LIBERDADES DEMOCRÁTICAS EM PORTUGAL



AS FORÇAS ARMADAS SÃO O GARANTE DA DEMOCRACIA ...

Pinheiro

**Anexo XII**– Excertos da BD “Portugal 8 Séculos em Banda Desenhada” de Maria da Conceição Fernandes e José Morim, p.62;



**Anexo XIII**– Ficha de Interpretação da BD aplicada no 2.ºCiclo;

**Ficha de Interpretação**

Nome: \_\_\_\_\_ Data: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_

Ano/Turma: \_\_\_\_\_

**1. Depois de efetuares a leitura da BD de Victor Mesquita e do excerto da BD (p. 52) “ Portugal 8 Séculos em Banda Desenhada” da autoria de M<sup>a</sup>. da Conceição Fernandes, indica:**

1.1. Qual o acontecimento histórico retratado na BD?

\_\_\_\_\_

1.2. Quais as personagens que identificas na Banda Desenhada?

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

1.3. Como surgiu este acontecimento?

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

1.4. Indica com base na BD, quais os códigos (senhas) que confirmavam o início das operações que levaram a este acontecimento?

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

1.5. A partir da BD (anexo 1), explica por palavras tuas, a designação da seguinte legenda: "Foi necessário pouco tempo para abater um regime que oprimiu o povo português durante 47 anos, 10 meses,24 dias e algumas horas ...."?

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

---

---

1.6. Com base nas BD's, apresenta qual/ais a/s consequência/s deste acontecimento no nosso país?

---

---

---

---

---

---

---

---



**Bom trabalho!**

**Anexo XIV** – Ficha de Metacognição aplicada no 2.º Ciclo.

**Ficha de Metacognição**

Nome: \_\_\_\_\_ Data: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_

Ano/Turma: \_\_\_\_\_

1. Atenta nas questões e responde o mais completo possível.

1.1. Durante as aulas de História e Geografia de Portugal, conseguiste interpretar os conteúdos presentes nas bandas desenhadas?

Sim	
Não	
Só com o apoio de outras fontes	

1.2. Sentiste dificuldades na realização da ficha de interpretação da Banda desenhada?

Sim	
Não	

1.3. Se respondeste sim, refere quais. Se respondeste não, justifica porquê.

---

---

---

2. Com a construção da BD sobre a Revolução do 25 de Abril, conseguiste expressar, através desta o teu conhecimento histórico?

Sim	
Não	

2.1. Justifica a tua resposta.

---

---

---

---

2.2. Achas que o recurso a bandas desenhadas, no estudo do 25 de Abril, ajudou-te na aprendizagem sobre este acontecimento histórica?

Sim	<input type="checkbox"/>
Não	<input type="checkbox"/>

2.3. Justifica a tua resposta.

---

---

---

---

Obrigado pela colaboração!